UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ESTHER HWANG

Suicídio por contágio e a comunicação midiática

São Paulo
2018

ESTHER HWANG

Suicídio por contágio e a comunicação midiática

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como pré-requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Orientadora: Prof. Dra. Maria Júlia Kovács

São Paulo

2018

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Hwang, Esther

Suicídio por contágio e a comunicação midiática / Esther Hwang; orientadora Maria Júlia Kovács . -- São Paulo, 2018.
175 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018.

1. Suicídio por Contágio. 2. Meios de Comunicação. 3. Jornalismo
4. Prevenção do Suicídio. I. Kovács , Maria Júlia , orient. II. Título.

Nome: Hwang, Esther

Título: Suicídio por contágio e a comunicação midiática.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
mestre em Psicologia

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que atravessaram meu caminho e marcaram minha existência com suas vidas. Em especial agradeço:

A Deus, por ter me concedido a vida e ofertado a oportunidade de ser uma peregrina e fincar minhas raízes em solo fértil e profundo, possibilitando a construção de um lugar existencial no mundo;

À minha orientadora, Maria Júlia Kovács por me acompanhar de maneira atenciosa, paciente, acolhedora, desde suas orientações primorosas, assim como na hospitalidade ofertada. Obrigada por me ajudar no processo de revisitar minhas memórias, ressignificar as vivências e cuidar de mim. Júlia, minha imensa e profunda gratidão por nossos caminhos terem se cruzado e pela parceria construída. É um privilégio ser sua orientanda-mascote!

A Karina Okajima Fukumitsu, por ter me incentivado a entrar no mestrado e alçar voos mais altos. Obrigada por compartilhar suas reflexões acerca do tema e mostrar que a nossa história de vida pode servir de inspiração para o trabalho acadêmico;

A Fernanda Cristina Marquetti, pela amizade, carinho, confiança em meu trabalho e contribuições inestimáveis que foram imprescindíveis para aprimorar meu olhar em relação ao tema, despertando em mim inquietações constantes;

Ao meu pai, Kyu Tae Hwang, que com seu jeito próprio me ensinou a ser firme em minhas convicções, as quais me deram determinação e perseverança nessa caminhada;

À minha mãe, Mi Sook Park, que de tantas maneiras me encoraja a trilhar meu próprio caminho. *Omma*, obrigada por sua generosidade sem fim e por ter me concebido dentro de seu ventre, permitindo minha peregrinação no mundo afora;

Aos meus irmãos, Aaron e Sabrina Hwang, por me aceitarem do jeito que sou e fazerem parte da minha jornada;

A Elizabeth Avelino Rabelo, pelo apoio, cuidado, acolhimento, reciprocidade, constante encorajamento e companhia nos horizontes mais profundos da vida, dando-me fôlego para morrer e renascer tantas vezes;

Aos amigos queridos do LIC: A Daniela Pupo, por ser um heterosuporte em imersões profundas, dispondo-se a “nadar” comigo em minhas lágrimas e por ter acreditado que teria

determinação para cumprir o trabalho que me esperava. A Max Paulino, pela companhia na travessia de desertos e sombras, as quais me deram força e coragem para transcender as dificuldades e ir além. A Rafaela de Brito, por me remeter à preciosidade da vida nos momentos incertos e mostrar que é possível ser forte e sensível ao mesmo tempo;

Às amigas-irmãs: A Jessica Jin, pelo apoio incondicional e por me afirmar com toda a certeza do mundo: “*I got you back*”. A Hana Choi por seu afeto generoso que se desvela de maneira firme e amorosa, contribuindo imensamente para o meu amadurecimento. A Monica Yoo, pelo ombro amigo e por transformar situações trágicas em cômicas, trazendo mais leveza à vida. A Marga Choi, por ser um bálsamo em tempos difíceis. A Nathalya Kim, pelos longos anos de amizade e de parceria. A Juliana Gonçalves, pelos momentos compartilhados e ao seu pai José Gonçalves (*in memoriam*), pelos conselhos sobre o trabalho acadêmico;

Aos laços que se construíram com esse trabalho: A Felipe Marangoni Pontes, pelos momentos de descontração e trocas ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa; A Fernanda Dias por dividir sua história de vida comigo e ajudar a superar as dificuldades de escrita ao me lembrar dos motivos pelos quais escolhi estudar o suicídio; A Priscila Bonato Galhardo, pela confiança depositada, cumplicidade e apoio; A Paulo Dias, por ter contribuído para que me posicionasse no mundo de forma genuína e autêntica;

Aos amigos sem fronteiras: Cris, Cuba, Dani, Dina, Gabi, Nessa e Vanda, pela disponibilidade, desde sempre, comigo e por serem minha fortaleza;

A Eric Akita, pela disponibilidade e prontidão em me ajudar que foram imprescindíveis para que pudesse adentrar no campo do jornalismo;

A David Tatit, por ter me ofertado seu imensurável carinho;

A Augusto Moraes, pela escuta atenta às minhas dificuldades;

A Secunda Rabelo, Tia Neném, por dispor de seu lar e me aceitar como sua família;

A Yong Uk Oh, (*in memoriam*), que mesmo após sua partida, me sustenta por meio da lembrança de seu carinho; e em seu processo de morte me ensinou a olhar para o Infinito Eterno;

Aos amigos do CVV: A Mario Sant, pela disponibilidade em me ajudar e pelo afeto sempre presente. A Antônio Batista, pela alegria com que me recebe nos eventos de suicídio;

A Gláucia Ataka Rocha, pela ajuda oferecida na formulação do projeto de pesquisa;

À Profa. Luciana Caetano, pelo incentivo e por apoiar a realização desse trabalho;

Aos amigos de orientação, pelas sugestões e momentos de descontração que tornaram o meu caminhar mais leve durante a pesquisa;

Aos Funcionários do IP-USP e ECA-USP; agradeço especialmente à secretária Olívia pelo auxílio nos processos burocráticos;

A Rebeca Simão dos Santos, pela revisão cuidadosa e indicação do filme sul-coreano *Poesia*, que contribuiu para o fechamento desse ciclo, promovendo um novo olhar para a questão do suicídio;

À equipe do LEM, Nancy Vaiciunas e Jussara Nathale, pelo material compartilhado e boas risadas nos corredores;

Aos jornalistas colaboradores, por generosamente compartilharem suas experiências;

Por fim, ao CNPq, pelo apoio financeiro.

RESUMO

HWANG, E. (2018). **Suicídio por contágio e a comunicação midiática.** (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

O suicídio é um fenômeno complexo, multifatorial e não decorre de uma causa única. A mídia desempenha um papel significativo para determinar percepções do público sobre o tema visto que influencia atitudes, crenças, visão de mundo, potencializa comportamentos, gerando impactos na sociedade. Essa pesquisa de natureza qualitativa teve como objetivo compreender como a mídia aborda o suicídio e a possibilidade de influenciar o seu contágio. Foram realizadas entrevistas abertas com cinco jornalistas que atuam na cidade de São Paulo, com o intuito de investigar como o suicídio é noticiado nos meios de comunicação. As unidades de significado foram extraídas tendo como base o método fenomenológico proposto por Moustakas (1994). A análise das entrevistas apontou três categorias temáticas principais: 1) Dos medos e das incertezas diante do contágio aos questionamentos sobre o papel da mídia nos suicídios; 2) As percepções e as posturas dos jornalistas quanto à publicação de suicídios na mídia; 3) Os desafios do jornalismo atual: imediatismo, pressão e sofrimento psíquico. A presente investigação mostrou que os jornalistas contestaram o risco de contágio, mas também apontaram a possível influência midiática nesse processo, sendo que reportagens sobre suicídios têm influência positiva ou negativa dependendo da abordagem e dos temas incluídos. Destacam-se as dificuldades enfrentadas pelos jornalistas: rapidez na publicação, busca por audiência, imediatismo e pressão sofrida no trabalho, que têm como consequência a publicação de reportagens menos reflexivas e mais informativas. Essa pesquisa pode contribuir com reflexões acerca da publicação do suicídio e compreender o papel dos meios de comunicação para fomentar a conscientização pública, acreditando que uma reportagem bem elaborada sobre o tema pode colaborar com a prevenção do suicídio e evitar o efeito do contágio por meio da mídia.

Palavras-chave: Suicídio por Contágio. Meios de Comunicação. Jornalismo. Prevenção do suicídio.

ABSTRACT

HWANG, E. (2018). **Suicide by contagion and mass media communication.** (Master's Thesis). Institute of Psychology, University of Sao Paulo, Sao Paulo.

Suicide is a complex, multifactorial phenomenon and does not stem from a single cause. The media plays a significant role in determining public perceptions on the subject as it influences attitudes, beliefs, worldviews, as well as shaping behaviors, all of which impact society. The goal of this qualitative study is to understand how the media approaches suicide and the possibility that it may influence its contagion. Open interviews were conducted with five journalists who work in the city of São Paulo, with the intent of investigating how suicide is reported in the media. The units of meaning were extracted on the basis of the phenomenological method proposed by Moustakas (1994). Analysis of the interviews pointed to three main thematic categories: 1) Fears and uncertainties concerning contagion, stemming from questions about the media's role in suicides; 2) Journalists perceptions and viewpoints regarding the publication of suicides in the media; 3) The challenges currently faced by journalists: immediateness, pressure and psychic suffering. The present study shows that the journalists disputed the risk of contagion, but they also pointed out the possible media influence on this process, given that reporting on suicides has a positive or negative influence depending on the approach taken and the topics included. Of particular note are the difficulties faced by journalists: speed of publication, search for audience, and immediacy and pressure at work, which result in the publication of less reflective and more informative reports. This study presents reflections on suicide reporting and helps to understand the media's role in promoting public awareness, with the belief that a well-written report on the subject can contribute to suicide prevention and avoid the effect of contagion through mass media communication.

Key Words: Suicide by contagion. Mass Media. Journalism. Suicide Prevention.

Sumário

APRESENTAÇÃO: testemunhando minha trajetória.....	12
1 INTRODUÇÃO.....	16
2 O GRITO SILENCIADO: SOBRE O SUICÍDIO.....	21
2.1 Breve histórico.....	22
2.2 Perspectivas sobre o suicídio.....	24
2.2.1 A compreensão sociológica de Durkheim.....	24
2.2.2 O suicídio e a pós-modernidade.....	26
2.2.3 A antropologia urbana e o suicídio.....	28
3 CONTÁGIO: AMPLIANDO REFLEXÕES.....	31
3.1 Suicídio de celebridades.....	35
3.1.1 Suicídio e literatura: Os Sofrimentos do Jovem Werther.....	36
3.1.1.1 Suicídio e televisão: os 13 porquês.....	37
3.1.1.1.1 O contágio e o <i>modus operandi</i>	38
3.2 Fascínio contagiante: espaços públicos de interrupção da vida.....	39
3.2.1 Locais: a ponte <i>Golden Gate</i> (Estados Unidos).....	39
3.2.1.1 Metrô da cidade de São Paulo (Brasil).....	40
3.3 Possibilidades de intervenção e prevenção do suicídio por contágio.....	41
4 A COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA E SEUS DESDOBRAMENTOS NO JORNAL.....	44
4.1 O jornal de papel na era digital.....	45
4.1.1 Novo modo de publicar e consumir notícias: o jornalismo <i>online</i>	46
4.1.1.1 Ser jornalista: desafios e possibilidades de atuação.....	47
4.1.1.1.1 Critérios para noticiar os suicídios nos jornais.....	48
4.2 A comunicação midiática do suicídio na atualidade.....	49
4.2.1 A comunicação em massa e em rede.....	50
5 OBJETIVOS.....	53
6 MÉTODO.....	54
6.1 Abordagem qualitativa e a fenomenologia como método de pesquisa.....	54
6.2 Colaboradores e Critérios de inclusão/exclusão.....	55
6.3 As entrevistas.....	56
6.4 Compreensão dos depoimentos.....	57
6.5 Considerações éticas.....	58
6.6 Mudança de rota: (re)construção do método na pesquisa de campo.....	59
7 DEPOIMENTOS E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	61
7.1 Primeira entrevista.....	62
7.2 Segunda entrevista.....	77
7.3 Terceira entrevista.....	91
7.4 Quarta entrevista.....	107
7.5 Quinta entrevista.....	121

8 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	136
8.1 Dos medos e das incertezas diante do contágio aos questionamentos sobre o papel da mídia nos suicídios	136
8.2 As percepções e as posturas dos jornalistas quanto à publicação de suicídios na mídia	142
8.3 Os desafios do jornalismo atual: imediatismo, pressão e sofrimento psíquico	148
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
REFERÊNCIAS	155
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	171
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	173
ANEXO C (EM CD) – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	175

APRESENTAÇÃO: testemunhando minha trajetória

Quem quiser nascer tem que destruir um mundo; destruir no sentido de romper com o passado e as tradições já mortas, de desvincular-se do meio excessivamente cômodo e seguro da infância para a consequente dolorosa busca da própria razão do existir: ser é ousar ser. (Hermann Hesse)

Segundo a fenomenologia, para fundamentar a ciência com rigor é preciso reconhecer a inexistência da neutralidade, refletindo mais especificamente não é possível separar o sujeito do objeto; o “eu” do mundo que o circunda (Roehe, 2006). Neste sentido, a conexão estabelecida entre o pesquisador e o tema é condição para realizar a pesquisa fenomenológica.

A noção de intencionalidade, sobre a qual a fenomenologia debruça, refere-se à consciência que se direciona a um objeto (Borba, 2010). Desse modo, não há imparcialidade por parte do pesquisador, pois este é influenciado pela sua subjetividade visto que atribui significados ao fenômeno segundo suas vivências, ressaltando que o envolvimento pessoal permite uma relação íntima com o tema, sem que o estudo perca o rigor científico. Sendo assim, esse trabalho é fruto de um profundo encontro da minha história de vida com o tema, logo, o estudo que aqui se apresenta não é imparcial ou neutro, sendo justamente a experiência visceral que o torna ímpar.

O interesse em estudar suicídio surgiu, pois, ao refletir sobre a escolha de vida e de morte, tenho a oportunidade de resgatar minha trajetória pessoal e ressignificá-la. Falar sobre o suicídio, um tema que vivenciei com intensa proximidade, evocou angústia e acolhimento. Foi uma profunda imersão em minha dor, ao mesmo tempo essa experiência trouxe refrigério e ofereceu espaço para que pudesse me expressar.

A seguir apresento um trecho da minha trajetória de vida, ilustrando as vivências das tentativas de suicídio que ecoam em mim. Tocada em “carne viva”, a minha história está inscrita sobre meu corpo, expondo as marcas e as cicatrizes deixadas pela experiência, que por meio delas sou convidada a revisitar dores, lutas e superação.

Minha história inicia-se na Coreia do Sul onde meus pais nasceram e imigraram ao Brasil em busca de melhores condições de vida. Aportar em um país estrangeiro foi uma experiência traumática, pois ambos passaram por privações de alimento, conforto, moradia e trabalharam arduamente para sustentar os filhos. Desde então, cresci com a crença de que deveria me calar e internalizar os sentimentos, pois não havia espaço para expressar o sofrimento psíquico, uma vez que as necessidades fisiológicas (alimentação, moradia e até mesmo o respirar) eram prioritárias em minha família.

O fato de ser brasileira, filha de imigrantes sul-coreanos, com dificuldade para me comunicar com meus pais foi uma experiência na qual me senti como uma estrangeira em minha própria casa. Por não ter solo saudável para que pudesse me expressar, vivenciei desde pequena o sentimento de desenraizamento, desamparo, solidão que gerou insegurança e medo. Apesar de residirem no Brasil há trinta anos, meus pais não são fluentes em português e eu não sou versada em coreano, assim, a dificuldade de comunicação impedia o diálogo e o grito por ajuda, contudo, o silêncio não estava relacionado apenas na questão do idioma, mas nas tradições, nos costumes e nas vivências dolorosas que marcavam minha família e nos emudecia.

Diversas tentativas de suicídio foram realizadas e ao comunicar sobre minha dor aos meus pais, estes retrucaram, pois ambos lutavam para sobreviver, oferecer comida, estudo e moradia, para eles, isso era o suficiente para viver. Contudo, a minha busca existencial estava calcada em reflexões mais profundas, muito além das necessidades de sobrevivência. Acredito que as tentativas de suicídios não ilustram apenas o desejo de uma vida diferente, simbolizam, sobretudo, o anseio em apropriar-me do meu mundo; ser e vivenciar a experiência mais profunda do “eu”, sendo que na época, o suicídio era a única forma na qual pude apossar de mim mesma. Aqui-e-agora, compreendo que as lágrimas decorrentes desse processo possibilitaram irrigar meus desertos existenciais visto que atravessar essa dor tornou-se condição para que desabrochasse vida nos terrenos inóspitos que habitam em mim. Hoje percebo que há outras vias que levam à apropriação da própria existência, além do suicídio e da autodestruição. A dificuldade em comunicar meu sofrimento, principalmente durante as tentativas de suicídio, levou-me a debruçar sobre esta temática como uma maneira de transformar o silêncio em expressão criativa e comunicar uma ação velada.

Cassorla (1992), no prefácio do livro *Morte e Desenvolvimento Humano* de Kovács (1992), assinala: “coragem é vida. Vem de coração. De confiar na vida” (p. 17). Foi preciso ter coragem para tecer minha vivência com o tema, pois o suicídio é tabu na sociedade e o estigma que se percebe quando alguém tenta se matar, torna-se um rótulo, uma marca indelével da qual a pessoa poderá carregar para o resto da vida dela. Durante as diversas tentativas pensei que se tivesse sido acolhida, minha história de vida poderia ser diferente, contudo, não se pode voltar e fazer um novo começo, tal como Sartre (1952/2002, p.61) afirmou: “... o importante não é o que fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos com o que fizeram de nós”.

Ao iniciar esse trabalho, estou consciente de que não é possível esquecer o meu passado, no entanto, as tentativas prévias de suicídio hoje são transfiguradas em

possibilidades de atribuir à minha experiência um momento de coragem, força e luta para viver. O suicídio é um assunto sobre o qual me calei por medo de ser julgada. Desejo me aproximar da vivência da pessoa que pensa em suicídio, que diante de uma situação difícil, sobretudo do estreitamento de perspectivas, não enxerga a luz no fim do túnel que pode resgatá-la da angústia, que beira o insuportável.

Por ter essa vivência, desejo estudar o suicídio, pois muitos percebem àquele que se mata como louco da sociedade, pois não sabe dar valor aos princípios da existência. Acredito, sobretudo, que por trás do ato suicida exista um clamor por ajuda que muitos não enxergam, por isso, não oferecem espaço para que a pessoa tenha sua voz ouvida e seu sofrimento acolhido. Do mesmo modo, acredito que a pessoa que pensa em suicídio, potencialmente como solução de alívio de seu sofrimento, suporte a dor até o dia em que seu ato torne-se real e dê um fim aos algozes que atormentam sua alma.

Muitas pessoas pensam que essas vivências deveriam ser esquecidas. No entanto, a minha alma e os meus pulsos carregam as cicatrizes das tentativas de suicídio, então como é possível esquecer-me de um evento que marcou não somente minha existência, mas também meu corpo e a minha pele?

Felizmente, o suicídio não foi consumado e este processo de ressignificação me influenciou tanto na delimitação do tema de mestrado quanto na escolha da Psicologia enquanto profissão. Sendo assim, encontrei pessoas e escolhi percursos que me ajudaram a transformar o sofrimento em superação.

Assim, compartilho parte da minha vida, que é movida por essa profunda dor pessoal, mas também por um desejo de ressignificação. Desfilam pelas páginas desse trabalho a busca em fechar minhas *gestalten* abertas e elaborá-las ou nas palavras de Artaud (1974/2007): “ninguém nunca escreveu ou pintou, esculpiu, construiu, inventou, a não ser para sair do inferno” (p. 61).

Durante o processo de escrita, compreendi que jamais terei superado completamente as vivências das tentativas de suicídio, por isso, pareceu-me muito oportuno e adequado utilizar a palavra restauração. Menciono uma metáfora para versar esta ideia: quando um vaso é quebrado, há um processo de restauração das rachaduras, trincas e fissuras que permanecem visíveis, sendo impossível consertá-las a ponto de torná-lo igual ao um novo. Do mesmo modo, as vivências deixaram marcas e ranhuras em mim que jamais serão esquecidas. Tal processo faz transparecer o paradoxo da minha existência: a fragilidade e a força para viver. A ressignificação e a elaboração de conteúdos dolorosos permitem-me, agora, estar revestida de

pele e não ser mais tocada em “carne viva” com minhas entranhas e feridas expostas, o que me coloca diretamente na categoria dos sobreviventes.

A águia em sua fase adulta depara-se com a difícil tarefa: suas unhas, seu bico e suas penas já não servem mais para caçar, para sobreviver precisa arrancá-las. Esse processo implica em voar para o alto de uma montanha, recolher-se e enfrentar a dolorosa restauração, arrancando-os um por um até que novas unhas, penas e bico possam nascer novamente e, assim, viver por mais trinta anos. Do mesmo modo, esse trabalho acadêmico faz parte de um processo no qual tive de extrair minha antiga pele para finalmente alçar voos mais altos. Somente agora pude perceber que as dificuldades foram de fato uma oportunidade para crescer. Não foram situações das quais eu gostaria de ter vivido ou muito menos agradáveis ou fáceis, mas acredito que essas circunstâncias me deram força, determinação e coragem para realizar minha travessia. Nas palavras de Safra (2004, p. 25): “é preciso chegar e ir-se, alcançar e recolher. Viver para morrer”.

A frase de Fukumitsu (2013, p. 229) toca minha alma: “por que se calar se o falar é tão importante?”. Minha mensagem aos sobreviventes e aos que pensam em suicídio: desejo que encontrem espaços de hospitalidade, seus sofrimentos sejam acolhidos e cada vez mais o silêncio seja transformado em expressão.

Esse trabalho surge a partir da proximidade que faço da minha história de vida com o tema do suicídio. Por esse motivo, mais que uma justificativa acadêmica, tenho a oportunidade de ressignificar meu processo sofrido, vivido e agora acolhido.

1 INTRODUÇÃO

Morte é um tabu, sendo um assunto pouco discutido nas escolas, nas conversas cotidianas, no trabalho, no hospital, assim como em ritos fúnebres. O conceito de morte é associado à ideia de vulnerabilidade, solidão, perda, ausência, separação – temas que são de difícil compreensão para o ser humano, com reflexões sobre seu caminho e sua existência. Yalom (2007) afirma que para atenuar a angústia e o terror relacionados à morte concebemos formas de negá-la, pois esquivar-se dela é menos aterrorizante que a verdade “de que carregamos dentro de nós as sementes de nossa própria morte” (p. 13).

Segundo Kübler-Ross (1969/2008), há muitas razões para se evitar falar a respeito da morte. Uma delas é que morrer é, acima de tudo, um evento triste e solitário e imaginar um fim para a vida é angustiante. Ao deparar-se com essa experiência, a pessoa conscientiza-se da impotência e da fragilidade humana. Ainda, a autora refere que desde os primórdios o homem abomina a morte, pois essa é percebida como um acontecimento medonho.

Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que a sociedade evita a morte, esta é, por excelência, uma doadora de sentido visto que é mediante o reconhecimento deste evento que o homem vivencia a angústia da finitude e passa a refletir sobre a busca de sentido à vida. Nesse pensamento, vida e morte não se configuram como polaridades, ambas coexistem desde o nascimento e são processos fundamentais para a existência. Aludindo a este tema, Landsberg (1946/2009) assinala que a morte é apresentada à experiência humana em forma dialética, como uma presença ausente. Por esta afirmação do autor, podemos vislumbrar a constatação real da morte em que essa experiência é vivenciada a cada instante e, ao mesmo tempo, é ausente diante da incerteza de quando morreremos.

De acordo com Rodrigues (2006), a consciência da morte é própria da humanidade, permitindo ao indivíduo transformar o seu modo de ver a vida, a morte e o mundo. O autor aponta que o silêncio em torno da morte na sociedade ocidental a tornou um tabu e o fenômeno passou a ser abordado de maneira generalizada, distante e exteriorizada. Em uma perspectiva complementar, Becker (1973/2017) postula que o medo da morte provoca inquietações no ser humano que busca evitar sua fatalidade, negando-a como destino final.

Se a morte provoca questionamentos e é afastada da consciência, o que podemos dizer sobre o suicídio? Menninger (1970) refere que o suicídio causa incômodo, pois “tão grande é o tabu sobre suicídio que algumas pessoas não dizem a palavra, alguns jornais não publicam notícias dele e mesmo cientistas, têm-no evitado como objeto de pesquisa” (p. 27).

Cassorla (1991) aponta que o suicídio é um fenômeno complexo e multifatorial, ou seja, que não existe apenas uma causa, mas diz respeito a uma série de fatores que se acumulam ao longo da vida da pessoa. Segundo essa perspectiva, o suicídio não tem explicações objetivas e simplistas e não se trata de uma situação de causa e efeito. É um fenômeno que deve ser estudado de forma pormenorizada, suspendendo os juízos de valor que, muitas vezes, permeiam o tema.

Devido aos números alarmantes de suicídios, em 1999, a Organização Mundial da Saúde lançou o SUPRE (*Suicide Prevention Program*) como iniciativa para a prevenção ao suicídio, elaborando manuais dirigidos aos profissionais específicos. Dentre estes, encontra-se *Um manual para profissionais da mídia* (OMS, 2000) que apresenta propostas sobre como o suicídio deve ser noticiado nos meios de comunicação visto que, segundo este manual, a maneira como a mídia trata os casos públicos de suicídios pode influenciar a ocorrência de outros, processo denominado suicídio por contágio.

A seguir, problematizaremos a questão do contágio do suicídio, abordando-o de forma minuciosa, apontando diversas perspectivas, tendo em vista a importância de desmitificar algumas concepções e promover discussões que ampliem a visão acerca do fenômeno. Para tanto, essa primeira parte da dissertação é destinada a introduzir o tema com o objetivo de contextualizar o leitor e delinear nosso ponto de vista sobre o contágio do suicídio, a partir de uma análise crítica.

De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa Houaiss (2009), contágio significa transmissão de características de uma pessoa a outra por contiguidade ou proximidade, seja por contato direto ou indireto. Já a palavra imitação aparece como: “1.1. reprodução, imagem ou representação, o mais exato possível, de algo ou alguém ... 1.5. repetição de um motivo, um tema” (Houaiss & Villar, 2009, p. 1050).

O contágio do suicídio suscita muitas discussões e as reflexões que se seguem são hipóteses e possibilidades de compreensão. Devido à amplitude e complexidade do assunto, apresentaremos o fenômeno partindo de um recorte específico: a influência histórica e sociocultural no contágio do suicídio.

Durkheim, sociólogo e autor da importante obra: *O suicídio – Estudo de sociologia* (1897/2013), afirma que “não pode haver imitação se não há um modelo a ser imitado; não há contágio sem um foco do qual ele emane” (p. 144). O autor estabelece o conceito de imitação, referindo que é um fenômeno social que se propaga de duas maneiras: por meio de “boca em boca”, como tradição oral ou tão somente quando há centros de irradiação, os jornais, meios de comunicação que, segundo o autor, são fortes instrumentos de difusão de ideias na

sociedade. No entanto, Durkheim (1987/2013) faz uma ressalva ao apontar que embora a responsabilização das taxas de suicídios seja atribuída aos jornais não é possível constatar tal correlação.

Alguns autores, atribuindo à imitação um poder que ela não tem, solicitaram que fosse proibida a reprodução de suicídios e dos crimes nos jornais. É possível que essa proibição consiga reduzir em algumas unidades o montante anual desses diferentes atos. Mas é muito duvidoso que ela possa modificar a taxa social (Durkheim, 1982/2013, p. 159-160).

Os estudos de Jamieson, Jamieson e Romer (2003); Koburger et al. (2015); Hawton, Saunders e O'Connor (2012); Tousignant, Mishara, Caillaud, Fortin e St-Laurent (2005) apontam que reportagens sobre suicídios podem induzir o ato em indivíduos vulneráveis que sofrem de depressão, por exemplo. De acordo com as suas pesquisas, pessoas que pensam em suicídio planejam sua morte, escolhem o local e o método, em parte, por influência de informações disponíveis na *internet* e nos jornais.

Ainda que a disponibilidade de informações e a decisão individual influenciem o processo, a mídia e a vulnerabilidade por si só não explicam o contágio. Loureiro, Moreira e Sachsida (2013) questionam o efeito da mídia: “será que a divulgação de uma notícia referente ao suicídio estimula outras pessoas de grupos similares a tirarem a própria vida?” (p. 7). Se julgarmos que pessoas agem de maneira mecânica, não reflexiva ao imitar os suicídios expostos nos meios de comunicação, haveria então, inúmeras mortes, culminando com a iminência de aniquilamento de diversos grupos por essa razão.

Fernanda Marquetti (2016), nos seus comentários no exame de qualificação, traçou um paralelo entre a ideia de contágio e a prevenção na saúde pública para explicar o papel da mídia nos suicídios com o exemplo do *aedes aegypti* que dispersa a doença da dengue. Para evitar a sua propagação há necessidade de eliminarmos os locais que acumulam água e que servem de criadouro para o mosquito. Assim como o mosquito, a mídia é o vetor do contágio, isto é, o meio condutor das ideias suicidas. Essa perspectiva nos leva a refletir que o problema da Dengue, Zika e Chicungunha está na água limpa parada e não no mosquito transmissor. Da mesma maneira, a prevenção do suicídio deve ser realizada no foco do problema, ou seja, no meio sociocultural e não somente nos meios de comunicação.

Portanto, a mídia exerce influência sobre o suicídio, porém colocamos uma ressalva, pois, segundo Marquetti (2014), a pessoa percorre um caminho em que escolhe matar-se, elegendo previamente o método e o local. Neste trabalho é destacada a ideia de que os meios de comunicação colocam gasolina em uma fogueira que já está queimando, ou seja, a fogueira pode ser equiparada ao suicídio e a mídia a gasolina. Esta metáfora explica que a decisão de

morte é pré-determinada pela pessoa e os meios de comunicação tendem a **potencializar** pensamentos suicidas, mas não são a causa. O suicídio por contágio está relacionado, sobretudo, à articulação da simbolização pessoal, às formas de significação sociocultural dos locais, dos métodos e do ato suicida.

Segundo os estudos de Bell, Stanley, Mallon, Manthorpe (2015); Bunch e Barraclough (1971), o suicídio por contágio tem como base dois mecanismos importantes: a imitação e a identificação. Esses processos, segundo Harvey (1989/2014), Debord, (1997) e Baudrillard (1995), tendem a ser acentuados pelos meios de comunicação que levam o espectador a identificar-se e a consumir imagens midiáticas.

Nessa pesquisa, transpomos as compreensões acima para a questão do suicídio que surge na pós-modernidade como uma imagem fascinante e atrativa, sendo um produto apresentado pela mídia para ser consumido na sociedade do espetáculo. O contágio é impulsionado pelas **forças atrativas**, entre essas, as imagens suicidas – cenas, pessoas que se mataram, exaltação da morte, fascínio e o espetáculo do ato, do local e dos métodos.

Esse trabalho visa compreender o suicídio por contágio e a comunicação midiática, tendo como foco jornalistas, buscando verificar como esse profissional considera que o suicídio deva ser noticiado nos meios de comunicação. Salientamos que o tema necessita de mais estudos, dada a urgência de reflexões sobre o tema do suicídio. Segundo Minayo e Cavalcante (2010), há necessidade de investimento em pesquisas no Brasil, uma vez que a taxas de suicídios têm crescido em ritmo vertiginoso.

Nesse trabalho optamos por utilizar uma perspectiva multidisciplinar com visões da Antropologia, Psicologia, Sociologia e da Comunicação Social, mais especificadamente o Jornalismo como forma de compreender o suicídio. Partiremos desse pressuposto, propondo interlocuções com autores das áreas supramencionadas para aprofundar o tema.

No primeiro capítulo do referencial teórico intitulado: *O grito silenciado: sobre o suicídio*, apresentamos as principais pesquisas sobre a temática estudada, os aspectos sócio-históricos, a perspectiva de Durkheim, o suicídio e a pós-modernidade e a antropologia urbana.

No segundo, *Contágio: ampliando reflexões*, apontamos as transformações da pós-modernidade, o processo da identidade e a imitação, a influência das celebridades, a literatura, a televisão, os locais públicos de suicídios, o *modus operandi*, por fim, as possibilidades de intervenção e de prevenção.

No terceiro, *A comunicação midiática e seus desdobramentos no jornal*, abordamos o jornal de papel na era digital, discutindo os desafios e as possibilidades de atuação dos

jornalistas, os critérios para noticiar os suicídios nos jornais, a comunicação do suicídio na atualidade e a diferença entre a comunicação em rede e em massa.

Em seguida, apresentamos os objetivos e o método utilizado nesse estudo. O método inclui a justificativa para a escolha da abordagem qualitativa, os critérios de inclusão e exclusão dos colaboradores, os instrumentos e os procedimentos para coleta de dados, por fim, os passos percorridos para a compreensão dos dados.

Nos capítulos seguintes aos supracitados encontram-se os relatos dos colaboradores e a análise de cada entrevista, posteriormente a discussão dos principais temas que emergiram dos depoimentos, seguidas das considerações finais em que procedemos à discussão geral das reflexões obtidas nesse estudo.

2 O GRITO SILENCIADO: SOBRE O SUICÍDIO

O suicídio é meio de morrer particularmente horrível: o sofrimento mental que conduz a ele costuma ser prolongado, intenso, e sem paliativos. Não existe morfina equivalente para mitigar a dor intensa, e a morte costuma ser violenta e terrível. (Jamison, 2010, p. 27).

Ao estudar o suicídio, logo surgem diversos questionamentos: o que leva uma pessoa a tirar sua própria vida? Qual o método utilizado? Como lidar com essa situação? Será que um dia superaremos a perda de um ente querido por suicídio? – questões que não oferecem uma explicação e resposta única para o problema posto pelo suicídio.

De acordo com Kovács (2014) o suicídio é um tabu e “este tema é o mais difícil e complexo de ser abordado no espectro de interdição da morte na sociedade ocidental contemporânea, e nenhuma teoria ou abordagem única dá conta de sua diversidade” (p. 229). Ainda segundo a autora, o suicídio inclui uma série de situações complexas, vagas e indefinidas. A concretização do suicídio depende da intencionalidade do ato e dos comportamentos autodestrutivos, tais processos crônicos são lentos e muitas vezes inconscientes; são atos de agressão contra si cujo ápice da manifestação autodestrutiva é o suicídio (Kovács, 1992, 2013).

O pesquisador norte americano e especialista nos estudos da área de suicídio e da tanatologia Edwin Shneidman (1993) compreende o suicídio como um fenômeno multifacetado que engloba questões biológicas, culturais, sociológicas, interpessoais, intrapsíquicas e filosóficas. Ainda, o autor cunhou o termo *psychache* para designar o estado de angústia, dor e sofrimento psíquico de uma pessoa que pensa em suicídio.

Cassorla (2004, 2017) afirma que o suicídio provoca a tomada de consciência de que podemos escolher a forma e a hora de nossa própria morte. Também pode ser um pedido de ajuda como uma forma da pessoa comunicar seu sofrimento e uma tentativa não consumada pode ser uma mensagem de desespero.

Para Fukumitsu (2013) a escolha do suicídio passa por um crivo individual que repercute na esfera pública. Essa concepção permite considerar a morte voluntária em duas possíveis compreensões: o suicídio como finalização de um sofrimento individual que pertence ao universo íntimo do sujeito e, ao mesmo tempo, o ato gera impactos na saúde pública e afeta pessoas próximas, principalmente a família.

Silva, Sougey e Silva (2015) discutem o estigma que se desenvolve após a tentativa de suicídio, podendo desencadear inúmeras repercussões na vida das pessoas como a marginalização, exclusão e rotulação. Nesse contexto, o evento suicida pode configurar-se

como o aspecto representativo da história pessoal, de modo que o sujeito não é visto em sua totalidade, e sim pelo ato suicida que se torna o ponto principal de sua biografia.

Segundo Sampaio e Boemer (2000), o ato suicida tem como característica principal ser clandestino, à medida que subverte as regras da sociedade, na qual a morte é banida, evitada e expurgada. A pessoa que se mata é vista como transgressora, pois rompe com os preceitos legitimados pela cultura social que valoriza a perpetuação da vida a qualquer custo e é avessa a ideia de mortalidade.

O suicídio é a mais interdita das mortes sendo um fenômeno silenciado na sociedade ocidental contemporânea (Marquetti, 2011) visto que se trata de um assunto que causa perplexidade, que permanece na sombra e do qual a sociedade desvia o olhar. Provoca sentimento de impotência aos enlutados e revela a discriminação sofrida pela pessoa que escolhe a via da própria morte como alternativa à vida.

Proibição e silêncio são características próprias do tabu. A ideia de repressão presente no título desse capítulo revela a interdição religiosa e cultural conferida ao fenômeno. A temática do suicídio mobiliza sentimentos contraditórios, confronta algumas das premissas do ser humano, pois o autor de sua própria morte caminha em direção contrária ao fluxo natural da existência – o viver.

No decorrer desse capítulo apresentaremos reflexões com o objetivo de esclarecer o leitor acerca do suicídio à luz de várias teorias. Iniciaremos expondo questões históricas e socioculturais sobre o tema.

2.1 Breve histórico

A palavra suicídio deriva do latim, *sui* (si) acrescido do verbo *caedere* (matar), antes de ser utilizada para designar a morte voluntária, o termo era carregado de conotações negativas como autoassassinato, autodestruição, automassacre devido à associação do termo suicídio com o homicídio (Puente, 2008; Alvarez, 1999; Venco & Barreto, 2010).

Apresentaremos os quatro momentos históricos relevantes do suicídio, baseando-se principalmente nos estudos de Kalina e Kovadloff (1983):

a) O suicídio na Antiguidade Greco-Latina

Na Grécia Antiga, o suicídio não era proibido, contudo, o indivíduo não podia matar-se sem prévio consenso da comunidade, portanto, cidadãos não tinham direitos sobre suas

próprias vidas. A pessoa que cometia tal ato transgredia as leis da pólis, atentando contra os valores da comunidade e das normas estabelecidas. Dessa forma, o Estado avaliava se o argumento era consistente, se fosse aprovado, concedia o direito ao cidadão de suicidar-se. O Estado tinha o poder de proibir ou aceitar o suicídio (Kalina & Kovadloff, 1983; Venco & Barreto, 2010; Jamison 2010; Kovács, 1992).

b) O suicídio na Idade Média

Nesse período, com a ascensão do cristianismo, a igreja entendia o suicídio como um ato pecaminoso, condenável, proibido e moralmente mau. A pessoa que se matava era punida com mutilações corporais, sendo os ritos fúnebres e o sepultamento em solo sagrado negados (Guillon & Bonniec, 1984).

A condenação do suicídio fundamentava-se no respeito pela vida, prevalecendo à ideia de que Deus a concedia e somente ele poderia tirá-la. Para Santo Agostinho a pessoa que se mata rompe com um dos dez mandamentos preconizados pelo Cristianismo: “não matarás” (Jamison, 2010; Vaz, 2012; Kalina & Kovladoff, 1982).

c) O suicídio na idade moderna e contemporânea

A significação comunitária de que a vida pertence ao Estado, bem como as concepções de suicídio como pecado advindas das repressões teológicas da Igreja, modificaram-se ao longo do tempo. O suicídio passou a ser visto como um ato que não comprometeria a estabilidade do Estado, por essa razão, as repressões contra a morte autoinfligida foram extintas, promovendo a descriminalização do suicídio na Europa, excluindo-o das listas de crimes (Dantas, 2005; Kalina & Kovladoff, 1983).

Os movimentos intelectuais da época consagraram a morte como uma experiência individual e pessoal. Nesse período, o suicídio passa a ser um sinal de doença mental, decorrente de um desequilíbrio psicológico (Werlang & Asnis, 2004; Jamison, 2010).

As concepções de que a vida pertence a Deus e ao Estado abrem espaço à autonomia, assim, não há mais castigos impostos pela Igreja e pelo Estado. Kovács (1992), baseada no estudo de Kalina e Kovadloff (1983), postula que no Ocidente as principais causas do suicídio são: a solidão, o sentimento de irrelevância social e a falência da tríade: família, Estado e religião.

d) O suicídio na atualidade

Atualmente consolidou-se um novo olhar para o suicídio, pois antes a pessoa que se matava era considerada pecadora, agora é percebida como vítima de uma organização política e econômica que conduz o indivíduo à perda de sentido e ao desespero. O suicídio na atualidade passou a ser visto como um evento desconfortante e de difícil compreensão (Botega, 2015).

Mello (2000) refere que atualmente há uma tendência de associar o suicídio aos transtornos psiquiátricos, principalmente à depressão. Para o autor, essa compreensão é questionável, pois o ato suicida não é decorrente de doença mental, sendo que não há nenhuma associação significativa entre a ideação suicida e os transtornos mentais. No entanto, a literatura psiquiátrica atual refere que a presença de uma doença mental pode acarretar maior possibilidade de suicídio, constituindo-se como um dos fatores preditivos para o ato.

As compreensões atuais a respeito do suicídio estão fundamentadas nas concepções atribuídas à morte voluntária ao longo do tempo, embora o suicídio não seja mais considerado um crime, ainda é visto como transgressão religiosa e social (Kovács, 2013; Marquetti, 2011).

2.2 Perspectivas sobre o suicídio

A seguir, apresentamos a fundamentação teórica sobre o suicídio, a partir da perspectiva da sociologia e da antropologia, para elucidar questões importantes, as quais integram uma compreensão acerca da temática dessa pesquisa.

2.2.1 A compreensão sociológica de Durkheim

No que diz respeito às concepções sociológicas sobre o suicídio, Émile Durkheim (1858-1917) atribuiu aspectos sociais ao ato, definindo-o como “toda e qualquer morte que resulta mediata ou imediatamente de um ato positivo ou negativo, realizado pela própria vítima” (1987/2013, p. 14). Seus estudos sugerem que as constituições individuais, frustrações, misérias, doenças, disposições orgânico-psíquicas, doenças mentais, religiões, classes sociais, gênero e a natureza do ambiente físico exerçam influência sobre as taxas de suicídio, tornando o indivíduo mais propenso a tal ato. Contudo, o autor faz uma ressalva ao apontar que esses fatores não são determinantes para o ato e sim “são as tendências da coletividade que, penetrando os indivíduos, os determinam a se matar” (p. 384).

Embora o autor reconheça as motivações pessoais que levam o indivíduo a tirar a própria vida, as razões não estão centradas apenas no âmbito individual. Cumpre salientar que o sujeito e a sociedade formam um binômio inseparável e é essa relação que segundo o autor, exerce maior influência nas taxas de suicídio, tendo em vista que

existe, portanto, para cada povo, uma força coletiva, de energia determinada, que leva os homens a se matar. Os movimentos que o paciente realiza e que, à primeira vista, parecem exprimir apenas seu temperamento pessoal são na verdade a consequência e o prolongamento de um estado social que eles se manifestam exteriormente (Durkheim, 1897/2013, p. 384).

Segundo essa compreensão, o suicídio é um ato individual que expressa um problema coletivo e social. Se para Durkheim (1897/2013), o suicídio é um ato permeado de questões sociais e está relacionado com a maneira como a pessoa vincula-se à sociedade, há três modos do sujeito ligar-se a ela, são eles: egoísta, altruísta e anômico, que seguem abaixo, respectivamente.

a) Suicídio Egoísta

O suicídio egoísta está relacionado à baixa integração do indivíduo aos laços grupais. Em suas ideias, Durkheim (1897/2013) priorizou a análise dos fenômenos sociais como determinadora das ações do indivíduo. Desse modo, a concepção do homem como um ser social denota a constante interação do sujeito com os outros, consigo mesmo e com o mundo. Ao se desvincular do meio em que vive, a relação indivíduo-sociedade é afrouxada; solitário, o sujeito pode sentir que não possui mais motivação para viver, passando a ter maior inclinação para o suicídio.

b) Suicídio anômico

Durkheim (1897/2013) refere que nesse tipo de suicídio é possível observar o afrouxamento dos laços sociais, no entanto, difere-se do suicídio egoísta, pois na anomia, a causa está na própria sociedade. É chamado de anômico quando a sociedade não é capaz de exercer sua função reguladora na vida das pessoas devido à ausência de lei ou de regra, como ocorre em períodos de crises financeiras e sociais.

c) Suicídio altruísta

Durkheim (1897/2013) identifica este tipo de suicídio presente em mártires e religiosos fortemente integrados aos grupos sociais favoráveis ao suicídio coletivo. O indivíduo está tão ligado a um grupo que daria sua vida por ele, seja por uma causa política, religiosa ou econômica. Para o autor, “quando [o indivíduo] é desligado da sociedade, o homem se mata facilmente, e também se mata quando é integrado nela demasiado fortemente” (p. 297). Dessa maneira, a grande contribuição desse autor é que ao estudar o suicídio, ele enfatizou que a sociedade, o contexto histórico-cultural e o indivíduo estão intrinsecamente ligados e em constante interação.

2.2.2 O suicídio e a pós-modernidade

Abordaremos referências sobre o estudo da pós-modernidade como estilo de vida e de construção de identidade do homem. Tendo em vista que o objeto desse estudo está inserido nas questões da pós-modernidade, buscaremos tecer aproximações entre as transformações presentes citadas e o suicídio.

Harvey (1989/2014) equipara a pós-modernidade a aceleração do tempo e o encurtamento do espaço no qual as trocas e o consumo tornaram-se mais rápidos e frequentes. A construção de novas imagens e signos que tem como aspectos principais a instabilidade, o superficial e o ilusório passam a impressão de que vivemos num mundo de efêmeras imagens.

Com o advento da modernidade líquida referida por Bauman (2001), as tradições, as comunidades, as relações do sujeito consigo mesmo e com o mundo fragmentaram-se, impulsionando a rápida e a inconstante modificação dos sujeitos e dos vínculos sociais. As consequências são típicas dessa sociedade: o mal-estar, a aflição, a constituição de uma identidade diluída e a ausência de pontos de referências fidedignos e sólidos que contribuem para tornar a personalidade mais estável e segura.

Giddens (1991) associa a modernidade a um período de novos estilos, costumes de vida e organização social que surgiu na Europa a partir do século XVII. A perspectiva do sociólogo em relação à modernidade está fundamentada na concepção de que vivemos um momento de descoberta em que nada pode ser conhecido com alguma certeza. Essas modificações desvencilharam-se de antigos modos de vida e de formas de organização tradicionais, estabelecendo um novo sistema de interconexão social, que alterou as mais íntimas e pessoais características da existência humana.

No que tange às modificações das relações sociais, Berman (1988) assinala que as fronteiras geográficas praticamente deixaram de existir na modernidade. Em certo sentido, essa experiência uniu as pessoas, permitindo que os indivíduos tenham experiências similares com pessoas distantes. Entretanto, o autor aponta que essa experiência é paradoxal, uma vez que também provoca desunião, desintegração, ambiguidade e angústia.

O consumo imediato e a temporalidade acelerada presentes na pós-modernidade produzem uma subjetividade típica desse período: a construção de uma identidade incoerente, instável e fragmentada. Hall (2011) aponta que essas transformações trazem consequências para o sujeito, que passa a assumir identidades diferentes cuja característica principal é a incerteza da própria identidade:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade se torna uma 'celebração móvel' formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam (p. 13).

Fensterseifer e Werlang (2006) apontam que a pós-modernidade é marcada pela cultura do narcisismo e do espetáculo, na qual as relações são pautadas pela superficialidade e pela rapidez. Vivemos uma época de identidade cultural difusa em que há uma busca frenética de proteção face ao desamparo, vazio e ao mal-estar. O sujeito pós-moderno tende a descartar identidades e adotar novas de modo rápido e imediato, portanto, nenhuma identidade é fixada. Essa flexibilidade pode causar desestruturação na vida psíquica, uma vez que o modo de pensar, experimentar, interpretar e ser no mundo são mutáveis. Segundo as autoras, o suicídio e as condutas autodestrutivas podem surgir como uma maneira de lidar com esse sentimento que acomete o indivíduo pós-moderno, que teme ficar sozinho e sem raízes. Essa compreensão aponta para a profunda correlação entre a pessoa que morre por suicídio, a sociedade e o contexto histórico da qual ela faz parte.

A pós-modernidade aponta para uma crise de nossa época: a falta de referências constantes e duráveis, a dificuldade de estabelecer uma identidade, o sentido fugaz, o individualismo, permeados pelo consumo de imagens. Essas transformações modificaram o estilo de vida do homem, o modo como as pessoas relacionam-se consigo, com o mundo e com os outros, acarretando a impessoalidade e a identificação do sujeito com o suicídio de outras pessoas.

Portanto, o suicídio além de relacionar-se com o estilo de vida que descrevemos acima, também se relaciona com o tema da cidade e da metrópole, uma vez que esse espaço é marcado pela busca de identidade e fragmentação das relações sociais. Boff (2014) aponta

que “há um descuido e um abandono crescente da sociabilidade nas cidades. A maioria dos habitantes se sentem desenraizados culturalmente e alienados socialmente. Predomina a sociedade do espetáculo, do simulacro e do entretenimento” (p. 20). Já Da Matta (1997) destaca um aspecto singular a respeito da cidade ao concebê-la como um espaço em que é, ao mesmo tempo, eterno e transitório, individualizado e coletivo, no qual se observa a presença de unidades sociais contraditórias e problemáticas.

2.2.3 A antropologia urbana e o suicídio

A articulação saúde-urbanismo surgiu devido à compreensão de que o suicídio está relacionado diretamente com a cidade, com a cultura urbana, com o processo de metropolização e as subjetividades construídas na metrópole. Baseadas nessas reflexões, optamos por uma aproximação entre a antropologia urbana e a sociologia, estabelecendo uma possível interface entre o estudo da cidade e o suicídio.

A antropologia urbana investiga as formas de sociabilidade, o fenômeno urbano e analisa as práticas culturais na metrópole: o trabalho, a locomoção, o lazer, os espaços públicos, os atores sociais e a paisagem em que essas práticas são desenvolvidas, isto é, os cidadãos e a cidade. Essa última é entendida não apenas como um cenário, mas parte constitutiva das atividades da vida urbana (Magnani, 2016).

No que diz respeito às modificações na subjetividade do sujeito citadino, Park (1976) assinala que o crescimento das cidades foi acompanhado pela substituição de relações íntimas, face a face por relações indiretas cuja consequência é a fusão de individualidades em um grupo no qual as relações tendem a ser impessoais e racionais. Segundo o autor, locais em que há grande concentração de pessoas diferentes surgem o processo de despersonalização, na qual a individualidade é subordinada às exigências da comunidade ou mais especificadamente, da massa.

O urbanismo, como um modo de vida característico da pós-modernidade, é abordado por Wirth (1976) que aponta a influência da metrópole no cotidiano como um aspecto marcante dessa era. Como consequência, surgem modificações profundas em todas as fases da vida social, no sentido de vida e molda o caráter das relações sociais e individuais, adequando-as na forma urbana. O autor aponta que “o sentido das atuais modificações no urbanismo transformarão, para o bem ou para o mal, não somente as cidades, mas o mundo” (p. 121).

De acordo com Simmel (1976) nas diversas dimensões da vida metropolitana o indivíduo precisa enfrentar a dificuldade de afirmar sua própria personalidade. A heterogeneidade tende a produzir maior mobilidade, instabilidade, insegurança e filiação de indivíduos a diversos grupos sociais opostos às suas crenças, dessa maneira, as instituições e os grupos passaram a atender as necessidades das massas.

Para Harvey (1989/2014), a arquitetura e o projeto urbano são marcados pela fragmentação, ficção, ecletismo, efemeridade e caos na pós-modernidade. Essas características modificam não somente a urbanização da cidade, mas também produzem efeitos na vida diária. Segundo o autor, ao abordar essa lógica, teríamos a consequência de que “a aparência de uma cidade e o modo como seus espaços se organizam formam uma base material a partir da qual é possível pensar, avaliar e realizar uma gama de possíveis sensações e práticas sociais” (p. 69).

O diálogo entre as cenas suicidas e a metrópole é estudado de forma pormenorizada por Marquetti (2011). Para a autora, o suicídio na cidade é um evento indiscreto e visível, estando inextricavelmente relacionado às características da pós-modernidade, aos aspectos socioeconômicos da cidade, à história da construção das metrópoles e às questões estéticas da cultura do lugar. Essa compreensão aponta para a interação sujeito-cidade-saúde, aproximando o suicídio de uma produção sociocultural.

Nesse contexto, a autora (2011, 2014) denota a presença de elementos externos do ato suicida, são eles: cenas, cenários, imagens, plateia, espectadores. Trata-se de um processo no qual a pessoa comanda sua morte, a anuncia, escolhe o ritual, trazendo-a para o espaço público. A cena suicida revela diversas dimensões do sujeito, bem como sua relação com espaço que ocupa, portanto, o ato suicida tem suas bases no meio sociocultural.

O suicídio não é um evento individual, sendo que por trás de todo ato há uma comunica-ção, conforme apontado por Rodrigues (2006):

Se a sociedade é um sistema de comunicação, o desaparecimento de um componente de sua organização põe em crise todo o sistema. A morte de um indivíduo não é um evento isolado, mas representa tantos eventos quantas relações o indivíduo morto mantivesse: amizades, inimizades, paternidade, filiação, aliança, propriedade ... todas essas relações, que constituem o tecido social correm o risco de se romper ou se rompem efetivamente (Rodrigues, 2006, p. 75).

A partir dessas compreensões, surge um fenômeno envolto em questões socioculturais no qual, por meio de sua morte, o indivíduo dialoga com a sociedade. O suicídio deixa de ser

uma ação de foro íntimo e passa adquirir contornos de um problema que atinge a esfera pública (Marquetti, 2011).

Nessa pesquisa buscamos compreender como as formas de ação e de organização social que emergem dessa sociedade influenciam a vida pós-moderna. O superficialismo, o anonimato e o caráter transitório das relações urbano-sociais modificaram o consumo, a subjetividade e os vínculos emocionais e íntimos dos indivíduos, influenciando o processo de identificação com os suicídios, podendo acarretar o contágio destes. Sendo assim, discutiremos no próximo capítulo o contágio e os possíveis elementos presentes no fenômeno.

3 CONTÁGIO: AMPLIANDO REFLEXÕES

Os pensamentos teóricos buscam compreender a influência de fatores sociais presentes no contexto suicida.

Há uma questão presente na vida pós-moderna: o indivíduo está imerso em uma crise de sentido, sua subjetividade tem como referência o acúmulo de informações midiáticas que transformaram o sentido de pertencimento e a construção de identidade. Os meios de comunicação exercem um papel importante de doador de sentido na vida das pessoas, norteiam as escolhas, contribuem para a construção de ideologias, influenciam o modo de ser, viver, agir, sentir e pensar, tornando possíveis novas formas de ação e interação no mundo social (Campos & Souza, 2003).

É notável que atualmente a mídia seja o meio pelo qual as informações sobre o suicídio propagam-se na sociedade, no entanto, há outros fatores presentes no contágio. Sendo assim, o foco dessa pesquisa está na seguinte questão: quais são os elementos necessários para se imitar um comportamento?

Do ponto de vista psicológico, Le Bon (1895/2008) assinala que em uma multidão os sentimentos e as ideias estão orientados em uma mesma direção, de modo que os sujeitos separados fisicamente podem adquirir características de um grupo. Nesse contexto, a personalidade consciente tende a desaparecer, constituindo o que o autor chama de alma coletiva. O indivíduo passa a adotar padrões e a imitar o comportamento de determinadas pessoas por meio da sugestão.

Para Tarde (1903/1962, 1992/2005), o consumo e as opiniões seguem o mesmo raciocínio: o ato de optar por determinada opinião tende a ser da mesma natureza que o ato de consumir um produto específico e ambos são escolhidos por imitação. Os comportamentos e as opiniões ao serem imitados deixam de ser uma realidade individual, tornando-se um fato coletivo adotado por um grande número de pessoas em uma comunidade. Os indivíduos estão conectados devido à simultaneidade de uma convicção, de uma ideia ou de um desejo que são compartilhados por várias pessoas em um mesmo momento, constituindo uma massa.

Freud (1921/2011) aponta que a identificação é considerada uma das mais remotas formas de expressão e de ligação afetiva entre as pessoas. A influência sugestiva da massa e a tendência à imitação podem levar ao contágio. Para o autor, a massa é constituída na medida em que há redução da capacidade intelectual e de articulação do pensamento de seus membros, uma vez que a massa é impulsiva, volúvel, influenciável, mutável, acrítica e guiada pelo inconsciente.

A imitação e a identificação são processos importantes para a constituição psíquica, bem como para a construção da realidade social, pois permitem ao indivíduo posicionar-se na relação com o outro, ocupar um espaço e desempenhar um papel num grupo, sem perder sua identidade e individualidade. De acordo com Bauman (2003, 2005), o processo identitário na modernidade líquida é frágil e volátil, de modo que o sujeito estabelece relações de forma superficial, imediatista, fugidia e fragmentada, abrindo a possibilidade de identificar-se com diversas comunidades, dificultando a construção de uma identidade sólida, concisa e constante.

Segundo Marquetti (2011), o indivíduo pós-moderno está exposto a uma pluralidade de opções socioculturais, podendo acessar a inúmeras identidades e subjetividades. As diversas possibilidades de escolhas tendem a desnortear o indivíduo e como consequência surge a dificuldade do sujeito em apresentar-se ao mundo com uma identidade que lhe é própria. Sustentada por essa premissa, a autora afirma:

O sujeito pode ficar ‘colado’ a sua própria representação fictícia, sua imagem, e assim, ter muitas identidades mutáveis, não incorporadas, ou tomar o objeto presente sem o distanciamento necessário, sem a profundidade do tempo e misturar-se com ele. A possibilidade de os sujeitos viverem a imagem, a aparência, o espetáculo da vida pós-moderna está relacionada a esse jogo de representações, identificações e encenações (p. 45).

Desse modo, a fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança, os desejos conflituosos em estabelecer relações e ao mesmo tempo afrouxá-las apontam para um mundo de incertezas, instabilidades e dissolução das formas fixas. Há profundas consequências pelo fato da vida pós-moderna estar permeada por essas questões que Bauman (2001) elenca como insegurança e ansiedade. Em decorrência da necessidade de lidar com esses sentimentos, o sujeito pós-moderno pode transformar as escolhas individuais em coletivas, construindo uma identidade compartilhada.

Tal identidade implica na dificuldade de estabelecer a diferenciação entre o eu e o outro. Os indivíduos nessa situação fundem-se às relações sociais. Segundo Berger e Luckmann (1966/1973), o meio sociocultural exerce uma função na constituição psíquica do sujeito, pois o ambiente oferece um contorno ao indivíduo, que lhe permite um corpo físico e psíquico que, por sua vez, relaciona-se com o mundo externo. Dessa maneira, o indivíduo é constituído a partir de sua singularidade e do vínculo afetivo-social com outras pessoas.

De acordo com Harvey (1989/2014) e Debord (1997) no mundo pós-moderno, o sujeito tende a misturar sua personalidade a do outro, sem ter consciência dos limites entre o eu e não eu, processos acentuados pela mídia. A diluição e a instabilidade de fronteiras levam

a uma concepção de personalidade cuja consequência é o espetáculo da imagem e da aparência.

Na medida em que o ser humano investe cada vez mais em sua vida individual, o consumo e a imagem tornam-se primordiais. Esse novo estilo de vida é representado pelos meios de comunicação e mediado pela aparência. Sobre essa questão, Debord (1997) discute a sociedade do espetáculo, definindo-a como “a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana – isto é, social – como simples aparência” (p. 16). Em outras palavras, é o conjunto de relações sociais mediadas pelas aparências, no qual o espetáculo pode ser observado por meio da reprodução constante de imagens midiáticas.

O espetáculo, segundo Debord (1997), consiste na propagação de imagens por meio dos meios de comunicação. A dominação da economia sobre a vida social encaminhou o *ser* para o *ter*, ressaltando que o importante não é *ser* nem *ter*, mas sim *parecer*. Essa constatação revela que a sociedade caminha para um crescente processo de supervalorização da imagem sobre o conteúdo. Nessa perspectiva, a aparência impõe-se à existência. O visual e a imagem são centrais nas relações sociais; a representação de si é fictícia, cindindo a realidade (o que é) da imagem (aquilo que aparenta).

Segundo Lipovetsky e Serroy (2015), vivemos a era do entretenimento sem fronteiras, em que as relações sociais são baseadas no divertimento e no espetáculo, este último é produzido para as massas e criado com o objetivo de distrair o público. Os autores nomeiam esse processo de sociedade do hiperespetáculo. A mídia por sua vez, exhibe uma avalanche de imagens cuja finalidade é captar o desejo dos consumidores, satisfazê-los e impor novos anseios. Para realizar esta atividade, é transferido o significado simbólico de uma pessoa célebre para a imagem de uma marca, isto é, as celebridades “emprestam” suas imagens ao produto que se pretende divulgar. Não consumimos mais apenas produtos, filmes, locais turísticos, músicas, mas também o espetáculo das celebridades midiáticas como maneira de singularizar, personalizar e preencher de afeto o mundo pessoal. A sociedade pós-moderna, pautada no consumo, modificou o modo como as pessoas relacionam-se com o mundo, com os objetos, com os outros e consigo mesmo.

Baseamos nosso referencial teórico sobre a sociedade de consumo nos estudos de Baudrillard (1995), que pesquisou amplamente os impactos dos meios de comunicação na sociedade e na cultura. Para o autor, o consumo está presente na vida cotidiana, seduz e aliena, assim, passa a dominar o indivíduo, pois preenche os objetos de significados ao atrelar a ideia de felicidade aos produtos.

Ainda, segundo o autor (1995), não consumimos objetos e sim signos, pois estes e a mercadoria aliaram-se. Os significados simbólicos foram atribuídos aos objetos, formando a ideia de mercadoria-signo, ou seja, atualmente, as pessoas estão mais interessadas nos significados e nas representações sociais de um determinado produto do que a funcionalidade da mercadoria, Baudrillard (1995, p. 60) aponta que “é o seguinte princípio da análise: nunca se consome o objeto em si (no seu valor de uso) – os objetos (no sentido *lato*) manipulam-se sempre como signos que distinguem o indivíduo”.

A mídia pode manipular as informações, seduzir as pessoas e impor uma visão de mundo, assim o sujeito passa a viver uma representação da realidade difundida por esse meio de comunicação, na qual não há possibilidade de escapar das notícias modificadas e imprecisas. Baudrillard (1995) parte do pressuposto de que os meios de comunicação não mostram a realidade tal como ela é e sim baseadas em simulacros, que são como um estado de réplica próxima da perfeição em que a diferença entre o original e a cópia é quase imperceptível. Assim, a mídia assume um papel importante na circulação de simulacros em que o indivíduo tende a assimilar à sua constituição psíquica, os simulacros produzidos por este veículo. Harvey (1989/2014) sintetiza essa ideia, dizendo que “ao que parece, a realidade está sendo moldada para imitar as imagens da mídia” (p. 85).

O simulacro e o real aparecem nessa discussão. Por um lado, temos a realidade do evento suicida, isto é, o que ocorre de fato, por outro, temos o simulacro construído pela mídia em torno do suicídio, imagens que geram fascínio e são atrativas para o consumo, levando assim ao contágio. Para sustentar essa ideia, Debord (1997) afirma que as relações são mediadas por imagens e por objetos que o indivíduo compra, pois “o consumidor torna-se consumidor das ilusões. A mercadoria é essa ilusão efetivamente real, e o espetáculo é a sua manifestação geral” (p. 33).

Ao abordar essa lógica, o contágio ocorre quando uma pessoa identifica-se com a imagem/simulacro do suicídio propagada pela mídia, consumindo-a. Thompson (1999) afirma que quando o indivíduo lê um romance ou assiste a uma novela consome fantasias, desejos, imagens, explorando possibilidades, imaginando alternativas e constituindo sua identidade. Em outra perspectiva, Marquetti (2011) afirma que “no espetáculo suicida da era do simulacro, o próprio suicida não é mais sujeito, ele é a imagem, ou a cena, que será veiculada aos espectadores da metrópole, ao vivo ou através da mídia” (p. 46).

Trata-se de um processo cultural de massa em que o indivíduo desloca-se momentaneamente da realidade, ligando-se à imagem (simulacro) suicida. O sujeito pós-

moderno não consome apenas produtos, mercadorias ou signos como aponta Baudrillard (1995), mas também cenas suicidas, atos, métodos, vida das celebridades e formas de morte.

Em resumo, os eixos norteadores que sustentam a ideia do contágio:

- O consumo de imagens mediado pelos meios de comunicação;
- A imitação e a construção da identidade na pós-modernidade;
- O simulacro do suicídio propagado pela mídia (fascínio e atração).

Considerando esses pontos destacados como aspectos fundamentais no suicídio por contágio, observamos que o fenômeno envolve a mídia, a escolha pessoal pelo suicídio e as questões históricas e socioculturais que permeiam o ato.

Kuczynski (2014) refere que atualmente a maioria de suicídios entre adolescentes estão relacionados à exposição de modelos de imitação do comportamento suicida a partir da influência midiática. Becker (1995, citado por Santos, 2008) assinala que as pessoas passam a moldar suas personalidades na adolescência e o momento de descoberta e confusão decorrente desse período de vida pode torná-los mais propensos a imitarem o estilo de cabelo, de vida, de roupas, de comportamentos e também o suicídio de seus ídolos.

3.1 Suicídio de celebridades

Embora haja uma tendência em não noticiar suicídios, a mídia frequentemente fala sobre o assunto quando este se associa a pessoas famosas (Fontenelle, 2008).

As pesquisas de Stack, (2015), Abrutyn e Mueller (2014) e Coleman (2004) apontam que a exposição midiática do suicídio de uma celebridade tende a desencadear um maior grau de identificação em indivíduos, podendo sugerir o comportamento suicida para outras pessoas.

Assim, a pessoa pode projetar-se no ícone midiático, convergir interesses e partilhar desejos com indivíduos com as quais ela não possui relações íntimas. Maia (2007, p. 10) assinala que “ao aproximar nossa própria imagem à de um determinado personagem, o que buscamos é nos reconhecemos como tal. Há apropriação de ideias, sentimentos, atitudes, que pode resultar em uma fusão proposital da nossa própria identidade ao do personagem”.

Stack (2000, citado por Coleman, 2004) afirma que após o polêmico suicídio da atriz Marilyn Monroe houve um aumento de 12% de suicídios. Ainda, foram registradas cento e noventa e sete mortes ligadas à atriz, sendo a maioria de mulheres, jovens e loiras que

aparentemente teriam adotado Marilyn como modelo de vida a ser imitado. Com essa constatação, inferimos que o contágio do suicídio também está associado à questão da imitação, ao processo de identificação e ao consumo de imagens midiáticas.

A propósito de esclarecer a investigação acerca do contágio, Martin e Koo (1997) realizaram um estudo sobre influência do suicídio de Kurt Cobain, líder da banda de *rock* Nirvana que morreu decorrente de um tiro de espingarda autoinfligido na cabeça. De acordo com os autores, o suicídio do cantor foi reportado detalhadamente na Austrália por meio de jornais, canais televisivos e programas musicais. No entanto, a pesquisa aponta que não houve aumento significativo nas taxas de suicídio por arma de fogo entre jovens de 15 a 24 anos após um mês do anúncio da morte de Kurt em 1994. Os autores concluem que o suicídio do cantor teve pouco impacto sobre os jovens no país citado.

Beverly Cobain ressalta que a morte de seu sobrinho poderia incitar o contágio entre pessoas que o admiravam: “Eu estava aterrorizada pelos seus fãs. A possibilidade de contágio do suicídio é um fato que atinge diversos adolescentes e jovens que adoram Kurt, olham para ele e tentam imitá-lo” (Cobain & Larch, 2006, p. 2, tradução nossa).

Por que o suicídio de uma pessoa famosa leva a um aumento do número de suicídios e outros não? Seria o método, a forma escolhida para consumir o suicídio ou a notoriedade da pessoa célebre que exerce maior influência? Ou estaria relacionado ao modo como as reportagens abordam o acontecimento? Segundo o estudo de Martin e Koo (1997) a sensibilização da mídia em relação à morte do cantor pode ter sido um dos fatores importantes para o não aumento das taxas de suicídios, evitando, assim, um possível efeito do contágio do suicídio de Kurt Cobain.

3.1.1 Suicídio e literatura: Os Sofrimentos do Jovem Werther

Em relação à literatura, Johann Wolfgang Von Goethe (1749-1832) é considerado um dos maiores nomes do romantismo alemão tendo publicado a obra epistolar: *Os sofrimentos do jovem Werther* (Goethe, 1974/2012). O protagonista, Werther, escreve cartas ao seu amigo a quem descreve os sentimentos que o afligem devido à impossibilidade de estar ao lado de sua amada Charlotte, uma moça já comprometida com outro. Sentindo-se infeliz, Werther não consegue esquecê-la e acaba tirando a própria vida ao atirar com uma pistola contra a própria cabeça.

A expressão *Efeito Werther*, cunhada pelo sociólogo David Phillips (1974) passou a ser utilizada quando um suicídio, principalmente realizado por pessoas famosas, pode

influenciar o suicídio de outras pessoas (OMS, 2000; Dapieve, 2006). O contágio foi constatado quando muitos jovens cometeram suicídio com tiros de pistola e foram encontrados exemplares do livro ao lado dos corpos, constatando que eles vestiam túnicas azuis e coletes amarelos, vestimenta característica do personagem.

Na tentativa de interromper o contágio, o livro foi proibido e vetado na Itália, Alemanha e Dinamarca (OMS, 2000; Jamison, 2010; Dapieve, 2006). Atualmente o livro não é proibido por se tratar de um clássico da literatura, fazendo parte da lista de obras a serem lidas nas escolas, além de ser estudado com a finalidade de entender os temas centrais do movimento romântico na Europa. Atualmente as pessoas leem o livro, porém não vemos suicídios de jovens tendo como influência a obra.

A obra foi escrita no apogeu do movimento literário romântico, rompendo com a postura racional, ao enfatizar a morte, especialmente o suicídio. Segundo Alvarez (1999, p. 208-210):

Uma parte essencial da revolução romântica foi transformar a literatura não num acessório da vida ... mas num estilo de vida em si. Assim para o público leigo Werther não era mais um personagem de um romance, mas um modelo de vida que firmou todo um estilo de hipersensibilidade e desespero ... Para os jovens românticos que tinham a postura, mas não o talento de seus heróis, a morte era a “grande inspiração” e o “grande consolo”. Foram eles que fizeram a moda de suicídios que varreu a França na década de 1830.

O movimento cultural, o modo como o ato suicida foi romantizado e idealizado nesse período e a identificação com a personagem podem ter impulsionado o contágio. Aludindo a esta questão, a Cartilha do Conselho Federal (2013) assinala que certos artistas conseguem transpor em suas obras, sentimentos de um determinado momento histórico. Parece não se tratar de um contágio de suicídio propriamente dito, mas a identificação das pessoas em relação a esse sentimento.

Existe um amplo debate sobre a veracidade do *Efeito Werther*. Alguns pesquisadores defendem que o contágio é real e a imprensa deve evitar abordar o assunto, enquanto outros não têm tanta certeza sobre essa constatação. No entanto, a maioria concorda que o conteúdo da matéria e o estilo pelo qual o suicídio é relatado pode ajudar na prevenção, como também pode sugerir o ato (Fontenelle, 2008; Jamison, 2010).

3.1.1.1 Suicídio e televisão: os 13 porquês

No que diz respeito às questões atuais, a recente série da *Netflix Os 13 porquês* baseada no livro de Jay Asher narra a história de Hannah Baker, uma adolescente de 17 anos

que após suicidar-se deixa uma caixa com fitas de áudio explicando os motivos que a levaram a tomar a decisão fatal. A cena que Hannah entra em uma banheira, corta seus pulsos e sangra até morrer gerou críticas por parte de especialistas que consideram que a imagem contraria as recomendações da Organização Mundial de Saúde (2000) quanto à exposição do tema na mídia, uma vez que podem levar ao contágio do suicídio.

Segundo Marquetti (2017), com o acesso à *internet*, atualmente encontram-se vários *sites* e imagens que exibem cenas suicidas. As redes sociais não são passíveis de controle e o suicídio está disponível a todos e a qualquer momento. Essa perspectiva traz à luz a compreensão de que a exposição do suicídio como ocorre na série não é o fator primordial, uma vez que as imagens suicidas que podem levar ao contágio podem ser acessadas sem censura na *internet* e estão presentes em todos os lugares.

Ayers, Althouse, Dredze e Allem (2017) discutem que a série foi alvo de protestos, dividindo a opinião pública que, por um lado, acredita que a trama contribuiu de forma positiva para a ampliação da consciência pública, por outro, o suicídio de Hannah é apresentado de forma romantizada, podendo incitar o ato, tendo como suposição o contágio. Ainda que a maneira como o suicídio foi exposto tenha sido romantizado e com pontos contraditórios, Kovács (2017) afirma que a série possibilitou a discussão sobre a questão do suicídio que frequentemente é ocultada justamente devido ao receio do contágio. A melhor maneira de prevenir suicídios é abrindo espaços para conversas e diálogos, sem interditar o tema.

3.1.1.1.1 O contágio e o *modus operandi*

A disponibilidade do método bem como sua exposição midiática têm sido apontadas como importantes fatores de risco para o suicídio (OMS, 2000). No entanto, acreditamos que a forma de morte elegida pela pessoa pode estar relacionada também à questão sociocultural, histórica e geográfica. Jamison (2010) assinala que em meados do século XIX na Europa, o enforcamento e a ingestão de veneno eram os métodos mais populares.

De acordo com Cantor e Baume (1998), a escolha de métodos depende da combinação de sua disponibilidade e aceitação sociocultural. A determinação do *modus operandi* é regida pelas normas, tradições e atitudes morais da cultura na qual o indivíduo está inserido. Segundo Silva (2008), o suicídio é um ato permeado de questões culturais, sendo que a partir da escolha do método é possível reconstruir as representações sociais da pessoa a respeito da morte, da vida e do próprio ato. Em uma perspectiva complementar, Botega (2014) afirma que

o método escolhido para o suicídio varia conforme a cultura, o acesso aos meios letais, ao gênero e a faixa etária.

3.2 Fascínio contagiante: espaços públicos de interrupção da vida

No que diz respeito aos locais, observamos que a exterioridade dos elementos presentes nos suicídios sugere uma conexão sociedade-indivíduo-suicídio, na qual o ato suicida adquire uma nova faceta, permeado pela visão do meio sociocultural.

Uma questão importante a ser considerada é o diálogo que se estabelece entre o indivíduo e a cidade visto que os locais públicos que agregam suicídios não são neutros e carregam uma história sociocultural. Segundo Marquetti (2011), a maneira como a metrópole é arquitetonicamente planejada e construída, bem como o estilo de vida na cidade influencia a vida e a morte de seus habitantes. A articulação suicídio-metrópole contribui para a construção de uma subjetividade típica desse espaço marcada pela temporalidade acelerada, consumo imediato, efemeridade e instabilidade. A autora aponta essa questão da seguinte maneira:

O suicídio como espetáculo pode ser visto como uma produção cultural com elementos tradicionais da morte mesclados com elementos da modernidade, da metrópole. Este produto cultural, manifestação expressiva de conflito, traz simbólica e materialmente um sinal das mudanças decorrentes da modernidade e a concomitantemente tentativa dos sujeitos de reagirem sobre as contradições presentes (Marquetti, 2011, p. 28).

O que há nesses locais que atraem tantos suicídios? Segundo Jamison (2010), “alguns métodos e locais tornaram-se **‘imãs suicidas’** atraindo para eles não só os impulsivos e gravemente perturbados, mas também o suicídio mais crônico ... pular de monumentos públicos também exerce um **fascínio contagiante**” (pp. 131-132, grifo nosso).

A partir dessa constatação, apontamos para o fato de que existe uma força magnética/atrativa, fascínio sobre o local e a exaltação do suicídio, que parece ser tão contagiante a ponto de suplantiar a ocorrência de outros suicídios no mesmo espaço.

3.2.1 Locais: a ponte *Golden Gate* (Estados Unidos)

A ponte *Golden Gate*, localizada na baía de São Francisco, é conhecida por ser um dos principais pontos turísticos dos Estados Unidos e pelo número de suicídios no local. Após a

inauguração em 1937, cerca de mil pessoas pularam da ponte e por essa razão passou a ser denominada mundialmente como a “ponte dos suicidas”.

Ao saltar do ponto mais alto da *Golden Gate*, a pessoa despenca por quase setenta e cinco metros antes de mergulhar nas águas gélidas da baía de São Francisco. O impacto dessa queda mata 98% das pessoas que se atiram da ponte, sendo que os poucos sobreviventes às tentativas no local relataram que “existe uma espécie de forma nela, uma certa graça e beleza. A *Golden Gate* está prontamente disponível e é ligada ao suicídio” (Jamison, 2010, p. 137).

Eric Steel, diretor do polêmico documentário *A ponte* (2006), filmou durante um ano, vinte quatro horas por dia a ponte *Golden Gate*, registrando em média dois suicídios por mês nesse local. Por que os vinte e quatro suicídios captados pelas lentes do cineasta escolheram tal local para consumir o ato? Essa é uma das principais indagações dos familiares, sendo que um deles relatou que seu filho procurou na *internet* locais e métodos eficazes para o suicídio e os resultados de sua pesquisa apontaram essa ponte como local propício para o ato final. O fato da mídia mencionar o espaço de modo romantizado, espetacular, com *glamour* e apelo ao ato parece atrair ainda mais pessoas com pensamentos suicidas a estes locais.

No documentário, os suicídios são escancarados e as imagens que seguem são chocantes e polêmicas, mostrando ao público os últimos segundos de vida das pessoas até o momento em que se precipitam da ponte. Se o ato suicida é impactante, o que podemos dizer a respeito dessas imagens? Dessa forma, é criado um espetáculo em torno do ato, gerando de forma ambígua impacto e fascínio. Como aponta Marquetti (2011, p. 46), “a imagem da cena suicida toma o lugar do sujeito, ele será a imagem veiculada e que invadirá o domínio privado dos espectadores”. Diante dessa constatação, as imagens parecem ser contagiantes e não apenas o ato em si, por isso, é importante refletir como e o quanto essas imagens suicidas devem ser disponibilizadas ao público.

3.2.1.1 Metrô da cidade de São Paulo (Brasil)

Discutiremos uma perspectiva sobre o suicídio, relacionando-o à Cidade de São Paulo, com a finalidade de analisá-lo em interface com a metrópole. Escolhemos o metrô de São Paulo como um espaço público onde ocorrem diversos suicídios.

Marquetti (2011) aponta para uma contradição no que diz respeito aos suicídios no metrô, pois a Companhia Metropolitana da Cidade de São Paulo nega que há suicídios nas estações e não divulga as ocorrências. Entretanto, atualmente encontram-se vários vídeos e *sites* não oficiais nos quais são exibidas as imagens de suicídio no local. Ainda segundo a

autora, a empresa tem receio de divulgar a ocorrência de suicídios visto que acredita que a notificação possa atrair pessoas com pensamentos suicidas. No entanto, os supostos argumentos em favor da prevenção são contraditórios, pois se o metrô é visto pela população como um lugar fatal para o suicídio, divulgar que a maioria das pessoas fica mutilada, porém não morrem, poderia diminuir os casos no local.

Segundo Paulo Hideo Muraoka, da Secretaria da Saúde e Condições do Trabalho do Sindicato dos Metroviários de São Paulo (1990), muitos passageiros tentam suicídio precipitando-se nas plataformas das estações em direção ao trem em movimento. Quando acontece um suicídio, o metrô fecha a estação e não permite que os usuários entrem nela ou saiam dela a fim de evitar a divulgação do acontecimento.

Apesar dos dados serem ocultados, é de conhecimento público que suicídios são consumados no local, sendo que em algumas estações foram instaladas barreiras protetivas para impedir que as pessoas atirem-se nos trilhos. Essas medidas podem ser eficientes para conter o ato em um primeiro momento, mas também mostram que o suicídio está presente, porém velado, o que aumenta ainda mais o tabu, a atração e o fascínio do ato suicida. A prevenção não deve ser realizada por meio da contenção do suicídio e sim no cerne de seu problema, isto é, no meio sociocultural, como mostramos a seguir.

3.3 Possibilidades de intervenção e prevenção do suicídio por contágio

Antes de apresentarmos as discussões a respeito das possíveis intervenções, analisamos os aspectos do suicídio por contágio no qual encontramos as seguintes características:

- Ocorre em um espaço público;
- Envolve outras pessoas (figuras públicas e pessoas famosas);
- As informações propagam-se através de um meio de comunicação (*internet*, televisão, jornais, meios digitais);
- Está relacionado às significações históricas e socioculturais da cidade/local, do método utilizado, do ato suicida e da simbolização pessoal desses.

As intervenções devem ser pensadas levando em consideração as questões apresentadas acima. Analisando medidas que consideramos pertinentes em relação à prevenção do suicídio em espaços públicos, destacamos a ação realizada em Seul, na Coreia

do Sul na ponte Mapo que atravessa o rio Han. Esse local é conhecido como o espaço mais mortal do território sul-coreano, devido ao elevado número de suicídios.

Com o objetivo de reverter essa situação e promover o nome de uma empresa de seguros, foram instaladas luzes com sensores que acendiam conforme os transeuntes passavam pela ponte contendo as seguintes mensagens motivacionais: “O que tem te aborrecido?”; “Os melhores momentos da sua vida ainda estão por vir.”, assim como frases reconfortantes que levassem as pessoas a refletirem sobre seu desejo de morrer. Essas mensagens foram criadas em parceria com psicólogos e ativistas, que lutam a favor da prevenção do suicídio.

As intervenções na ponte Mapo envolvem diversas dimensões. É pela via da ressignificação do espaço-local que a “ponte da morte” passou a ser conhecida como a “ponte da vida”. As novas medidas atraíram a atenção da mídia, que passou a referir-se ao local não mais como um espaço/cenário suicida. Dessa maneira, acreditamos que o trabalho da mídia aliada à ressignificação sociocultural do lugar permite que a prevenção possa vir a ser, de fato, concretizada.

Segundo Bando e Barrozo (2010) o suicídio está articulado ao modo como cidade é organizada e o meio sociocultural em que a pessoa está inserida. Dessa maneira, as medidas preventivas devem envolver profissionais de diversas áreas, tais como, arquitetos, geógrafos, urbanistas, profissionais de tecnologia, psicólogos, historiadores, médicos, profissionais de saúde, engenheiros, entre outros. As medidas na ponte Mapo cumprem as exigências fundamentais da prevenção do suicídio na pós-modernidade, em vez de impedir e conter as mortes, há um planejamento de construção do local para que as pessoas dialoguem com esses polos atrativos de outra maneira que não seja pela via do suicídio, utilizando a tecnologia e outros recursos a favor da prevenção.

No que concerne à propagação de informações, Kovács (2005) propõe a educação para a morte cujo objetivo é realizar discussões e sensibilizar o público leigo, as instituições, os profissionais, as escolas, os jornalistas sobre questões envolvendo perdas e morte. Outro estudo, na mesma linha de Gould, Jamieson e Roemer (2003), sugere que se proponha uma abordagem para reduzir os efeitos do contágio, que se refere a educar os profissionais da mídia sobre como apresentar o suicídio, acrescentando locais em que pessoas com ideação suicida possam buscar ajuda.

A mídia deve falar sobre os suicídios, sem qualquer tipo de sensacionalismo ou visão romantizada, tomando os devidos cuidados para não transformar o evento em espetáculo. Segundo a portaria do Ministério da Saúde nº 1.876, criada em 14 de agosto de 2006, o

suicídio deve ser abordado pela mídia como um sério problema de saúde pública que afeta a população e pode ser prevenido.

O suicídio não é apenas um problema clínico visto que, segundo Shneidman (1996), trata-se de um fenômeno que engloba diversas dimensões, sendo responsabilidade de todos colaborarem com a sua prevenção.

Fundado em 1962 em São Paulo, o CVV- Centro de Valorização da Vida - atua em postos autônomos, atendendo de forma gratuita pessoas que desejam e precisam conversar, sob total sigilo, por telefone, ligando 141, *e-mail*, *chat* e *Skype* vinte e quatro horas, todos os dias. O CVV é uma organização não governamental que conta com a ajuda de voluntários treinados para realizar os atendimentos e depende do apoio da mídia para que os serviços oferecidos gratuitamente pela instituição sejam divulgados para a população. Os voluntários não aconselham, não incitam o socorro e a postura é de escuta sem julgamento, com o objetivo de criar um espaço acolhedor.

Para analisar com profundidade as medidas preventivas seria necessário um estudo socioeconômico, histórico e cultural de cada sociedade, o que está fora de alcance dessa pesquisa. Apontamos algumas possibilidades quanto à prevenção do suicídio que possam lançar alguma luz sobre essa questão. Esse trabalho tem como finalidade promover discussões sobre o tema e o que se propõe é criar espaços para desbravar outras possibilidades de intervenção.

É preciso considerar o problema pelo seu aspecto econômico e social em relação aos jornais, que buscam sobreviver diante de um cenário da diversificação dos meios de comunicação, como a *internet*, a velocidade e a rentabilidade econômica. Avaliando por esse ponto de vista, entender as novas formas de comunicação na atualidade e como as notícias são processadas nesse veículo de informação sob interferência da questão econômica é tarefa do capítulo seguinte.

4 A COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA E SEUS DESDOBRAMENTOS NO JORNAL

Entre as modificações decorrentes do período pós-moderno, destacamos os meios de comunicação e sua influência na sociedade. A palavra mídia origina-se do latim *médium*, utilizado para designar a ideia de imprensa, jornalismo e meio de comunicação. Segundo Charaudeau (2013) os termos informação, comunicação e mídia são próprios do discurso da modernidade.

De acordo com Sodré e Ferrari (1986), a diversificação do termo mídia abrange diversas modalidades de comunicação visto que sua função é realizar a interface de interlocução entre o emissor e o receptor. Tempos atrás, o termo mídia era designado às atividades relacionadas ao cinema, ao rádio, ao jornal e à televisão. No início da década de 1990, os sistemas eletrônicos em computação passaram a fazer parte desses conglomerados de veículos de informação e atualmente a prática de atividades na *internet* é abordada como mídia.

Para Kellner (2001), as narrativas e as imagens propagadas por esse meio fornecem símbolos e recursos que ajudam a construir um modo de ser comum para a maioria das pessoas. A mídia tem como objetivos: obter audiência de um vasto público; criar formas de dominação ideológica; fornecer instrumental para a construção e fortalecimento de identidades. Essas questões devem ser alvo de preocupações e de debates atuais, dado a relevância da mídia na vida das pessoas.

Segundo Silverstone (2002), a mídia é onipresente, invadindo os espaços públicos e privados. Devido à penetrabilidade dos meios de comunicação em todas as esferas da vida humana, o homem moderno é cercado por informações midiáticas a todo o momento. Não é preciso buscar o conteúdo para acessá-lo, basta utilizar o transporte público, o elevador, socializar-se com pessoas que as notícias chegarão. Ainda, o autor aponta que “é impossível escapar à presença, à representação da mídia” (p. 12).

De acordo com Thompson (1999), a partir do desenvolvimento das sociedades modernas, o processo de formação de identidade passou a ser cada vez mais influenciado por imagens simbólicas oferecidas pela mídia, que expande e oferece um leque de opções disponíveis. A mídia oferece uma rica fonte de referências, que são lançadas no imaginário social e na realidade objetiva das pessoas em diversas representações simbólicas. Essas amplas possibilidades de escolhas tendem a contribuir para a construção de identidades fluidas, inconstantes e instáveis.

Uma das características mais marcantes da mídia na pós-modernidade é a *internet*. Lévy (2003) discute a transformação na sociedade em decorrência do surgimento da rede visto que a *internet* introduziu um novo modo de comunicação, reconfigurou as relações entre as pessoas, possibilitou a criação de um conhecimento descentralizado e participativo, permitindo que as informações cheguem em tempo real.

Tendo em vista a complexidade da temática da mídia e a relação que esta estabelece com a dimensão cultural, política, social e econômica, a seguir apresentamos reflexões sobre uma mídia específica: o jornal escrito.

4.1 O jornal de papel na era digital

O jornal impresso, tal como conhecemos hoje, é fruto dos primeiros periódicos que surgiram durante a Revolução Industrial que atendiam aos interesses do mercado econômico e do governo. Já a partir da segunda metade do século XIX, a imprensa passa a ser vista pelos empresários como oportunidade de negócio, iniciando investimento em infraestrutura, estruturação de departamentos de comercialização de espaços para anunciantes, competindo para alcançar um maior número de leitores (Mannarino, 2000).

Atualmente, a *internet* modeliza o meio impresso. Os renomados *The New York Times* e o *The Wall Street Journal* publicam o jornal em papel e também em uma plataforma *online*, na qual informam em tempo real as notícias, neste caso são chamados de jornais *online*. O mesmo acontece com os grandes jornais brasileiros *O Estado de S. Paulo* e *Folha de São Paulo*.

Para que haja jornal impresso são necessárias a distribuição e a impressão de milhares de exemplares em pouco tempo. Entregar os jornais nas bancas todas as manhãs, faz que as pessoas desloquem-se até o local para comprá-lo, gastando tempo. A modalidade digital é de fácil alcance no computador ou celular, assim as informações podem ser acessadas em qualquer local. Por essa razão, o jornal escrito não informa as notícias em tempo real devido ao processo ser mais lento, necessitando de máquinas, papéis, caminhões, de distribuidoras e de operários, funcionando no limite da capacidade industrial. Por esse motivo, os conteúdos informativos chegam ao público em torno de oito horas após terem sido escritos pelos jornalistas (Ramonet, 2013).

Estima-se que os leitores gastam em média, um minuto e meio em uma página da *internet* para ler sobre um determinado assunto, limitando-se à leitura visual rápida. Há uma revolução na forma de acessar e de consumir notícias. Segundo Ferrari (2014), na *internet* as

peessoas não se comportam como se estivessem lendo um livro, com começo, meio e fim. A leitura é fragmentada, saltando de um trecho a outro na mesma página. Diante dessa contingência, é necessário adequar os informativos à leitura superficial, por isso as novas tecnologias atendem às necessidades do imediatismo: as informações são sucedidas com alta velocidade e por essa razão algumas são esquecidas rapidamente.

A tecnologia transformou o jornal impresso, inserindo-o em uma nova lógica: a incerteza dos papéis do jornalista, fazendo que suas funções não sejam bem delineadas. Segundo Caldas (2002), o veículo impresso era um documento, uma fonte de consulta que consistia em propagar notícias de maneira séria e confiável, com o advento da *internet* a rotina do jornalista mudou.

Bardoel e Deuze (2001) referem que o uso da *internet*, como ferramenta de trabalho nas redações, surgiu em meados da década de 1990. Um dos aspectos levantados em relação a esse veículo é a velocidade em que as informações são noticiadas e disponibilizadas ao público leitor. Devemos questionar até que ponto o jornal, a *internet* e a sociedade dialogam e quão significativas são essas interações para a prática jornalística.

No decorrer desse processo, os profissionais de jornal impresso foram obrigados a assimilar novas tecnologias, reestruturar a organização do trabalho, exigindo, além da experiência, a rapidez de raciocínio e discernimento para interpretar os fatos. Como consequência, o jornalista passa a exercer muitas funções ao mesmo tempo, assim seu papel será de disseminar informações em diversas mídias do sistema: *internet*, informação *online*, entre outras (Marcondes Filho, 2009).

4.1.1 Novo modo de publicar e consumir notícias: o jornalismo *online*

De acordo com Chauí (2006), em tempos passados, cabia aos jornais a tarefa de apresentar a notícia, a escolha das manchetes e a determinação da página na qual deveria aparecer a matéria, tal processo necessitava de tempo. Já com o surgimento dos meios eletrônicos e digitais, os fatos são transmitidos em tempo real, sendo que as informações publicadas pelo jornal impresso são mais lentas, se comparadas com a transmissão pela *internet*.

O jornalismo *online* é a transposição do fazer jornalístico para a *internet*, isto é, o conteúdo dos jornais de papel é transferido para a rede *online* com alguns ajustes em relação ao tamanho da reportagem. Devido ao surgimento de um novo consumidor de notícias cuja principal característica é a leitura rápida, os conteúdos devem ser adequados a essa nova

forma concisa. A *internet* vem introduzindo mudanças no jornalismo, sendo um instrumento de publicação e de memória comunitária visto que os arquivos eletrônicos disponibilizados na *web* servem como uma fonte de conhecimento e podem ser acessados pela sociedade. O volume de informação disponível ao usuário e ao produtor da notícia é muito maior no jornalismo *online* (Villela, 2002; Palacios, Mielniczuk, Barbosa, Ribas, & Narita, 2002).

Desse modo, hoje a questão central do jornalismo tem como base a revolução tecnológica da *internet* e de seus desdobramentos, pois esse recurso digital rompeu com a antiga definição de imprensa, uma vez que o modo de transmissão de informações e de circulação de notícias é contínuo na rede diferentemente de outros meios de comunicação. Portanto, a *internet* não é apenas uma mídia ou instrumento de comunicação, é uma nova forma de viver (Kucinski & Lima, 2009).

4.1.1.1. Ser jornalista: desafios e possibilidades de atuação

É preciso definir o trabalho do jornalista, que consiste em garantir a veracidade da informação, verificá-la antes de ser divulgada e recorrer a diversas fontes, confirmando o fato para evitar erros e equívocos, como preconiza o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (Fenaj, 2007).

Souza (2005) afirma que ser um bom jornalista é um desafio, porque a profissão exige domínio sobre diversos assuntos, sendo importante que o profissional tenha compromisso ético para saber até que ponto a sua atuação pode afetar seu jornal. É exigido que o profissional tenha a capacidade de obter informação credível em documentos e fontes confiáveis de informação.

Segundo Caldas (2002), as modificações nos modos de comunicação criam entraves na qualidade do exercício do jornalismo. As notícias são elaboradas de modo fragmentado cuja consequência é a produção de reportagens cada vez mais impessoais, assim, o jornalismo afasta-se de sua tradição para aproximar-se de um trabalho calcado em informações rápidas e objetivas.

Segundo Marcondes Filho (2009), a tecnologia resultou na compressão do tempo, exigindo que jornalistas atuem mais rapidamente. Essa nova prática jornalística é cada vez mais permeada por tecnologias que levam os profissionais a trabalhar na velocidade do próprio sistema. Para as empresas, o bom jornalista é aquele capaz de lidar e adaptar-se às exigências de tempo assim, a velocidade passou a sobrepor a qualidade das informações.

Rodrigues (2002) pontua que o jornalista sério e competente precisa ter conhecimentos de história, cultura e comportamentos da cidade em que o jornal circula. Ao ter intimidade com essas questões é possível que esse profissional desenvolva uma sensibilidade para transmitir informações, respeitando as considerações éticas da profissão.

Christofoletti (2008) chama atenção para a necessidade de preocupação com a ética, que envolve não apenas os jornalistas, mas também seus consumidores, leitores e difusores. O jornalismo é uma prática social voltada ao coletivo, assim, as informações e as atividades jornalísticas devem buscar a verdade, a fidelidade dos fatos e das versões, tomando os devidos cuidados ao disponibilizar tais informações ao público.

4.1.1.1 Critérios para noticiar os suicídios nos jornais

Os principais jornais brasileiros registram em seus manuais de redação um capítulo sobre o tema da ética no jornalismo. São orientações gerais que funcionam como um guia de comportamento, no qual a empresa expressa sua postura em situações que possam incitar dúvidas quanto ao modo de publicação sobre temas tabus (Pereira & Ferreira, 2002).

Citamos um artigo publicado no jornal *Observatório da Imprensa*, que em um contexto mais amplo discute o suicídio na pauta jornalística, ressaltando que geralmente quando um jornalista tem dúvidas sobre como proceder em relação ao seu trabalho pode recorrer ao seu editor ou procurar orientações em manuais de redação (Grando, 2010).

Ainda segundo o artigo mencionado acima, o manual da redação da *Folha de S. Paulo* recomenda que o jornalista não deva omitir notícias sobre suicídio quando for a causa de morte de uma pessoa. O jornal *O Dia* não publica notícias de suicídios, salvo em situações particulares, pela notoriedade dos envolvidos, pelo interesse público das razões que levaram ao ato suicida. Os casos que mais atraem a atenção dos meios de comunicação são os relacionados às pessoas famosas (Grando, 2010). No manual do *Estado de São Paulo* não consta a palavra suicídio, apenas como tratar o tema da morte.

Salientamos que muitas vezes a decisão de noticiar o suicídio na mídia é definida pelos editores, com base nas orientações dos manuais de redação. Desse modo, o jornalista depende das diretrizes do jornal em que trabalha e muitas vezes não tem autonomia para publicar notícias sobre suicídio. Para melhor compreender a respeito sobre a publicação do tema na mídia na atualidade, explicitamos a seguir a comunicação do suicídio na atualidade.

4.2 A comunicação midiática do suicídio na atualidade

O historiador Philippe Ariés (1977/2014) em seu livro *História da Morte no Ocidente* apresenta diversas concepções acerca da morte em diferentes épocas. Na Alta Idade Média tem-se a morte domada que ocorria em espaços públicos, sendo que o processo de luto era elaborado na presença de familiares e amigos, como um evento coletivo. Já o século XX, segundo o autor (1977/1982), foi um período marcado pela inversão das características da morte, que em muitos casos não era mais considerada fenômeno natural e público, passando a ser vista como vergonhosa, inimiga, que deveria ser ocultada. Com o progresso das técnicas cirúrgicas, o moribundo deixa de morrer em casa, rodeado de pessoas, tendo seu óbito solitário em hospitais.

As reflexões discutidas por Ariés (1977/2014, 1977/1982) são atuais. A morte, que antes era um acontecimento público, passou a ser direcionada aos espaços privados, em hospitais e instituições, tornando-se um fenômeno silenciado e íntimo. Marquetti (2011) afirma que “a morte foi banida da sociedade a ponto de tornar-se um tabu, um interdito. O evento da morte, que fazia parte do cotidiano, do natural, torna-se um fenômeno inominável, que é preciso negar” (p. 26). Ainda segundo a autora (2011), as transformações da pós-modernidade e o recolhimento do homem para o domínio do privado provocaram a interdição da morte. Significa que a morte foi confinada à esfera privada e passou a ser silenciada.

Ao mesmo tempo em que a morte ocorre no âmbito privado, também passou a ser escancarada pela mídia. Os suicídios expostos pelos veículos de comunicação contrariam o silêncio e a interdição da morte na pós-modernidade, pois deslocam o fenômeno do espaço íntimo e privado, tornando-o público e visível às pessoas. Segundo Sennett (1976/1998), “na medida em que alguém, por exemplo, sente que deve se proteger da vigilância dos outros no âmbito público, por meio de um isolamento silencioso, compensa isso expondo-se para aqueles com quem quer fazer contato” (p. 29). Em uma perspectiva complementar, Botega (2015) ressalta que, nas grandes cidades e nos meios de comunicação, o suicídio passou a ser um fato escancarado e espetacular na mídia.

Kovács (2012, 2003) utiliza o termo morte escancarada para designar a ideia de que os meios de comunicação expõem de forma maciça e espetacular situações de violência, suicídios e mortes, que por sua vez, invadem o cotidiano e a vida das pessoas sem proteção ou preparo. Esses eventos trágicos podem gerar o excesso de imagens violentas que deixam marcas de vulnerabilidade nos espectadores e também de banalização da morte. A autora

defende a importância de criar espaços para refletir como a morte pode ser apresentada na mídia.

Atualmente o suicídio na mídia pendula entre o silêncio e a publicação de modo escancarado. De um lado, o tema é tabu na mídia, banido da comunicação, por outro, o suicídio é veiculado de modo superficial, sem espaço para a reflexão, como aponta Kovács (2012). Para compreender essa ideia empregaremos uma metáfora para explicar as possíveis consequências quando o suicídio é abafado. A panela de pressão precisa de uma válvula para que o excesso de vapor escape, no entanto, quando isso não ocorre, o conteúdo da panela pode estourar, metaforicamente, podemos pensar da mesma maneira quando o conteúdo é o suicídio. Embora o tema não esteja muito presente nos jornais, quando a mídia o aborda, o conteúdo tende a ser escancarado com excessos e detalhes na mídia, uma vez que a falta de válvulas de escape ou de espaços para discutir abertamente a respeito do tema, aumenta o tabu e o espetáculo do suicídio. Sendo assim, reportagens são elaboradas com abordagem sensacionalista, atraindo a atenção dos leitores que têm curiosidade sobre um tema que é frequentemente ocultado.

A mídia pode servir como uma aliada na prevenção do suicídio como também pode proporcionar um espetáculo diante do ato suicida. Explicitaremos a seguir, as diferentes formas e as possibilidades de realizar uma comunicação mais eficaz no que tange a esse tema.

4.2.1 A comunicação em massa e em rede

Derivada do latim, *communicare* significa partilhar algo, pôr em comum. A palavra *comunicação* é associada a diversos conceitos: transmissão e troca de informações, notícias, ideias verbais e não verbais (Houaiss & Villar, 2009).

Já a comunicação midiática tem caráter duplo: informar e/ou manipular o leitor (Thompson, 1999; Kellner & Share, 2008). No tocante ao suicídio, ao mesmo tempo em que a mídia pode informar, esclarecer, articular, tecer ideias e reflexões, pode também desinformar, manipular, aglutinar e massificar a individualidade.

A palavra *massa* deriva do fato de que mensagens transmitidas pelas indústrias midiáticas estão disponíveis e acessíveis a uma pluralidade de receptores (Thompson, 1999). Ainda mais, o termo pode ser utilizado para designar a ideia de pessoas que fazem parte de um conglomerado inerte e indiferenciado. No exame de qualificação, Karina Fukumitsu (2016) utilizou como metáfora uma massa de modelar cuja característica principal é seu estado amórfico, volátil e facilmente manipulável. Nela uma parte pode aglutinar-se à outra e

também se desprender facilmente, assim, o mesmo processo pode ocorrer com ideias de suicídio em um grupo.

Na comunicação em massa as mensagens são genéricas, impessoais, unilaterais, expressas de maneira vaga, fornecendo dados e informações imprecisas. Nessa modalidade que diz respeito à simples reprodução de fatos, o importante é entregar os conteúdos ao leitor, que por sua vez, é bombardeado com excesso de informações. O modo como a notícia é elaborada pode influenciar pessoas a adotarem determinadas condutas, gostos, induzir desejos e pensamentos, pois tende a manipular, seduzir, sugar e reduzir as possibilidades de escolhas das pessoas.

Rondelli e Herschmann (2000) assinalam que as tecnologias de comunicação atuais passaram a definir os novos horizontes da experiência e a noção de comunidade e de pertencimento, impulsionando a construção de vínculos sociais insólitos, transitórios e a instabilidade no processo de identificação. Ainda, os autores afirmam que “a mídia têm operado como articuladores de novas experiências sociais, contribuindo para a afirmação e a emergência de identidades, alteridades e territorialidades” (p. 203-204).

Nesse contexto, as informações midiáticas genéricas e persuasivas contribuem para que a individualidade de cada pessoa seja diluída no grupo. Na massa, as pessoas admitem ou rejeitam ideias em bloco. A pessoa pode ter dificuldades em distinguir sua realidade de outras pessoas, as fronteiras entre o eu e o não eu tornam-se inextricavelmente misturadas e a pessoa é moldada pela imagem externa.

Para Wolton (2011), informar não é comunicar, esse é um processo mais difícil e complexo visto que informar “é o direito de pensar, de exprimir-se, de buscar o outro, de relacionar-se, de recomençar, de superar tabus e de construir certa verdade” (p. 88). O autor aponta que informar tem como características a velocidade, a saturação, a circulação de informações e o esquecimento do interesse coletivo. A concepção de informar proposta por Wolton (2011) pode ser entendida nesse estudo como comunicação em massa. O conceito de comunicar do autor é o que denominamos de comunicação em rede, na qual se denota a participação ativa da sociedade na construção de ideias e reflexões.

A comunicação em rede é marcada pela territorialidade, presença da singularidade e a noção de construção coletiva, sem perder de vista a individualidade. Nessa modalidade de comunicação, o emissor procura estabelecer uma relação mais horizontal possível com o receptor, construindo conjuntamente o conhecimento. Os conceitos apresentados sobre a comunicação em rede e em massa ajudam-nos a pensar sobre a prática do jornalismo atual.

Destacamos que jornalistas podem apenas informar, mas também podem esclarecer, tecer considerações a respeito das informações, elaborar reportagens produzidas de forma democrática e competente, aprimorando as conexões e a possibilidade de reflexão do leitor. Nesse estudo, ampliamos a utilização dos conceitos comunicação em massa e em rede que segundo a concepção tradicional refere-se às mensagens divulgadas a um vasto público e a comunicação via *internet*, respectivamente (Cardoso, 2010).

No decorrer dos capítulos, apresentamos a fundamentação teórica sobre o suicídio por contágio e a comunicação midiática. O suicídio é um fenômeno complexo, multifatorial e como pano de fundo não podemos deixar de considerar a influência que a mídia exerce em relação aos comportamentos na sociedade. É importante compreender o possível efeito do contágio do suicídio, sem fornecer explicações óbvias ou simplistas.

Buscamos aprofundar nossas compreensões ao investigar como jornalistas publicam sobre o suicídio na mídia e sobre a possibilidade de influenciar no seu contágio. Essas são questões importantes para serem discutidas visto que prevalece o entendimento de que reportagens de suicídios podem gerar a ocorrência de novos casos. Evidenciamos a necessidade de uma análise mais ampla, aprofundada e crítica a respeito do tema.

5 OBJETIVOS

5.1 Objetivo geral

Compreender como a mídia aborda o suicídio e a relação entre a comunicação e o contágio.

5.2 Objetivos específicos

- a) Investigar a percepção dos jornalistas quanto ao entendimento de como noticiar os suicídios na mídia;
- b) Compreender como os jornalistas entrevistados entendem a relação entre o suicídio por contágio e a comunicação midiática (mídia escrita – jornal impresso e *on-line*).

A partir dos dados coletados teceremos considerações a respeito da comunicação em rede e em massa.

6 MÉTODO

6.1 Abordagem qualitativa e a fenomenologia como método de pesquisa

De acordo com Minayo (2012), na abordagem qualitativa busca-se a compreensão, entendida como a capacidade do pesquisador de colocar-se no lugar do outro empaticamente, levando em consideração a singularidade da pessoa, uma vez que a experiência individual é reflexo da história coletiva e envolve a cultura do grupo em que está inserida.

Uma das premissas para a discussão da abordagem qualitativa é a compreensão das experiências vividas que tem como foco a compreensão, interpretação dos sentidos e os significados que o colaborador confere aos fenômenos investigados (Turato, 2003; Pope & Mays, 1995).

O pesquisador na abordagem qualitativa precisa estar aberto e certificar-se de que está apreendendo a experiência do outro. Nesta abordagem, os dados são analisados de forma indutiva e a ênfase é dada mais ao processo que aos resultados, partindo da premissa que o investigador é o instrumento principal da pesquisa (Bodgan & Biklen, 1994).

Para Flick (2009) a abordagem qualitativa consiste na análise de diferentes perspectivas dos participantes e o investigador tem papel ativo na produção do conhecimento, uma vez que suas considerações e reflexões são incluídas no estudo.

Martins e Bicudo (1989) afirmam que para chegar à essência do fenômeno é importante que o pesquisador não utilize procedimentos pré-estabelecidos. Segundo os autores “[o pesquisador] substitui as correlações estatísticas pelas descrições individuais e as conexões casuais objetivas pelas interpretações subjetivas oriundas das experiências vividas” (p. 24).

A perspectiva fenomenológica de Clark Moustakas é baseada nas obras de Edmund Husserl (1859-1938), que apresentou o método fenomenológico como teoria do conhecimento cujo objetivo é superar a oposição entre a objetividade e subjetividade, buscando fundamentar o conhecimento com rigor. Por método, compreende-se caminho. Husserl (op. cit.), como pioneiro do método, apresenta o caminho para chegar à compreensão dos sentidos das coisas mesmas¹ ou mais especificamente, à derivação do Eidos² (Ales Bello, 2006; Ewald, 2008; Zahavi 2015; Zilles, 2007).

¹ Significa voltar-se à experiência.

² Palavra grega que significa aquilo que se capta; que se intui (Ales Bello, 2006, p. 22).

Segundo Moustakas (1994), a fenomenologia busca a descrição das experiências e não explicação ou análise, pois a descrição é mais fiel ao fenômeno, uma vez que mantém sua essência o mais próximo possível da sua natureza real. O pesquisador deve estar aberto e receptivo aos relatos das experiências dos participantes sobre o fenômeno que está sendo investigado, sem realizar interpretações.

Fukumitsu (2012) aponta que a pesquisa qualitativa, baseada no modelo fenomenológico, tem como foco de estudo o processo vivenciado pelos sujeitos, a singularidade da pessoa, a possibilidade de compreensão do contexto subjetivo e objetivo da experiência, a valorização do humano e da consciência intencional. Para a autora “o método da fenomenologia estabelece uma relação direta com o objeto de conhecimento e o sujeito conhecedor, acreditando na visão de homem que se dedica a se voltar às coisas mesmas, sem pré-julgamentos e sem definições preestabelecidas” (p.40).

Tendo em vista que o objetivo desse trabalho envolve a compreensão do suicídio e a questão do contágio, a abordagem qualitativa de caráter fenomenológico foi escolhida devido à necessidade de obter-se uma visão aprofundada a respeito da vivência dos jornalistas, sem fornecer interpretações ou explicações. Salientamos que a fenomenologia foi utilizada como base e não de modo estrito.

6.2 Colaboradores e Critérios de inclusão/exclusão

A divulgação da pesquisa foi realizada por meio de *e-mails* e pedido de indicações para colegas que trabalham em jornais. Os colaboradores desse estudo foram jornalistas que trabalham em jornais impressos e/ou *online* na cidade de São Paulo.

O número de colaboradores não foi previamente definido, dependendo da disponibilidade e do interesse em participar da pesquisa entre o período de setembro de 2016 a junho de 2017.

Participaram desse estudo cinco jornalistas com formação de nível superior em Comunicação social – habilitação em jornalismo, que trabalham com mídia escrita em jornais impressos (papel) ou jornais *on-line* (*internet*) em qualquer seção do jornal, ter experiência de no mínimo cinco anos na área, podendo ou não ter noticiado o suicídio na mídia anteriormente. Seguimos dessa forma:

- Os participantes relataram se consideravam ou não que o suicídio devesse ser noticiado. Em caso afirmativo, eles foram consultados sobre suas percepções a

respeito de como essa abordagem é realizada. Em caso negativo, pedimos para que os colaboradores explicitassem as razões pelas quais o suicídio não é noticiado;

- Em casos em que o colaborador noticiou o suicídio na mídia anteriormente, pedimos para que ele relatasse essa experiência;
- Os participantes foram convidados a apresentarem suas compreensões sobre os temas: suicídio, contágio e mídia.

Foram excluídos desse estudo os colaboradores que não tiveram disponibilidade em colaborar com a pesquisa e/ou que não atenderam aos critérios de inclusão.

6.3 As entrevistas

Segundo Lüdke e André (1986), a entrevista é um instrumento fundamental em pesquisas qualitativas, uma vez que visa captar a informação desejada, estabelecendo uma relação horizontal e recíproca entre o pesquisador e o colaborador. A relação que se estabelece na entrevista aberta é singular. De acordo com Bleger (1998), este instrumento permite uma investigação mais ampla e profunda, com flexibilidade para que o pesquisador possa configurar a entrevista de acordo com a personalidade do entrevistado.

Segundo Minayo (1996), na entrevista aberta, o pesquisador tem liberdade para realizar suas perguntas e possíveis intervenções. O colaborador conduz o processo enquanto o pesquisador o acompanha, realizando intervenções, aprofundando questões que não ficaram claras ou que possam atender os objetivos da pesquisa e que não tenham sido abordados pelo colaborador.

Nesse estudo, foram realizadas entrevistas abertas com jornalistas que descreveram suas percepções a respeito do suicídio nos veículos de comunicação, a partir da pergunta disparadora: *Como o suicídio deve ser noticiado?* Cumpre salientar que outras perguntas foram acrescentadas, caso tivessem relação com os objetivos da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas individualmente e depois transcritas. Os discursos originais foram mantidos, objetivando a fidedignidade da fala. Cumpre salientar que pausas e interrupções foram eliminadas, bem como as perguntas e intervenções feitas pela pesquisadora, tendo como finalidade tornar a leitura mais fluida sem comprometer o significado do conteúdo. Nas falas em que o entendimento da resposta pudesse ficar comprometido, incluímos a pergunta entre parênteses. As entrevistas na íntegra estão no Anexo C.

No tocante ao local das entrevistas, os colaboradores foram previamente contatados por telefone ou por *e-mail*, tendo sido agendado um horário para a realização das entrevistas individuais em locais apropriados, respeitando-se a escolha do participante.

6.4 Compreensão dos depoimentos

Os depoimentos obtidos a partir das entrevistas com jornalistas foram analisados conforme o método fenomenológico proposto por Moustakas (1994), com os seguintes passos:

(1) A *epochè*³, que preconiza colocar entre parênteses os pré-julgamentos, suspendendo as concepções prévias a fim de chegar à essência do fenômeno. O intuito é possibilitar que se aproxime do fenômeno da vivência dos colaboradores por meio de uma compreensão do mundo deles, com o olhar ingênuo e sem julgamentos;

(2) Redução fenomenológica, que consiste em voltar à coisa mesma. A partir da experiência do colaborador, são assinalados os trechos mais relevantes para esse estudo, considerando as repetições dos temas pelo menos duas vezes para a composição das unidades de significado. Segundo Fukumitsu (2013, p. 49) a redução fenomenológica subdivide-se em cinco passos, a seguir:

- **Engajamento inicial** – iniciar a investigação estudando o material, o método e os procedimentos por meio da análise dos fenômenos;
- **Agrupamento** – organizar os temas em categorias temáticas e agrupar repetições;
- **Delimitação** – delimitar o conteúdo, destacando os elementos significativos a partir da vivência do suicídio, contágio e mídia;
- **Horizontalização** – listar as afirmações relevantes do depoimento para o tema da pesquisa;

³Proposta por Husserl, a *epochè* preconiza colocar entre parênteses os pré-julgamentos, suspendendo as teorias e os conceitos prévios pelo pesquisador com o objetivo de apreender e captar a vivência do entrevistado e chegar à estrutura do fenômeno da maneira como se apresenta.

- **Agrupamento das principais unidades de significados e dos temas** – realizar o agrupamento das afirmações e frases do depoente para o ordenamento dos temas e posterior compreensão dos dados.

(3) Variação eidética que visa à busca do *Eidos* ou a procura da essência cujo objetivo é organizar os dados obtidos em temas para compor as unidades de significado a partir da estrutura invariante da experiência. Fukumitsu (2012) aponta que o pesquisador deve identificar um tema invariável, ou seja, aquilo que se repete, revelando a singularidade do fenômeno.

Segundo Fukumitsu (2013, p. 50) após a variação eidética, espera-se:

- Temas e descrições individuais das condições humanas;
- Compreensão das condições humanas;
- Composição das condições humanas de todos os entrevistados (apresentada após as entrevistas).

Adaptamos o método ao propor a análise em duas etapas: a análise individual de cada depoimento, evidenciando suas unidades de significado, após essa primeira apreciação, estabelecemos o diálogo entre a fala do colaborador e a compreensão da pesquisadora.

(4) Síntese e discussão geral dos resultados: análise global dos principais temas observados em todas as entrevistas, articulando o referencial teórico e a compreensão da pesquisadora.

6.5 Considerações éticas

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo IP-USP (CEPH-IP) e aprovado em 20 de junho de 2016 (CAAE: 54836616.8.0000.5561). O documento está no anexo A.

Tendo em vista as questões referentes à delicadeza do assunto, os devidos cuidados foram tomados nesse estudo. Buscamos nessa pesquisa garantir a privacidade, sigilo das informações e a confidencialidade dos entrevistados para que eles não fossem identificados pelos leitores da pesquisa, permitindo que o participante realizasse seu depoimento de forma livre.

Ao apresentar o TCLE explicamos aos participantes a garantia do sigilo de identidade a ser preservada em toda e qualquer situação. Do mesmo modo, os depoentes estavam cientes de que sua participação é voluntária e a entrevista poderia ser interrompida a qualquer momento caso desejassem. Na transcrição das narrativas, os nomes dos participantes foram alterados, os jornais nos quais trabalham e outros nomes mencionados por eles foram omitidos, em respeito ao princípio ético do sigilo.

A pesquisadora buscou garantir risco mínimo ao colaborador e ofereceu assistência se ocorresse sofrimento que pudesse resultar da participação dessa pesquisa, encaminhando-o, caso necessário, para o Centro Escola do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo cujo endereço e telefone constam no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Após os esclarecimentos sobre a pesquisa, seus objetivos e com o aceite do colaborador, pedimos para que assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que está em anexo em duas vias, uma ficou com o colaborador e outra com a pesquisadora. O modelo do TCLE utilizado está no anexo B. O depoimento do entrevistado foi registrado por um aparelho gravador de áudio, transcrito e analisado.

6.6 Mudança de rota: (re)construção do método na pesquisa de campo

É importante ressaltar que vários projetos de pesquisa passam por modificações ao longo do trabalho. Em tese, concebe-se a possibilidade de realizar outros caminhos e mudar de rota em toda a experiência de pesquisa, mas aplica-se pouco e menos ainda escreve-se a respeito. Sendo assim, discutiremos algumas das dificuldades enfrentadas durante o campo na presente pesquisa.

Uma das dificuldades encontradas foi a desconstrução de hipóteses, bem como a mudança de rota na experiência da pesquisa de campo, principalmente a partir da entrevista piloto com primeiro colaborador desse estudo. Antes de iniciar as entrevistas, alguns colegas jornalistas responderam informalmente ao pré-roteiro afirmando a existência de um possível contágio e disseram que tal classe não noticia suicídios devido ao medo da repetição do ato por meio de reportagens na mídia. Ressaltaram que provavelmente a posição dos colaboradores desse estudo em relação ao tema não seria diferente. Desse modo, aparentemente o caminho estava previamente delineado e os pressupostos prontos a serem certificados, no entanto, a trajetória da pesquisa seguiu outro caminho.

Na primeira experiência no campo, surgiram algumas dificuldades em suspender as teorias a fim de ouvir a experiência do colaborador, pois as considerações dele eram

diferentes da pesquisadora e das concepções apresentadas na introdução teórica. Após um tempo, a análise dos depoimentos foi apresentada, respeitando os cuidados propostos pelo método escolhido para esse projeto. Há, aqui, um entre parênteses do *a priori* do pesquisador, em que nada apresenta-se como verdadeiro ou falso; certo ou errado e sim uma tentativa de compreender a vivência do outro, evitando julgamentos.

O primeiro contato com o campo contribuiu para a modificação da postura como pesquisadora, tornando a relação colaborador-pesquisador mais simétrica possível, na qual o conhecimento de ambos é dinâmico e construído conjuntamente. Sobre essa questão Minayo (2012) assinala a importância do pesquisador de ir a campo sem ideias fixas, podendo reformular hipóteses e pressupostos. É crucial estar atento às novidades do campo com abertura para questionar as teorias.

7 DEPOIMENTOS E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Com o objetivo de compreender a percepção dos profissionais de mídia acerca de notícias sobre suicídio, foram realizadas cinco entrevistas com jornalistas que trabalham em diversas secções de redação de jornais na cidade de São Paulo – SP. A maioria já atuou tanto em jornais *online* quanto impressos.

A seguir apresentaremos a análise individual dos depoimentos, tendo selecionado os trechos que compõem as unidades de significado que emergiram a partir do relato de cada colaborador e a nossa compreensão acerca do relato.

7.1 Primeira entrevista

Análise da entrevista: Marcos *nome fictício

Cargo profissional: Editor de jornal *online*

Duração da entrevista: 1h e 50 minutos

Local da Entrevista: Residência do colaborador

Dados do colaborador e contextualização da entrevista

Marcos foi o primeiro profissional que participou do estudo. Completou sua graduação em Comunicação Social em 2000. Cobriu matérias de madrugada e atualmente é editor de jornal *online*. O colaborador disponibilizou sua casa para a realização da entrevista e relatou suas experiências como jornalista, envolvendo questões de mortes, suicídios e celebridades.

Unidades de significado e compreensão da fala do colaborador

A) A publicação de suicídios: o cuidado

O suicídio é um tema que nós [jornalistas] sempre tomamos cuidado, pelo menos nos lugares onde eu trabalhei. Quando isso [uma matéria sobre o suicídio] caiu nas minhas mãos eu sempre tentei tratar com cuidado.

Se a gente já tem a informação oficial de polícia, equipes de resgate, bombeiros, médicos de que aparenta um suicídio, então a gente fala na matéria: “aparentemente foi um suicídio, mas as informações só podem ser confirmadas após a necropsia.” Então sempre temos esse cuidado.

Você tem que tomar cuidado de como você vai repassar isso para o leitor.

Eu sempre tive muito cuidado ao lidar com isso [suicídio] em relação ao meu leitor.

Então a gente toma sempre esse cuidado de não afirmar nada até que uma fonte oficial – médico ou legista diga que foi um suicídio.

Se fosse para publicar o suicídio, eu não focaria nesse tipo de reportagem que diz: “veja os dez tipos de suicídios mais comuns.” Se isso não é relevante então, não tem porque informar. Eu acho que devemos informar dessa maneira, ou seja, instruir, alertar.

Aí a gente já fica alerta, toma mais cuidado e talvez acaba que a pessoa olha na internet um modo de se matar que ela não tinha pensado antes, aí nós temos que tomar cuidado.

Pensar em como vai informar e quem vai informar.

Ver como lidar com o assunto, se é o momento certo para falar sobre isso ou não, se vamos noticiar ou não vamos e pensar no leitor se ele gostaria de estar lendo aquilo.

A maneira como abordar, como passar essa informação é a parte mais difícil, porque você precisa ter o timing certo para fazer isso.

Por exemplo, se for para publicar uma matéria como o suicídio: em saúde, podemos entrevistar um psicólogo, em polícia podemos levantar as estatísticas de suicídio, em cidade vamos verificar se a prefeitura tem algum centro de ajuda e assim, todos os profissionais acabam se reunindo e trabalhando junto. Aí vamos informar e pensar em como podemos alertar a população.

Segundo o colaborador, o suicídio é um tema complicado quanto à sua publicação, pois é preciso pensar em como as informações serão transmitidas ao leitor. Considera importante reunir jornalistas de cada seção do jornal, entrevistar especialistas, trabalhar com uma equipe composta por diversos profissionais, levantar dados sobre o suicídio na cidade e verificar se há centros de ajuda. Ressalta que o trabalho deve ser multiprofissional cujo objetivo é informar e alertar a população.

A sensibilidade, o respeito e a preocupação em alertar entram em cena ao apontar que as reportagens não teriam como destaque: “veja os dez tipos de suicídios mais comuns”. De acordo com Marcos esse tipo de abordagem não instrui, educa ou informa o leitor, portanto não deve ser publicada.

A mídia divulga hipóteses e especulações quando não tem certeza sobre a causa de morte de um famoso. Marcos toma cuidado para não afirmar que se trata de um suicídio até que informações de fontes oficiais sejam disponibilizadas à imprensa.

Os jornalistas devem ter cautela ao publicar o tema na mídia, pois, segundo o ponto de vista do colaborador, é possível que uma notícia possa influenciar o suicídio de outras. O cuidado também aparece quando relata que ao noticiar, é preciso levar em consideração diversas questões, entre elas: o “*timing*”, a maneira de abordar o tema, o contexto e pensar se o assunto interessa ao leitor, sendo essa a tarefa mais difícil do jornalismo, pois exige discernimento. Marcos afirma que seu trabalho consiste em informar e ele precisa saber o momento adequado para divulgar cada notícia.

B) O manual de redação como norteador das condutas em relação à publicação de suicídios

A gente segue esse manual de redação e até onde eu sei são todos iguais em relação a esta parte de publicação de suicídio que é só dar a notícia quando se trata de mortes de celebridades.

O manual do jornal onde trabalho fala assim: não damos suicídio, em casos extremos consulte o seu editor chefe.

Sempre pedir orientação para o editor chefe, trocar ideias porque ele vai ter mais experiência do que você.

Geralmente você segue o manual de redação do lugar onde você trabalha e em todos os lugares a recomendação é a seguinte: não damos suicídio, a não ser que tenha algo de relevante para ser mostrado sobre isso.

Toda redação tem o manual que deve ser seguido e todos os jornais que eu passei o manual dizia: “não damos notícias sobre o suicídio” e por aí você já bloqueia.

O manual de redação e estilo serve como norteador quanto à publicação do tema na mídia. A princípio, as recomendações da maioria dos jornais são de que o suicídio não deve ser noticiado, salvo em situações em que há outras questões envolvidas, isto é, quando se trata de pessoas famosas.

Marcos relata que ao se deparar com uma dúvida sobre como proceder na realização de seu trabalho, ele recorre ao seu chefe que tem mais experiência profissional, a quem solicita orientações. A maioria dos manuais de redação indica que o tema não deve ser publicado, então ele obedece às recomendações.

Em alguns momentos verbaliza que a decisão de publicar o suicídio depende das diretrizes do manual, em outros afirma que tem liberdade para escolher quais conteúdos serão noticiados, segundo suas palavras: “somos bem livres para escolher se vamos colocar a notícia ou não”.

C) Suicídio de celebridades

A gente geralmente noticia o suicídio quando se trata de uma celebridade.

Principalmente no suicídio e na morte de uma celebridade, vamos explorar várias coisas em volta. E isso vai dar audiência, óbvio, e a gente não tem como fugir disso.

Por exemplo, a morte de uma pessoa famosa, todo mundo vai dar, então não tem o porquê a gente não dar, até porque vai ter uma investigação e isso vai comover as pessoas e vai dar audiência, enfim.

O suicídio é noticiado em situações que envolvem celebridades, pois essas são figuras públicas que ocupam espaço de visibilidade. A vida dos famosos gera comoção e audiência, sendo que essa última é importante para o jornal. Marcos relata que, se a morte de um famoso ou seu suicídio está sendo exposto por outros veículos não há motivos para ele não abordar o acontecimento também.

Os jornalistas verificam nas redes sociais como as pessoas estão reagindo à perda da celebridade e elaboram reportagens sobre o luto dos fãs. Para obter um maior número de cliques, a reportagem escrita por Marcos precisa diferenciar-se das notícias do jornal concorrente, por essa razão procura explorar diversos fatos sobre a vida da pessoa famosa.

D) Suicídio de anônimos

A gente sempre evitou dar [a notícia de suicídio de anônimos].

No suicídio de anônimos geralmente não damos a notícia, mas às vezes por trás do suicídio dessa pessoa tem uma história que vai repercutir muito e a gente pensa se vamos dar.

Se é um suicídio de um anônimo, uma pessoa qualquer que acabou se suicidando, a gente a princípio não vai dar por um simples motivo: não sabemos o que levou a pessoa a fazer aquilo.

Eu acho que deve publicar o suicídio de anônimos quando o assunto é global, envolve terceiros, dinheiro público, aí vira notícia.

Na minha concepção, nos casos anônimos a gente tem que respeitar a família e não publicar.

Se a pessoa quer acabar com a própria vida porque não aguenta mais viver nesse mundo que a gente vive hoje eu acho não deve publicar, é coisa dela [da pessoa].

Outra questão que a gente pensa antes de publicar: Vale a pena? É suicídio mesmo? A pessoa que se matou é importante? Trabalhava aonde? Como está a linha de investigação da polícia?

A primeira pergunta que a gente faz quando vai publicar o suicídio de uma pessoa anônima que não seja famosa é: os outros veículos já estão dando a notícia? Porque não adianta a gente tomar certos cuidados e não publicar, se todo mundo já está sabendo e outros jornais já estão falando sobre. E às vezes até o leitor cobra da gente, dizendo: “Por que vocês não estão dando essa notícia?”.

A princípio, o jornal não publica suicídios, principalmente de anônimos, pois não se sabe o que levou a pessoa a tirar a própria vida e por tratar-se de uma regra da linha editorial do jornal. A publicação de suicídios de anônimos ocorre em casos extremos: se há um interesse público; se o evento provoca problemas coletivos; outro fato envolvido, além do suicídio que repercutirá na sociedade, seria quando o acontecimento envolve terceiros, dinheiro público e se a pessoa que se matou era importante para a sociedade.

Antes de noticiar o suicídio de uma pessoa anônima, os jornalistas procuram saber se outros veículos já publicaram reportagens sobre o acontecimento. Ainda que Marcos tome certos cuidados, se a informação já chegou ao conhecimento do público não há motivos para

ele não abordar, pois há também uma cobrança do leitor para que as informações sejam disponibilizadas.

Marcos evidencia seu posicionamento ao dizer que o suicídio de anônimos não deve ser noticiado por respeito à família. Caso julgue necessário publicar, ele tomará cuidados sobre como o tema pode ser abordado. Outra questão apontada pelo colaborador foi a compreensão do suicídio como uma questão individual que pertence a vida íntima de cada pessoa.

Atualmente o jornalismo está calcado nas informações que circulam nas redes sociais. Assim, quem vê a cena divulga na *internet*, logo o jornalista não pode deixar de noticiar, uma vez que o fato está sendo publicado por diversos veículos. Exemplifica com o caso de um homem que se atirou com o filho de um prédio público de São Paulo. Segundo Marcos, embora seja suicídio de anônimo, os jornais noticiaram esse caso por dois motivos: havia uma criança envolvida e o fato do suicídio ter ocorrido em um local público. As pessoas que presenciaram a cena compartilharam o evento nas redes sociais, sendo assim, os jornalistas não podiam ignorar o acontecimento que teve grande repercussão.

E) Respeito à família

É um respeito à família também, porque a família pode ficar sabendo do suicídio de um parente através de uma notícia.

Então não publicamos o suicídio de um anônimo muito em respeito à família também.

Imagina a família lendo esta notícia, às vezes não sabe nem a onde o familiar está e vê [na internet] que a pessoa está no Paraná e se matou lá.

Eu, principalmente, por respeito à família. Acho muito difícil você ficar sabendo por terceiros, sem saber o que aconteceu.

Posso dizer que 99% dos casos não publicamos por respeito à família

Quando morre uma celebridade a primeira coisa que o jornalista faz é entrar em contato com a família para saber sobre o caso. Eu como jornalista sei como as coisas acontecem, fico pensando na questão de como lidar com essa situação.

Eu não quero ligar para a família do famoso porque eu não sei se eles já estão sabendo do caso.

E como fica a família coitada?

Já aconteceu de casos de nós, imprensa, acabar informando a família que o famoso tinha morrido, porque ainda estávamos indo atrás das informações. Quando um famoso morre alguém tem que ligar para o assessor de imprensa para tentar falar com a família.

A gente não gosta de tratar desse assunto com a família, mas depois que todo mundo fica sabendo da morte, inclusive a família, aí tudo bem.

Marcos deixa evidente que o motivo pelo qual não publica o suicídio de anônimos e de celebridades seria por respeito à família. Comenta o quanto é difícil o contato com os familiares para confirmar a morte. É um trabalho que ninguém quer fazer, porque, caso os familiares ainda não saibam do acontecimento, o jornalista tem a difícil tarefa de informá-los sobre a morte de seu parente.

Relata que há dois meses um dos jornais parceiros da empresa em que Marcos trabalha publicou um vídeo de um suicídio que ocorreu nas Cataratas do Iguaçu. Era um vídeo amador em que um turista filmava o local quando um rapaz de São Paulo foi ao Paraná, deixou uma carta de despedida, pulou a cerca, atirando-se nas quedas de água. O vídeo foi postado no *site* do jornal e Marcos pediu para que fosse excluído. O colaborador citou esse caso para justificar o porquê evita publicar suicídios de anônimos, relatando o quão difícil é para a família saber da morte de seu parente por terceiros ou pela *internet*.

Marcos reflete sobre como entrará em contato com a família da celebridade para obter informações sobre sua morte. A visão de Marcos demonstra que, apesar do cuidado com os familiares, o imediatismo das notícias e a velocidade com que os fatos são compartilhados nas redes sociais abrem a possibilidade para que a família fique sabendo do suicídio de seu parente pela *internet*, pois as informações podem ser compartilhadas pelas pessoas que transitam no local no momento em que o suicídio foi consumado.

F) A possibilidade de contágio do suicídio por meio de reportagens

Sei de inúmeros casos de suicídios no metrô, mas eles [metroviários] nem avisam para a imprensa. A gente até brinca: “tem falha no metrô ou parou, então morreu alguém, a pessoa se jogou.”. E o metrô não avisa a imprensa porque eles não querem alardear esse tipo de morte. Não é bom para a imagem do metrô e nesse caso eu acredito que eles não avisam a imprensa porque é justamente para que outras pessoas não façam a mesma coisa, ou seja, não dê essa ideia para que as outras pessoas façam igual, porque sabemos que isso acontece. Nas redações todo mundo já sabe, tanto que você praticamente não vê ninguém dando o suicídio no metrô na mídia. O metrô não divulga de jeito nenhum as mortes que acontecem lá.

Eu acho que no caso de lugares famosos de suicídios, como a Golden Gate, virou um ponto em que a pessoa vem de outro lugar para se matar ali. E como elas sabem disso? Com certeza leram em algum lugar ou assistiram e isso fez com que a pessoa pensasse que era ali que encerraria sua vida também. E acaba pulando. No Rio de Janeiro a ponte Rio-Niterói tem muitos casos, não é noticiado, mas a gente sabe. O vão principal da ponte acho que tem 30 metros de altura e as pessoas vão até lá se jogar. Por quê? Não dá na telha da pessoa do nada que ela vai se matar ali. Às vezes é porque ela leu ou ficou sabendo de alguém. Eu acho que isso pode influenciar sim.

Podemos falar na matéria como as pessoas se mataram. É relevante falar isso? Se não, vamos pular essa parte porque isso pode influenciar alguém.

Marcos destaca a situação do metrô de São Paulo, local em que acontecem inúmeros suicídios, porém a empresa não informa para evitar que as pessoas procurem esse espaço para consumir o ato. Nessa situação, noticiar sobre suicídios na mídia poderia induzir o ato em outras pessoas.

O contágio não é o motivo pelo qual os jornalistas não publicam o suicídio, embora em alguns momentos, Marcos revele a possibilidade da ocorrência da imitação do ato. Cita a ponte *Golden Gate* nos Estados Unidos e a ponte Rio-Niterói no Brasil, apontando para uma possível popularização desses espaços por meio de informações midiáticas. O contágio pode ocorrer à medida que uma pessoa lê ou assiste uma reportagem sobre o suicídio nesses locais, pensando que poderia encerrar sua vida da mesma forma, portanto, o espaço que a pessoa escolhe para findar a vida, pode também ser eleito por influência da mídia.

O colaborador questiona quais conteúdos podem influenciar o suicídio de outras pessoas, dentre elas, a exposição do método utilizado para consumir o ato. Nessa situação, é importante evitar fornecer esse tipo de informação mais detalhada devido à possibilidade de contágio.

G) Informações midiáticas não influenciam o suicídio de outras pessoas

Eu não acho que ao dar a notícia de um suicídio, vá fazer com que a pessoa escolha o jeito de morrer, a não ser que ela esteja pensando nisso.

Eu acho que não é uma notícia que vai me influenciar como vou me matar. Eu acho que a pessoa já deve pensar como vai se matar. E eu não penso que a pessoa vá procurar na imprensa modos de se matar ou imitar o suicídio de famosos, ler em um jornal, ler na internet e falar: “é isso que vou fazer”.

Eu acho que nós nunca pensamos, eu pelo menos, nunca pensei em não dar uma morte, um suicídio por achar que isso poderia inspirar alguém a fazer igual. Nunca pensei dessa forma. Sempre foi seguindo a recomendação do veículo e por também por um bom senso.

As pessoas fazem de várias maneiras, não falar talvez seja até pior do que falar, porque é um jeito de alertar.

1% dos casos [que os jornalistas não publicam o suicídio] é por causa do receio de que isso pode influenciar alguém.

A fala do colaborador indica a compreensão de que os métodos e os locais são contemplados e eleitos pela pessoa anteriormente, portanto, as informações sobre suicídios nos jornais não determinam o modo como o leitor consumará o ato. Marcos acredita que há pouca probabilidade de uma pessoa com comportamento suicida procurar na imprensa ou na *internet* modos para efetivar seu desejo.

Embora tenha mencionado a possibilidade de uma reportagem influenciar o suicídio de outras pessoas, Marcos salienta que boa parte dos casos não optou por não noticiar por respeito e cuidado às famílias. Também não publica por tratar-se de uma regra da redação, devido às recomendações do veículo no qual trabalha, por uma questão de bom senso e não pelo receio de contágio. O colaborador deixa evidente seu posicionamento ao verbalizar que as notícias sobre suicídio não levam ao contágio.

Para Marcos, não falar sobre suicídio pode ter consequências mais negativas do que abordá-lo. Noticiar é uma maneira de alertar e informar o leitor. De acordo com seu discurso, não há como afirmar se foi uma reportagem publicada por ele que influenciou a morte de outras pessoas, denotando que para ele o contágio é uma hipótese ainda não comprovada.

H) Dúvidas acerca do contágio

A gente não tem certeza que foi aquela notícia que a gente deu que fez com que a pessoa se matasse naquele lugar ou cometer o suicídio do jeito que ela cometeu.

Nos jornais aonde eu trabalhei, essa ideia de não vamos noticiar o suicídio, porque isso pode influenciar, eu acho que uma vez ou outra pode ter acontecido.

Eu acho que em um caso ou outro a gente evitou de ter dado o suicídio na mídia por achar que isso poderia influenciar alguém.

Pode acontecer de uma pessoa ler uma matéria do nosso jornal e nos alertar que uma pessoa que conhece ou um próprio familiar se matou por causa de uma notícia.

Eu acho que na hora de escrever uma notícia, se eu resolver dar esse suicídio na mídia por algum motivo, eu não vou omitir como ela se matou. Porque se eu já estou dando a notícia, as pessoas vão querer saber: como? O que ela fez? Então eu tenho que dar, não tenho como fugir disso. E aí eu não posso pensar se eu vou ou não inspirar fazer a mesma coisa. Quantos milhões de habitantes temos? Uma parcela, uma pessoa vai ler e pode cometer o suicídio daquele jeito e eu nem vou ficar sabendo. Eu não posso me policiar a ponto de me censurar.

Malefício? Talvez a questão de como a pessoa tenha cometido o suicídio e como isso influenciaria a vida de alguém que tenha algum desvio e que poderia se inspirar nisso.

Marcos aborda o contágio como uma hipótese. Em algum momento de sua atuação profissional relata ter evitado publicar o suicídio devido à possibilidade de uma pessoa inspirar-se em informações contidas em uma reportagem. Este é um dos malefícios em noticiar o suicídio de acordo com o colaborador.

Ele considera que não deve omitir em uma reportagem o método utilizado e o local onde ato foi consumado, pois ao escolher publicar o suicídio de uma pessoa deve ir até o fim, mencionando os detalhes, uma vez que o leitor deseja conhecer sobre o assunto. Marcos relata que não pode perder tempo pensando se a reportagem poderá inspirar ou não outras pessoas a matarem-se. Existe a probabilidade de alguns leitores serem influenciados, porém ele não ficará sabendo e não pode censurar-se ao noticiar o suicídio.

I) O suicídio não é tema tabu nos jornais

Então eu acho que não é um tabu falar sobre a morte, se tiver que noticiar, vamos noticiar.

Eu não considero o suicídio um tabu porque se fosse a gente não daria de forma alguma.

Não publico o suicídio não porque acho que o tema é tabu, até porque somos bem livres para escolher se vamos colocar a notícia ou não. Eu vejo o tabu como uma questão que a sociedade busca transgredir. O tabu para mim é ver duas mulheres se beijando. O que para mim não tem problema algum. Mas para algumas pessoas isso choca e ofende.

O suicídio não ofende as pessoas como determinados assuntos.

Com o suicídio eu não vejo como um tabu, porque eu não acho que a sociedade tenha que lidar.

Os trechos selecionados demonstram a maneira como o suicídio é entendido por Marcos. Ao ser questionado sobre o tema, ele responde que o suicídio não é tabu, pois tal ato não está associado a uma transgressão, um fato chocante e ofensivo, como ocorre em um relacionamento homossexual.

Reitera que o motivo pelo qual não publica o suicídio, não é porque o assunto é tabu, mas por tratar-se de um tema irrelevante que não mudará a vida de ninguém, de modo que outros assuntos merecem mais destaque.

J) Acostumar com a morte/suicídio: o coração um pouco duro

Eu nunca me choquei com o suicídio ou com a morte porque elas acontecem o tempo todo. É algo do dia a dia. É algo que acontece. Não tem o que eu possa fazer a respeito que possa

evitar. Acontece. Todo dia tem gente nascendo e todo dia tem pessoas morrendo. E é assim. Tem que ser assim.

Morte em geral já não me choca mais, não que o mundo não fosse violento antes, mas com esse leque de informações e de fontes para se obter notícias, [a morte] virou uma coisa comum.

Quem trabalha com essa área tem que se acostumar. E tem que mesmo se acostumar porque você vai lidar com isso todos os dias.

Você acostuma ver as mortes todos os dias.

Eu não sei como lidaria se visse um corpo morto na minha frente, mas se tivesse que fazer eu faria porque é meu trabalho. E eu sei que teria que passar por esse tipo de coisa. Poderia ficar chocado em um primeiro momento com aquela cena, mas depois, eu ficaria mais tranquilo.

Isso está tão repetitivo, acontece tanto, que hoje em dia isso não é mais notícia. Ficamos com um coração um pouco duro e às vezes nós brincamos falando assim: “dez mortos já não é mais notícia, quando chegar a cem mortos a gente dá”. Virou uma coisa muito comum. E acho que mesmo notas de suicídio é algo que não me abala.

Você vê tantas [mortes] que vai ficando tão calejado.

Pena para a família, mas eu não me abalo. Fico comovido, mas eu já pulo para a próxima notícia. Eu não posso ficar preso ou pensando naquilo [o suicídio]. É mais uma notícia de morte e infelizmente é uma, dentre muitas que noticiamos todos os dias.

Isso me espantou, da pessoa ter essa coragem de fotografar, postar na internet de um jeito que não cobria os corpos e aí nesse caso você não tem como fugir da notícia. Está todo mundo vendo.

Segundo Marcos, mortes e suicídios não são assuntos chocantes, pois ocorrem a todo o momento. Há um tempo, atentados terroristas eram manchetes do jornal, porém devido a sua ocorrência diária, esses eventos tornaram-se comuns, fatos rotineiros; uma notícia irrelevante do ponto de vista jornalístico, de acordo com o colaborador.

Após a graduação, Marcos trabalhou como repórter de madrugada e conheceu uma jornalista que cobria chacina, assassinato, entrevistando delegados e policiais com os corpos mortos ao seu lado. No início, sua colega ficava chocada, mas depois se acostumou a ver cenas de mortes e imagens violentas.

Reitera que como jornalista não há o que se possa fazer, apesar de ficar comovido, precisa cumprir seu trabalho. Pula para a seguinte notícia, parecendo afirmar que é preciso ter essa postura e acostumar-se com a morte para exercer sua profissão.

Marcos ainda discorre sobre o seu espanto ao ler sobre mortes escancaradas na mídia, de acordo com seu ponto de vista, essas imagens não devem aparecer no jornal. Comenta sobre a importância da edição das notícias antes de disponibilizá-las aos leitores. Embora tenha ficado chocado com as imagens, ele relata que quando essas são compartilhadas na *internet* pelos internautas não há como os jornalistas fugirem da notícia, sem publicá-las.

K) Viés mercadológico da notícia e da morte: audiência e cliques

Mortes em geral gera audiência e dependendo de como a pessoa morreu dá muito mais. A gente tem que lidar com essa escolha do que publicar todos os dias e nosso trabalho é garimpar as notícias que chegam e pensar quais que vão dar mais audiência.

Vai ficar na capa aquilo que mais vai dar audiência.

Então é um tema [o suicídio] muito complicado para o jornalismo tocar e muita gente não sabe como lidar, principalmente alguns veículos e profissionais mais novos nas redações. Não digo lidar psicologicamente com o suicídio, mas lidar no sentido de ver se a notícia vai dar audiência e se o jornal vai vender com essa notícia.

Como meu trabalho é dar cliques para o jornal então vou procurar as matérias que eu acho que vai bombar.

Mortes de famosos geralmente dá muita audiência. Não só artistas, mas políticos, atores, celebridades ou pessoas conhecidas em geral.

E isso [morte de famosos] dá clique, às vezes porque a pessoa não sabe quem é e tem curiosidade em saber. Às vezes quer saber do que morreu, às vezes a pessoa era um fã.

A gente tem que lidar com essa escolha do que publicar todos os dias e nosso trabalho é garimpar as notícias que chegam e pensar quais que vão dar mais audiência.

Não usávamos a morte ou o suicídio para explorar audiência.

O jornalista precisa ter feeling sobre quais matérias vão bombar.

Se tiver que noticiar, vamos noticiar, mas a gente vai ver cada caso, se vale a pena mesmo e como vamos tratar cada caso na mídia.

O colaborador deve ser objetivo na publicação de uma matéria, pensando em quais reportagens terão maior número de cliques, pois seu trabalho consiste em obter audiência para o jornal.

Aponta que os jornalistas precisam ser intuitivos e ter “*feeling*” quanto ao conteúdo de interesse do leitor, podendo acertar ou errar. Assuntos fúteis como fofocas e vida de celebridades geram mais audiência que notícias de mortes em uma guerra. Marcos traz

exemplos de situações que tem alto índice de cliques e questiona: “Eu vou dar notícia sobre a Rafaela Justos que machucou o joelho pela primeira vez ou vou dar a notícia de dez pessoas que morreram no atentado no Gabão na África do Sul? As pessoas não vão querer saber sobre o Gabão e sim da Rafaela, então é isso que vamos publicar”.

O suicídio é um tema que força os jornalistas a refletirem, Marcos afirma que muitos profissionais ainda não sabem como lidar com o tema, ou seja, se o suicídio é um assunto cuja publicação terá audiência no jornal.

Em resumo, ao retomar a fala do colaborador, elencamos os critérios para a publicação em relação ao suicídio nos meios de comunicação mencionados pelo entrevistado:

- ✓ Qual é o momento mais adequado para falar sobre o suicídio?;
- ✓ O leitor gostaria de ler matérias a respeito desse assunto?;
- ✓ A matéria publicada terá audiência?;
- ✓ A pessoa que se matou é uma celebridade?;
- ✓ Se o suicídio é de uma pessoa anônima, o critério é verificar se envolve outras pessoas; se há uma história que repercutirá na sociedade; se a família já sabe da notícia; quando as causas dos suicídios são consideradas como decorrentes de um problema que envolve a sociedade e não estão embasadas em questões íntimas e pessoais.

L) Ser jornalista: pressão, imediatismo e diferenças entre o jornal *online* e impresso

Por eu ter trabalhado muito em jornal online e a coisa ser imediatista, se você der [a notícia], a pessoa já vai estar vendo daqui a pouco no celular.

A gente tem que ser imediatista sempre.

A rotina de um jornalista é estressante e pesada.

Se você não tomar o cuidado vai sair uma informação errada, com erros de português e isso é bem comum nos jornais online por conta da questão do imediatismo.

Já na internet temos metas a cumprir, então para não concentrar em um só caderno, vamos distribuir os temas para bater a meta de cliques por mês.

Mas para quem trabalha com a internet como é o meu caso, a gente vai se basear nas notícias do dia a dia.

Em internet a cobrança é grande porque você tem que fazer uma matéria que tenha muitos cliques.

Eu trabalhei em grandes jornais, um deles eu fui muito explorado, mas aprendi demais. A experiência que eu adquiri lá não tem preço, apesar do assédio moral, das cobranças. Trabalhar para os grandes jornais te ensina a entender como funciona o jornalismo.

Eu saí desse jornal porque a cobrança por audiência era muito grande e era uma gritaria todos os dias, por exemplo, dava 18h e o editor já começava a gritar “cadê a matéria de trânsito?”, aí se começasse a chover ele gritava “chuuuuuva”, ou seja, ele queria a matéria de trânsito na chuva e a gente tinha que se antecipar para não ouvir esse tipo de gritaria e cobrança, mas isso era todo dia e toda hora.

Nos trechos acima, Marcos descreve a rotina de um jornalista como pesada e estressante, em que os profissionais são explorados, pois há uma exigência e cobrança em função do imediatismo e da audiência.

Quando acontece um desastre, acidente, atentado com muitas mortes, os jornalistas são pressionados a publicarem as informações de forma rápida e imediata para que o jornal concorrente não noticie antes. Essa rapidez para publicar as notícias pode levar a erros.

Outro ponto abordado é que uma reportagem elaborada com conteúdo mais aprofundado, com consulta a especialistas não é viável pela questão do tempo e pelo desfalque de profissionais, que foram demitidos devido a uma crise financeira do jornal que Marcos trabalha.

O colaborador diferencia o jornal de papel e *online*, de modo que ele trabalha com notícias em tempo real. No jornal *online* há metas a serem cumpridas, além disso, a cobrança é grande e os profissionais precisam lidar com as informações do momento, de forma instantânea.

Comenta que precisa noticiar situações importantes que não atraem a atenção dos leitores, conseqüentemente não há aumento nos índices de audiência. Notícias serão publicadas para informar o leitor sobre os acontecimentos do dia a dia, no entanto, como manchetes ficarão as reportagens que tiverem maior número de cliques ainda que sejam assuntos fúteis.

Diálogos com a fala do colaborador

O colaborador parece acreditar na possibilidade de contágio, ao mesmo tempo em que aponta que notícias não exercem influência sobre o suicídio de outras. A nossa compreensão sobre o relato de Marcos é que o colaborador tem dúvidas sobre o quanto e como as reportagens publicadas na mídia podem levar ao contágio do suicídio.

Marcos relata que detalhes sobre o ato suicida são publicados, pois os leitores exigem que essas informações sejam noticiadas, porém segundo o nosso colaborador, esses detalhes podem levar ao contágio do suicídio, o que pode mostrar o dilema frente à questão sobre como noticiar o tema. Para nós continua a questão: a mídia favorece a possibilidade de contágio do suicídio ao expor detalhes sobre o acontecimento aos leitores?

Em um dos trechos, Marcos relata que obedece ao manual de redação e ao editor chefe, submetendo-se as decisões a essas instâncias. Na nossa compreensão, os manuais de redação podem reforçar o tabu do suicídio ao não favorecer uma reflexão mais profunda sobre o assunto e ao não recomendar a sua publicação, impedindo assim que jornalistas possam exercer seu trabalho a partir de uma ética autônoma.

Ao comentar que não se abala com notícia de mortes e suicídios, notamos em seu relato a aparente objetividade necessária na publicação de uma reportagem. Afirma que apesar de ter cuidado com as famílias enlutadas, ele não se choca, logo publica outra notícia, pois não pode perder seu tempo refletindo sobre o assunto. Sua fala revela que no início da prática, as notícias sobre morte e suicídio o chocavam, mas vai acostumando-se.

Em alguns momentos da entrevista, Marcos demonstra cuidado e respeito, em outros, expressa distanciamento. Como essa postura de afastamento influencia na publicação de uma notícia? É preciso não se abalar ou não se envolver emocionalmente com a informação para ser um bom jornalista? É possível que os profissionais sensibilizem-se com o tema da morte e o suicídio ao mesmo tempo em que cumpram as exigências do jornalismo atual?

Embora Marcos não use o tema da morte para incrementar a audiência, as reportagens sobre suicídio e morte são vendidas, comercializadas, passando a ter valor financeiro. O colaborador relata que antes de publicar uma notícia precisa saber se as pessoas têm interesse no assunto e se o suicídio é um tema que pode gerar curiosidade, audiência e lucro. Seu argumento parece ser coerente com as necessidades do jornal e a curiosidade do leitor, pois ele publica reportagens que alimentam o interesse do internauta em consumir essas notícias.

Ao se referir à publicação do suicídio nos jornais, Marcos mencionou diversas vezes a expressão “dar o suicídio”. Notamos a diferença entre *dar* e *comunicar*. Nesse estudo, nomeamos esses processos de comunicação em massa e comunicação em rede, respectivamente. A expressão “dar o suicídio” cumpre a função de informar e entregar a notícia em tempo real. Tal postura parece demonstrar pouco cuidado na maneira como a notícia poderá afetar o leitor e os esforços concentram-se na quantidade da informação e não na sua qualidade. Ao passo que o verbo comunicar indica um tempo maior, sendo uma

atividade mais complexa, que pressupõe envolvimento e disponibilidade de jornalistas para colocarem-se no lugar do leitor, ao pensar como a reportagem poderá ser recebida.

O colaborador menciona que o metrô evita falar sobre os suicídios que ocorrem no local. Buscamos entrevistar um ex-assessor de imprensa que trabalhou no metrô, sendo que em um primeiro momento o jornalista pareceu desconfiado com os objetivos da pesquisa. Ao esclarecer a finalidade desse estudo, a ênfase no sigilo de identidade, aceitou conceder uma entrevista. Após marcamos a data, o jornalista não respondeu às mensagens para confirmar sua participação. Não sabemos qual foi o motivo da sua recusa, mas podemos supor que tenha relação com o tabu do suicídio, que pode estar presente também entre os funcionários da empresa. Podemos observar como algumas instituições, nesse caso o metrô, ainda é um local que interdita as mortes públicas, como afirma Marcos e Marquetti (2011).

7.2 Segunda entrevista

Análise da entrevista: Ricardo *nome fictício

Cargo profissional: Repórter de jornal *online* e impresso.

Duração da entrevista: 1h e 13 minutos.

Local da entrevista: cafeteria em São Paulo.

Dados do colaborador e contextualização da entrevista

Ricardo atua como repórter há sete anos em um jornal de São Paulo. Começou cobrindo matérias ligadas à cidade, abrangendo questões de segurança, transporte público, habitação, homicídios e suicídios. Já ocupou o cargo de chefe substituto e atualmente trabalha com dados estatísticos públicos e também escreve em um *blog online*.

Redige matérias tanto para jornal *online* quanto impresso. Por trabalhar com reportagens planejadas tem escrito mais em jornal impresso. O colaborador colocou-se à disposição para tirar dúvidas após o término da entrevista e indicou outros jornalistas para participarem desse estudo.

Unidades de significado e compreensão da fala do colaborador

A) Concepções acerca do suicídio: a irrelevância jornalística

O pessoal [jornalistas] só noticia se causou algum tipo de fato além do suicídio do cara. Alguma comoção, tipo parou a rua.

Aí vai ver que foi porque teve um cara que foi morto aí vão investigar melhor e vão ver que foi suicídio. Aí a matéria volta para a questão do trânsito e não foca no suicídio.

O suicídio não tem essa importância, porque é uma questão muito pessoal e não é um troço que ajuda a pensar na cidade. É um troço que é muito daquela pessoa.

Não importa o que parou o trem, mas importa que parou. Sinceramente para a cidade não importa se foi um cara se jogando ou se foi um cachorro que caiu ou se fosse um problema na maquinaria do trem, mas o que importa é que estragou a vida de quem estava no trem. Não há interesse público sobre o cara que se matou.

Eu acho que se [o suicídio] causar um transtorno na cidade aí é bom publicar.

Quando é sobre o suicídio, o negócio é bem menor. No sentido de que a notícia será menor e menos prioridade para ela, porque vai sair menor no jornal. Você perde muito do valor daquela notícia, porque não foi uma questão de segurança pública, não foi um crime público ou latrocínio que para nós esses assuntos são muito mais importantes porque mostra um problema de política pública.

O suicídio tem menos interesse público.

A não ser que você esteja falando de epidemia de suicídios, a não ser que a matéria seja sobre suicídio, mas se for um caso específico não tem interesse público.

O suicídio não tem tanto interesse jornalístico.

Se não for esses casos não consigo ver porque o homicídio, aliás o suicídio, tem uma relevância jornalística.

Se você olhar esses dados você deveria dedicar três vezes mais espaço para falar sobre o suicídio do que homicídio, mas no Brasil não é assim, tem muito mais homicídios do que suicídios e certamente esse gráfico seria o contrário. No Brasil como as taxas de homicídio são altíssimas, o suicídio fica escondido.

Se trata [o suicídio] de uma questão muito individual. No jornalismo a gente aprende na faculdade sobre valor de uma notícia, mas o suicídio não tem valor como notícia.

Você não faz seu trabalho jornalístico publicando o suicídio.

Homem se mata no shopping, para quê publicar? É de mau gosto. Se você ler que um homem foi morto pela polícia isso tem uma relevância.

A gente pensa: o que é isso? Qual o valor disso? Qual o tamanho disso? Qual a abordagem que a gente vai dar sobre a matéria?

É um troço que é muito daquela pessoa.

Achava que era homicídio e criou uma questão política e depois viu que era suicídio. Nesses casos a gente tem que contar que foi suicídio.

Ricardo iniciou seu relato dizendo que o suicídio é um evento individual e não é um tema muito presente nos meios de comunicação, pois não tem valor jornalístico. Refere ao suicídio como “*low profile*”, termo de origem da língua inglesa que significa baixa visibilidade, sem alarde; de pouca divulgação midiática.

O colaborador considera que realiza seu trabalho como jornalista ao promover debates políticos, redigindo reportagens que colaborem para a conscientização pública ou que tragam benefícios para a sociedade, o que não ocorre com o suicídio. Durante o curso de Comunicação Social, chegou a estudar a relevância de uma notícia, ressaltando que o suicídio não é um assunto de interesse público, principalmente quando se trata de casos específicos e isolados.

Menciona o metrô de São Paulo como um local onde muitas pessoas tiram a própria vida, porém, o jornal não noticia esses eventos, pois, segundo o ponto de vista de Ricardo, não importa se o trem parou porque uma pessoa jogou-se sobre os trilhos, o que é relevante

nessa situação é que a paralisação do trem gera problemas no transporte e na locomoção dos outros cidadãos.

Por trabalhar com temas que envolvem a cidade, considera importante noticiar situações que geram transtornos na metrópole e que tenham relevância no dia a dia dos cidadãos, apontando para problemas de política pública, como ocorrem com os homicídios, crimes, latrocínios e acidentes.

O suicídio não deve ser noticiado por ser tratar de um assunto pessoal e íntimo. Segundo o ponto de vista de Ricardo, não há espaço na mídia para tratar de individualidades e as reportagens devem ser de interesse público, o que não é o caso dos suicídios.

Descreve o caso de um homem que morreu em um espaço público de São Paulo em que havia muitos transeuntes. Ao chegar ao local e entrevistar as testemunhas, deixou de investigar o ocorrido pela suspeita de tratar-se de um suicídio. O silêncio acerca do suicídio é confirmado nesse depoimento, tal tema não deve não ser visto ou conhecido.

O suicídio deve ser noticiado a fim de esclarecer o leitor quando há um debate político ligado ao tema. Outra questão levantada por Ricardo, quanto a não publicação de suicídios, que devido ao elevado número de homicídios em comparação com os suicídios no Brasil, esse último acaba perdendo impacto e espaço no jornal. Segundo o colaborador, é preciso refletir o valor, a dimensão e a abordagem que será dada para cada assunto.

De acordo com seu ponto de vista, quando o suicídio precisa ser noticiado os detalhes são ocultados e o jornalista não deve dar ênfase ao ato. A reportagem sobre suicídios não terá prioridade e não ocupará espaço de destaque na edição, de modo que o fato é noticiado como evento menor quando comparado a outros assuntos.

Questionamos o colaborador sobre a relevância em publicar o tema de forma geral e não exemplificado em um caso específico, ao passo que ele respondeu que o suicídio tem valor jornalístico ao ser abordado como um problema de saúde pública, quando se trata de uma epidemia de suicídios. Esse tipo de reportagem discute o assunto, gera reflexão na sociedade e não incentiva o ato.

B) Como o tema deve ser abordado: o suicídio nas entrelinhas

Os jornalistas usam outras palavras para contornar a palavra do suicídio.

Fica meio nas entrelinhas que foi suicídio, você nunca deixa muito claro. Você pode colocar mais embaixo que foi suicídio, mas se tiver uma outra palavra para você colocar, tipo, morreu por overdose, morreu enforcado no banheiro é melhor.

Aí se fosse eu decidiria assim: ele morreu enforcado no banheiro e não tinha ninguém em casa. É uma palavra muito pesada e que carrega um monte de significados.

Às vezes é ruim a pessoa ver a palavra.

Acho que quase todos os jornais trataram da morte dele contando como ele era e lá embaixo fala: Morre Fausto do Hermes e Renato enforcado sozinho na casa.

No caso do shopping quando se descobriu que era suicídio, a gente tem mais calma, pega leve. A gente acabou dando [a notícia], mas acho que bem menor, foi uma notícia pequena: “o cara caiu do quinto andar do shopping e polícia investiga se foi homicídio ou não”.

Você pode até interpretar minhas respostas como: “ahh o Ricardo teve um caso que ele viveu e marcou ele de fato. O Ricardo acha o suicídio um mega tabu e disse que não pode nem escrever a palavra no jornal”, não é bem assim, mas talvez tenha um pouco disso também.

Se um cara morreu enforcado na casa sem ninguém, é óbvio que é suicídio, por isso você não precisa publicar uma matéria dizendo: “ator famoso se suicida em casa.”

Você descola da narrativa emocional e se aproxima da questão política. Aí você tem que usar o termo suicídio porque é importante, porque se contrapõe ao homicídio. A grande questão era: foi homicídio ou foi o quê? Nesse caso acho importante usar a palavra.

Nos trechos acima, o colaborador verbalizou como seria se tivesse de publicar o suicídio no jornal. A palavra suicídio é caracterizada por Ricardo como um termo que causa incômodo, carrega diversos significados negativos, desse modo, outras palavras devem ser utilizadas para designar o ato suicida. Afirma que o suicídio precisa estar implícito e o termo deve ficar nas entrelinhas, exemplificando com situações que poderiam substituir a palavra: morreu por *overdose* ou enforcado no banheiro.

Relata o caso de uma pessoa famosa que foi encontrada morta em sua casa, sozinha, excluindo a possibilidade de assassinato. Para Ricardo está evidente que ocorreu um suicídio, por isso não há necessidade de mencionar a palavra no jornal.

Ricardo evita publicar reportagens sobre suicídios que possam despertar sentimentos intensos, exceto nos momentos em que: “você descola da narrativa emocional e se aproxima da questão política”. Nessa situação, ele pontua que a palavra suicídio deve ser utilizada, salientando que não são as questões emocionais ligadas ao suicídio que devem ser noticiadas e sim quando se trata de um assunto político, como a morte de uma pessoa importante para a sociedade.

C) O suicídio é um troço que precisa tomar muito cuidado

Você tem que ter muito cuidado na hora de noticiar morte de pessoas.

Se eu não sei os detalhes então não publico.

Eu acho que hoje lidamos de maneira mais séria com essa coisa de morte de famosos, até mesmo pessoa desconhecida a gente acaba tomando o mesmo cuidado.

Nesses casos você tem mais a perder do que ganhar se publicar de qualquer jeito. Então em alguns casos específicos tem uma cobrança maior, tipo nesses casos de suicídios.

O suicídio é um troço que precisa tomar muito cuidado.

[o suicídio] É um troço que a gente toma muito mais cuidado do que toma com o outro [assunto]

No caso a caso, os editores falam: cuidado, tem certeza? E você fica meio balançado e pensa “vou checar de novo”.

É muito pesado para as pessoas que sofreram e eu acho que não precisa dizer, mas se você precisar... Pra quê?

Nesses trechos o colaborador afirma o cuidado ao noticiar temas relacionados a mortes e suicídios. Por tratar-se de assuntos sensíveis, há cobrança do editor e do próprio leitor, sendo assim para Ricardo é importante ter precaução e esperar que as informações sejam disponibilizadas pelos hospitais e notas públicas da família. Relata que busca orientação da polícia sobre como noticiar e procura manter fidelidade quanto ao relato dos policiais.

Segundo Ricardo, noticiar mortes antes de obter informações confiáveis sobre o estado de saúde da pessoa é cometer falha ética grave com a família, por essa razão, é preciso ter mais cuidado ao abordar esses temas.

Aponta ainda que é preciso ter cuidado ao publicar mortes e suicídios de pessoas desconhecidas e/ou famosas. O suicídio é um tema que leva os jornalistas a terem mais ponderação e cautela na hora de noticiar em comparação com outros assuntos, principalmente por envolver famílias e pelo risco de induzir o suicídio.

Antes de fechar uma edição, os editores perguntam aos repórteres se estes procederam a uma investigação com profundidade sobre o que escreveram. Esses questionamentos fazem com que jornalistas verifiquem as informações diversas vezes. O cuidado aparece também quando ele relata a importância de refletir sobre a reação das pessoas às notícias.

Em resumo, o cuidado aparece pelo cuidado das famílias enlutadas, pelo medo do contágio e por tratar-se de tema delicado e sensível.

D) Suicídio: um tema sensível

É um tema sensível e não é um tabu no sentido de não poder falar sobre o suicídio.

Até porque o suicídio é um tema mais sensível.

[o suicídio] É um tema supersensível.

Não adianta, casos de homicídios e mortes não adianta ficar inventando, porque pega muito mal, é um negócio muito delicado.

Esse é um tema que é difícil de as pessoas serem neutras, porque traz muita emoção. Ou porque a pessoa teve um caso na família ou um amigo ou se ela leu e se interessou pelo assunto.

Os trechos selecionados demonstram a maneira como o suicídio é visto e entendido por Ricardo que, segundo seu ponto de vista, é um tema delicado e sensível, gera emoção nas pessoas.

Para o colaborador o suicídio não é tabu ou tema interdito ou proibido. De acordo com ele, jornalistas tendem a abordar questões voltadas ao homicídio, porque envolve um problema de política pública enquanto o suicídio não.

O suicídio é um tema que sensibiliza, comove e dificilmente as pessoas ficam neutras diante da situação devido à experiência pessoal, quando é um caso na família ou porque a pessoa leu e interessou-se sobre o assunto.

E) Risco do suicídio por contágio

Existe o risco do suicídio por contágio. A gente nunca sabe o que é lenda, o quanto que não é, mas por via das dúvidas, por quê? A gente vai ganhar alguma coisa dando destaque para isso aí?

Corre o risco, ninguém sabe direito dentro do jornalismo, se esse negócio de suicídio por contágio acontece ou não, e a pessoa [o jornalista] pensa: para quê noticiar?

Tem essa questão do suicídio por contágio que as pessoas do jornal acreditam nisso.

Elas não sabem dizer exatamente o quão verdade é o contágio ou o quão impactante é uma notícia sobre o suicídio de outra, ninguém sabe dizer, ninguém estudou isso a fundo. As pessoas por via das dúvidas elas pensam: para que eu vou publicar o suicídio?

Tem um malefício, mesmo que a gente não possa com precisão saber o quão mal isso causa, só de ter a suspeita do contágio já é um bom motivo para não publicar.

Acho que existe um contágio, eu acho que sim. Pelo menos você tem uma sugestão [...] aí você vai publicar “cara se joga do shopping”, pra quê?

Acho que se eu estivesse em uma situação que eu soubesse que tivesse a possibilidade alguém ter se matado baseado em uma matéria que eu fiz, não com base, mas uma pessoa achou que eu sugeri o suicídio, eu ia me sentir semiculpado. Aí por isso eu penso: “para que eu vou fazer essa matéria?”. Literalmente não ia mudar nada no mundo. Provavelmente eu não iria saber, mas eu não quero correr o risco.

A gente não quer que as pessoas se matem. Nada a ver. É uma profissão meio idealista e só de correr o risco do contágio, pra quê, sabe?

Imagina no suicídio que você pode literalmente ajudar uma pessoa se matar. Eu não vou botar minha mão nisso.

Você corre o risco de incentivar que uma pessoa faça o mesmo, dando publicidade para isso. E você não tem nada a ganhar. Literalmente nada.

A pessoa que nunca ouviu falar do ator vai querer ler a matéria e ela que já tem pensamento suicida isso vai chamar a atenção dela.

É um incentivo indireto que você faz quando noticia um suicídio.

A mídia pode influenciar, criando o incentivo do pensamento suicida que uma pessoa possa vir a ter.

Tem esse medo [do contágio], pelo menos razoavelmente bem fundado e por isso você não tem nada a ganhar noticiando suicídio.

Você corre o risco de não saber o quanto você pode incentivar que outras pessoas também se suicidem.

Existe! Existe! [crença do contágio no jornalismo]. Tem uma regra, mas não é uma regra escrita porque nunca ninguém fala.

Imagina no caso do suicídio não tem o outro lado, é um troço que só pode trazer coisa ruim publicar com destaque que foi um suicídio.

As pessoas se matam e enfim só traz coisa ruim para quem está lendo [a notícia].

Publicar uma matéria dizendo: “homem se mata no shopping”, só te traz coisa ruim, tipo não tem nada que você pode fazer.

Não é o meu caso [...] mas talvez seja um pouco do meu caso, porque a minha mãe é psiquiatra e ela teve uma fase muito ruim no consultório dela. Ela tinha uma cliente que era suicida, tinha esse comportamento suicida e minha mãe atendia ela. Só que essa cliente acabou se matando, ela se atirou do prédio aonde morava. Aí minha mãe ficou meio mal porque é ruim perder paciente assim. Só que uma semana depois apareceu no consultório dela uma outra cliente que era uma menina que tinha visto a outra se jogar no prédio. Essa morava na frente da menina que se matou se atirando do prédio. Aí essa também tinha pensamento suicida e a minha mãe começou a tratar ela e em dez dias ela pegou e se matou do mesmo jeito.

Nesse caso da minha mãe, ficou muito claro que o suicídio de uma incentivou muito o suicídio da outra. Não que incentivaria qualquer um, mas como a moça já tinha tendência suicida ajudou a outra a tomar a decisão de se jogar.

Segundo Ricardo existe uma crença no jornalismo acerca do contágio do suicídio, porém não é explícita. Esse silêncio ocorre, sobretudo, em função da falta de regras escritas e treinamentos na redação. A ausência de diretrizes não diz respeito apenas à publicação de suicídios, mas do jornal como um todo.

O risco do contágio é apontado por Ricardo como uma das razões pelas quais o assunto é pouco mencionado pelos jornalistas. Aponta que há um medo do contágio e não sabe o quanto e como notícias sobre suicídio pode impactar os leitores. Refere que a publicidade e a notificação de suicídios podem levar uma pessoa a tirar efetivamente sua vida, tornando um incentivo indireto para que outras pessoas também se matem quando é dada ênfase ao assunto.

Há malefícios em publicar o suicídio, pois uma matéria sobre o assunto envolvendo celebridades, por exemplo, pode chamar a atenção de pessoas com pensamentos suicidas. Reconhece que se soubesse de uma pessoa que se matou ao ler sua reportagem, ele sentir-se-ia, de certa forma, culpado, por isso, aponta que é importante refletir o motivo pelo qual o jornalista escolhe abordar o suicídio.

Ricardo evidencia a falta de conhecimento dos jornalistas que não estudam o tema com profundidade e não sabem afirmar se o efeito do contágio é real. Há um consenso entre jornalistas que compactuam com a não publicação do suicídio nos meios de comunicação pelo receio do contágio.

Outra questão mencionada por Ricardo é a respeito de sua experiência pessoal em relação ao suicídio por contágio. Sua mãe que é psiquiatra atendia no seu consultório uma cliente que se atirou de um prédio, sendo que uma semana após esse incidente, sua mãe atendeu outra cliente que também apresentava comportamento suicida e assistiu à cena da primeira paciente que havia se jogado do prédio. Alguns dias após o início das sessões, a cliente atual também morreu visto que pulou do mesmo edifício que a primeira paciente. Nesse caso, afirma Ricardo, ficou evidente que o suicídio de uma incentivou a morte da outra e que o contágio ocorre quando uma pessoa tem personalidade suicida. Apesar de considerar que essa questão não interfere na prática do jornalismo, ele prefere não noticiar suicídios. As questões vivenciadas pela mãe mobilizaram Ricardo e o fizeram refletir sobre o suicídio, tornando-se um tema delicado que necessita de cuidado.

F) O suicídio por contágio: simbologia da cidade

Minha cidade teve uma epidemia de suicídios alguns anos atrás. Em dez anos se mataram umas quinze pessoas. É uma cidade que tem muito morro e as pessoas iam até o topo do cruzeiro que fica no topo do morro e se matavam de lá. Esse é o símbolo da cidade e aonde quer que você esteja dentro da cidade você consegue ver esse cruzeiro que tem uma cruz em cima. As pessoas iam até lá e se jogavam.

Eu não fiz nenhuma matéria sobre isso, mas fiquei pensando, é uma cidade pequena, histórica, tem uma simbologia da escravidão nas ruas. Esse cruzeiro é uma referência da cidade. Não importa aonde você estivesse na cidade, você conseguia ver esse morro com o cruzeiro.

Dessas quinze pessoas pelo menos metade morreu assim nesse local. A cidade ficou um caos. Para o jornal de São Paulo, por exemplo, não tem muito interesse noticiar o que acontece no interior de uma cidade lá longe.

E morrer lá é uma morte horrível porque as pessoas não morriam por causa da altura, uma queda mataria as pessoas. O local não era tão alto, mas tinha um monte de pedras e as pessoas que se jogavam ficavam agonizando de dor até morrer; é uma morte sofrida.

Essa minha professora de quando eu era pequeno foi a primeira que se matou lá, depois foi o marido dela no mesmo lugar. Os filhos dela eram meus amigos de infância e eles perderam o pai e a mãe se matando. Foi triste demais, me arrepiou só de pensar. Para mim ali é obviamente um caso de saúde pública que alguém tinha que fazer alguma coisa, mas também não tinha como prever que ia virar uma epidemia.

Em seu depoimento, Ricardo relata que há alguns anos houve uma epidemia de suicídios na cidade onde ele nasceu e cresceu. É uma cidade pequena, rica em símbolos históricos e culturais, cercada por montanhas e onde quer que a pessoa esteja na cidade poderia avistar um cruzeiro que está no topo de um morro, que é a marca da cidade.

Ricardo menciona que algumas pessoas atiraram-se do morro onde está localizado o cruzeiro, o que ocorreu também com sua professora de infância e o marido dela. Essa experiência o comoveu, levando-o a refletir mais sobre o assunto comparado com os outros repórteres do jornal: “foi triste demais, me arrepiou só de pensar”. O morro não é muito alto e ao ocorrer a queda, a pessoa vai batendo em pedras ao redor da montanha, quem se atira do topo, agoniza de dor até morrer.

O acontecimento gerou caos na cidade e ele considera que houve uma epidemia de suicídios, constituindo-se como caso de saúde pública, necessitando de intervenção. Nas falas destacadas, surgem questões pessoais e a partir delas há revisão de pontos de vista mencionados por ele na parte inicial da entrevista. Segundo o colaborador no caso de sua cidade o suicídio é um problema de saúde pública.

G) O suicídio gera fascínio

É um tema que gera fascínio.

O suicídio traz um fascínio porque você está lidando com temas que fazem você pensar o que leva uma pessoa acabar com a vida dela, sendo que a sociedade valoriza cada vez mais a nossa vida, nossa individualidade.

Óbvio que tem uma parte no jornalismo de histórias chocantes eu gosto.

[O suicídio] É um tema que tem um fascínio.

Se você pegar uma pessoa que tem pensamento suicida, ela tem um fascínio porque ela pensa: como é que eu penso essas coisas? Será que estou pensando sério? Será que eu vou ter coragem disso? Então eu vejo o fascínio dos dois lados.

Quando você me pergunta se o suicídio interessa as pessoas, eu acho que pode ter um apelo do fetiche da violência.

A pessoa que faz [se mata] publicamente, ela justamente queria chamar a atenção de um problema dela e deixar isso público. Aí você que trabalha no jornal vai fazer justamente o que a pessoa queria, sendo que isso não vai fazer bem para ninguém?

O suicídio é um tema que gera fascínio, pois envolve reflexões relativas ao direito de decidir sobre a morte, despertando interesse do leitor. O fascínio envolve dois lados: do espectador, como é o caso de Ricardo, e de quem tem pensamentos suicidas.

Comenta que existe certa curiosidade e desejo por histórias chocantes no jornalismo, nesse caso referindo-se a assuntos que geram fascínio. Aponta que é importante publicar essas histórias, desde que mostrem problemas da cidade, ao passo que assuntos que despertam apenas a curiosidade pessoal não devem ser noticiados.

Ricardo aponta que algumas pessoas que se matam querem deixar uma mensagem ou chamar a atenção do público, porém não cabe ao jornalista dar destaque para o desejo da pessoa, pois este fato não traz benefícios para a população.

H) Trabalho do Jornalista: velocidade, “furo” e “barrigada”

Os jornais são muito vidrados nessa coisa de “furar o outro”, que é dar a notícia antes do outro. E agora com a internet existe uma lenda, eu digo lenda porque eu não sei o quanto disso é verdade, mas eles acham que quanto antes você solta a informação na internet ela se espalha a partir do perfil do seu facebook. Então se um jornal publica uma história que for bombástica aí as pessoas vão compartilhar a matéria desse jornal e daí arruma mais audiência para esse jornal. Então a galera [jornalistas] piram um pouco ainda mais com a internet.

Principalmente mortes de pessoas fica meio cômico no jornalismo, no sentido de ser uma lenda no jornalismo. Você acaba dando uma “barrigada” que é quando você publica uma coisa e é mentira ou não era muito bem aquilo.

Hoje em dia as coisas mudaram, porque tem essa coisa de dar a notícia primeiro, mas noticiar que o outro noticiou errado as vezes é melhor ainda. Então você ganha incentivos para você não noticiar primeiro e apontar o erro do outro.

A velocidade é exigida por um monte de coisas.

A gente toma mais cuidado e tem a questão do tempo porque temos mais tempo e controle para edição.

Eu acho que esses erros estão ficando encucados na cabeça dos jornalistas e está ficando cada vez pior você dar uma “barrigada”, porque a cobrança é muito maior, as pessoas caem em cima, criticam. Então você tem muito mais cobrança para ser sério, fazer as coisas de forma menos afobada do que anos atrás.

Hoje em dia o jornalismo depende muito da edição.

O grande diferencial do jornal é fazer uma edição mais pensada, elaborada.

Ainda mais jornalismo que não é um trabalho operário. Não é do tipo “vai lá e faz”. A gente faz muita crítica do que a gente faz o tempo inteiro.

Há uma questão presente no jornalismo atual: os profissionais precisam noticiar determinados fatos antes da concorrência. Ricardo comenta que quando o jornalista publica uma informação polêmica com exclusividade nas redes sociais, os leitores compartilharão a matéria desse jornal, gerando maior audiência.

Outra questão apontada é a exigência em relação à velocidade e a concorrência que podem levar a erros, “dar uma barrigada” denigre a imagem do jornal. Ricardo considera que publicar uma informação equivocada sobre a morte de uma pessoa apenas para obter mais audiência causa malefícios. Atualmente o cenário mudou, pois é preferível apontar o erro do outro jornal que expõe primeiro a notícia visto que os profissionais recebem incentivos para esta atitude.

A edição é referida por Ricardo como um processo importante e o grande diferencial entre um jornalista e um internauta, que compartilha informações nas redes sociais, é o fato de o profissional realizar uma edição elaborada. A prática jornalística não é operária, mas um trabalho reflexivo. Antes de publicar uma reportagem, os jornalistas procuram avaliá-la com autocrítica. Ricardo busca refletir a maneira como os leitores estão utilizando seu argumento e há uma cobrança para fazer o trabalho de forma séria, ética, competente.

Ressalta que notícias relacionadas à morte precisam ser publicadas com cautela para que jornalistas não inventem relatos ou noticiem situações inusitadas das quais não se têm certeza. A questão da invenção pode ser um risco que jornalistas assumem em função da competição de quem apresentar a notícia em primeiro lugar. Essa atitude é denominada por Ricardo como “barrigada” e a publicação de qualquer reportagem só deve ser feita após a confirmação dos dados.

I) Falta de regras e treinamento no jornalismo

Não tem treinamento como tudo no jornalismo; são mais regras informais.

As diretrizes são informais como instituições informais. Imagina todo jornalismo é assim: como a gente vai lidar com cada caso?

Você tem diretrizes, mas elas não são escritas, não estão codificadas.

Esse é um dos grandes problemas do jornalismo porque não tem padrão, não tem treinamento. É meio que, o que for na hora é o que vai.

É como se fosse um telefone sem fio. O editor passa a diretriz para o subeditor, mas aí o outro funcionário está de férias e passa a informação para outro, enfim.

A grande maioria dos jornais não tem diretriz e, se tiver, não importa muito. Importa o que os jornalistas fazem no dia a dia.

Então os jornais vão aprendendo com os erros.

É caótico, urgente até porque os jornais hoje em dia estão demitindo muitas pessoas e tudo isso dá espaço e margem para erro.

Ao ser questionado se o tema do suicídio foi abordado em sua graduação, Ricardo diz que grande parte do que sabe hoje foi obtido por meio de atividades práticas de estágios e de sua atuação como repórter e não devido ao aprendizado durante a sua formação.

Perguntamos se o manual de redação apresenta diretrizes quanto à publicação de suicídios no jornal, o colaborador aponta que ele contém indicações de quais palavras devem ou não ser mencionadas, por tratar-se de um padrão do jornal que trabalha. Ainda que haja alguma referência sobre como noticiar suicídios, os manuais foram escritos na década de 1990, por isso suas orientações não são mais atuais.

O colaborador refere a uma informalidade no jornalismo e ausência de capacitação. Existem regras, porém estas não estão escritas ou delineadas; são orientações informais, contudo não têm relevância, pois cada caso deve ser analisado de forma particular. Como não

há treinamento na prática do jornalismo, profissionais aprendem com os erros, evitando-os nas seguintes publicações.

A orientação do editor tem bastante relevância sobre como abordar determinada matéria. Em tese, a experiência do chefe serve como diretriz e norteia como as informações devem ser disponibilizadas. Importante notar que Ricardo menciona que as reportagens antes de serem publicadas passam por diversos profissionais na redação, que apontam suas sugestões baseadas no *know-how* de cada um, assim, o estilo da reportagem (ênfase, linguagem, tema) pode mudar e vai depender de quem estiver na chefia.

Diálogos com a fala do colaborador

Ricardo afirma que temas como homicídios são importantes para a população, pois levam os leitores a contestarem o governo acerca dos problemas de segurança pública da cidade. A nossa reflexão é que o suicídio também revela os problemas da vida citadina, assim como os homicídios. Os casos no metrô, por exemplo, apontam para a interação sujeito-cidade, sendo assim, ao considerar o ponto de vista de Ricardo, o suicídio é relevante para o jornal.

A palavra “troço” aparece com frequência no discurso de Ricardo ao fazer alusão ao suicídio. Podemos supor que quando Ricardo cita tal palavra pode ser uma forma de minimizar o impacto da palavra suicídio, que ele considera forte e pesada, pois o vocábulo não deve aparecer numa reportagem e durante a entrevista. Nessa esteira de esconder o tema, o manual da Organização Mundial da Saúde (2000) recomenda que jornalistas devam evitar noticiar o suicídio na primeira página do jornal. Ainda que as diretrizes do manual sejam relevantes, acreditamos que essas recomendações diminuam, escondam a visibilidade do suicídio. Em vez de se criar manuais para evitar que o suicídio não seja exposto com destaque no jornal, por que não instituir cartilhas que orientem os profissionais da mídia a discutirem essa questão? A mídia não deve esconder o suicídio, mas noticiá-lo de forma a abrir reflexões.

Ao mencionar que o número de homicídios é maior que suicídios no Brasil, Ricardo parece não estar atualizado sobre os altos índices de morte autoinfligida no país e no mundo. Este é um ponto interessante a considerar, pois notamos a falta de conhecimento em relação ao suicídio por parte de jornalistas. Da mesma forma ocorre com a questão do contágio que, segundo Ricardo afirma, ninguém averigua se é real, sendo um medo que está presente para um grande número de jornalistas.

Em alguns momentos o colaborador confunde o suicídio com o homicídio. Ao referir-se ao suicídio como “*low profile*” e buscar outras palavras para fazer menção ao ato, Ricardo revela o estigma, o tabu e as conotações negativas, carregadas de julgamentos e preconceitos pela sociedade que interdita o tema. Apesar do impacto que o suicídio causa nas pessoas, a definição de ser um assunto de baixo interesse, como aborda o colaborador, nos trazem dúvidas e questionamentos.

O cruzeiro mencionado pelo colaborador, assim como outros lugares, tem riscos e medidas de proteção, que podem ser pensadas. De acordo com sua fala, é de interesse público, somente o que ocorre nas grandes metrópoles, referindo que um jornal da cidade de São Paulo não tem interesse em noticiar o que acontece no interior do Estado, ou seja, na sua cidade, pois, em sua opinião esse caso não afeta o mundo. Seu ponto de vista traz questionamentos, pois assim como Ricardo foi afetado pelo acontecimento em sua cidade, muitos outros também poderiam ser impactados, gerando assim mobilização pública.

O colaborador prioriza a questão ética e os cuidados, sobretudo com as famílias. Entretanto, assinala que torce para quem publicou antes tenha cometido uma “barrigada”. A questão que se levanta é: apontar o erro alheio e a busca frenética por audiência são mais importantes que o cuidado ético?

Em resumo, o suicídio deve ser publicado quando se trata de uma epidemia, ao passo que casos individuais não são noticiados, pois essas informações não trazem discussões coletivas e não têm interesse público. Ricardo verbalizou que notícias podem incentivar indiretamente o suicídio de outras ao sugerir ideias. A partir de sua fala, podemos questionar: será que a mídia exerce influência sobre o ato suicida, mesmo que não seja a sua causa?

7.3 Terceira entrevista

Análise da entrevista: Gilberto *nome fictício

Cargo profissional: Docente do departamento de jornalismo e editoração de uma universidade.

Duração da entrevista: 1h e 14 minutos.

Local da entrevista: Universidade onde o colaborador atua como docente.

Dados do colaborador e contextualização da entrevista

Gilberto é graduado em jornalismo e ciências sociais. Atualmente é livre-docente, leciona no departamento de jornalismo e editoração de uma universidade e estuda o tema da comunicação. É editor de jornal, colunista de revista e comentarista de rádio, tendo produzido diversos programas que estão disponíveis no acervo de um museu.

Tem atuado como conferencista no Brasil e no exterior, é autor de livros na área de comunicação, jornalismo, política e filosofia. Ministrou cursos de pós-graduação e formou pesquisadores renomados que são referência no Brasil. Gilberto tem trinta e cinco anos de experiência na área e lecionou em universidades estrangeiras e brasileiras.

Unidades de significado e compreensão da fala do colaborador

A) O suicídio como meio de comunicação

Uma hipótese que eu tinha que seria o suicídio como meio de comunicação.

Então num certo momento me surgiu à hipótese que o suicídio revelava uma forma radical, extrema, última de comunicabilidade ou de constatação de comunicação. De qualquer forma a comunicação estaria necessariamente cruzando com esse tipo de ocorrência.

Porque na verdade, sempre tive uma hipótese que o suicídio não é um ato seu, na verdade é um ato que sempre repercute nos outros que ficam. Você efetivamente morre, então você desaparece, mas os outros não desaparecem e fica a presença do outro ausente a te incomodar. Então é todo um jogo que existe aí, que me atraía muito; esse tipo de comunicabilidade, porque eu estudo comunicação e para mim isso tem tudo a ver com esse tipo de comunicação.

O suicídio é uma mensagem, pode ser uma mensagem sem palavras. O ato suicida é um ato comunicativo, às vezes a pessoa se mata porque ninguém ao seu redor está dando importância para ela. Então ela se mata como uma forma de chamar a atenção do outro. Nesse sentido é comunicação, ou seja, despertar o outro para o seu drama.

Algumas coisas sim eu vejo como comunicação, como você usar um instrumento mais radical porque todos os outros já foram desgastados, eliminados.

Apesar de ser uma violência que ela causa em seu próprio corpo, ela rebate em todos os que estão ao seu redor, pelo menos, uma pessoa em especial que ela quer rebater como uma forma absoluta e radical de comunicação, quando não há mais nenhuma outra forma de comunicabilidade com essa outra pessoa.

Às vezes ela deixa um bilhete, às vezes ela não deixa um bilhete, mas de qualquer forma é um ato que rebate contra o outro, por isso eu digo que é um ato de comunicação, porque o efeito dela não é só nela.

Segundo Gilberto o suicídio é uma forma de comunicação, embora seja um ato de autoagressão, também é uma ação que reverbera em toda sociedade, portanto, é um fenômeno social.

De acordo com seu ponto de vista, o suicídio é um assunto intrigante, Gilberto chegou a pensar em ministrar um curso de pós-graduação sobre o tema, buscando referências em livros e teses para realizar um estudo comparativo entre o ato suicida e sua relação com outras pessoas. Ele mostrou interesse em compreender o suicídio a partir da perspectiva da comunicação.

A fala do colaborador revela que o suicídio e a escolha de um método não usual são formas de comunicação radical, violenta e extrema. Para ele, o suicídio foi a única maneira que a pessoa encontrou para comunicar-se com os outros. O ato suicida é uma mensagem deixada pela pessoa que se mata, podendo ser uma forma de despertar a atenção do outro para o seu sofrimento e desespero.

B) Compreensões sobre o contágio: o efeito demonstração, multiplicação

Na verdade, não existe uma regra escrita, mas é uma regra consensual no meio jornalístico, de que o anúncio, uma informação ou matérias sobre o suicídio estimulem pessoas a se suicidarem e daí o jornalista evita noticiar isso.

Do ponto de vista jornalístico isso [o suicídio] não rende notícia, porque isso não provoca também a participação do leitor nesses outros aspectos que mencionei e essa resistência do jornalista de divulgar isso é acrescentada pelo fato da possibilidade do efeito demonstração, efeito de multiplicação.

O suicida na minha forma de ver está num momento existencial em que praticamente está muito, digamos, vulnerável a choques, notícias, à própria situação. A informação jornalística tem efeito. De fato, influencia mais do que outros tipos de pessoas, mas isso não quer dizer que sejam suicidas. Não sei se há algum tipo de pesquisa que justifique isso por parte da imprensa, mas existe uma ordem coerente, uma certa lógica, uma certa probabilidade disso acontecer.

*É aquela história do livro *Os sofrimentos do jovem Werther*, do Goethe. Era um caso passionnal que não ia ter solução, um desespero por parte do personagem principal então ele faz todo um ritual e se mata porque não pode ter a Charlotte e isso gerou na Alemanha da época uma onda de suicídios. Talvez tenha sido o fato mais conhecido de uma divulgação pública, mesmo que seja ficcional, de uma realidade de uma pessoa que gerou o efeito de multiplicação, esse efeito na sociedade. Algumas pessoas tem isso em mente e fala: “bom, veja lá o caso do livro.” Mas claro, isso foi em uma outra época e em outro país e em outras circunstâncias. De alguma forma esse tipo de suspeita está presente. Não se sabe se isso é verdade ou não, se isso se justifica ou não, mas só essa suspeita já faz com que o jornalista se retraia um pouco.*

Os jornalistas não querem noticiar [o suicídio] porque isso pode estimular outras pessoas.

Na verdade, há um certo risco, quando você começa a noticiar muito e seguidamente esses atos há uma certa tentação, principalmente por pessoas que acreditam em vida após a morte que pensam: “vou para uma melhor, acho que isso está tão ruim que a próxima vida vai ser melhor”. Então há uma série de mecanismos sociais que acabam por criar uma certa curiosidade, provocação para as pessoas fazerem. Então alguns jornalistas têm essas cautelas por causa disso.

A ideia de o suicídio como solução possível pode te fortalecer no seu próprio ato. Você pode pensar: “o mundo tem tanta gente, o mundo está tão ruim, não tem saída”.

Se a mídia falar: “para fulano de tal o suicídio é uma solução para crise, doença, desemprego”, aí você estimula.

Funciona um pouco disso na mente das pessoas que entendem que isso [o suicídio] vai se repetir em mim ou está se repetindo em mim.

Existe o medo dos jornalistas de que uma notícia de suicídio pode levar outra a se matar, é pelo medo e pelo vício também. Virou um certo clichê no jornal, eles pensam: “não noticia isso, pronto, acabou!” Eles nem pensam naquilo, mas poderia refletir sobre isso. Mas o jornalista não gosta de debater não.

Gilberto comenta sobre a hipótese do contágio, apontando que existe um consenso entre os jornalistas em não publicar o suicídio por acreditarem que determinadas informações, quando disponibilizadas pela mídia, podem estimular outras pessoas a matarem-se, desencadeando o efeito de demonstração ou o contágio.

Segundo Gilberto, há uma lógica coerente na postura dos jornalistas que não publicam o suicídio, no entanto, ele questiona se existem pesquisas que justifiquem esse silêncio, dando a entender que se trata mais de um medo em relação ao fenômeno que o contágio propriamente dito. Embora não haja comprovações a respeito do contágio, para Gilberto a suspeita é um motivo suficiente para que o jornalista tenha receio em abordar a questão do suicídio.

Menciona o livro “Os sofrimentos do jovem Werther” e as evidências de que uma divulgação pública possa gerar o efeito de multiplicação como ocorreu na Europa na época em que o livro foi publicado. Segundo Gilberto, apesar de não saber se o contágio é real, a maioria dos jornalistas prefere não noticiar o suicídio pelo receio de que uma reportagem possa desencadear o efeito multiplicação, como ocorreu com o livro.

O colaborador reconhece que há um risco de suicídio por contágio quando o tema é apresentado na mídia como uma solução para os problemas, fortalecendo a ideia da morte, em pessoas que pensam em suicídio, como a única alternativa a uma situação problemática vivida. Nesse caso, a mídia serve de estímulo a novas ocorrências, gerando o efeito de multiplicação.

No último trecho selecionado relata que os jornalistas não publicam o suicídio pelo medo do contágio e também porque acostumaram com as regras dos jornais cuja orientação é de que os profissionais devem evitar o assunto na mídia. Os jornalistas atuam de maneira automática, sem reflexão ou debate sobre o assunto, subentendendo que eles não questionam o contágio.

C) Espreme que sai sangue: curiosidade mórbida, atração, espetáculo e fascínio com relação a atos violentos

Hoje em dia existe uma espécie de perversidade nas redes sociais em relação a esses suicídios que são assistidos e que se tornam um espetáculo, uma espécie de reality show, de caráter bárbaro, então você vê nas redes sociais que pessoas vão se suicidar e existem pessoas que formam uma plateia.

O suicídio tem um lado de curiosidade mórbida, estranhamento incomum que leva o suicídio quase que para práticas ritualísticas, de sacrifício.

É esse prazer de ver um outro que está no topo de um prédio prestes a se atirar e as pessoas ficam lá embaixo na expectativa e esperança que a pessoa pule porque aquilo virou espetáculo, virou uma cena espetacular que as pessoas vão querer assistir independente do fato humano. Ao invés de deterem o ato, ficam na expectativa da coisa acontecer e até estimulam para que a coisa aconteça mesmo. Esse prazer mórbido também faz parte do público do jornal.

No meio jornalístico costuma chamar alguns jornais sensacionalistas, do tipo jornais “espreme que sai sangue”, do sexo, violência e crime. Hoje em dia você tem menos esses jornais, pelo menos na imprensa escrita, mas não significa que isso tenha desaparecido nas pessoas enquanto prazer mórbido em relação ao outro, como as pessoas que querem ver um acidente de carro, onde tem pessoas dilaceradas, mortas e essa curiosidade estranha que o ser humano tem em assistir a desgraça, o horror, a morte do outro. Tem certos tipos de imprensa que veicula isso.

O suicídio é um fenômeno amplo e o que acontece é que se faz um jogo com a opinião pública de não revelá-lo, mas ao mesmo tempo, o jornal revela outros fatos de natureza brutal e violenta.

Há uma curiosidade mórbida, é uma curiosidade estranha e uma curiosidade sobre o mistério, porque a morte em si é um mistério e uma das questões que o ser humano nunca soube muito bem como lidar com isso. Então você tem uma situação em que de repente por causas obscuras uma pessoa se mata e isso cria em torno dela uma mística. Um tipo de questionamento dos porquês, do como isso acontece. Às vezes são pessoas cuja vida não justificava ou não parecia conduzir a isso. É um ato radical e sempre um ato radical inspira uma curiosidade, uma atração muito grande e o ato radical do suicida deixa aquela coisa de curiosidade, de intriga, de uma perplexidade.

Por outro lado, as pessoas que sabem disso ou que sabem de outras pessoas que também se matam, cria-se nelas também esse tipo de mal-estar que você não tem como dar saída, porque você esbarra em algo intransponível que é exatamente essa questão da morte e os motivos da morte, a falta de explicações e o nada que se coloca ali na frente. Então tudo isso é ao mesmo tempo incomodante e atraente. Você sente um mal-estar com aquilo e ao mesmo tempo quer saber mais, quer ir atrás, você quer ir dentro desse caminhar às cegas diante de um fato que não pode mais voltar atrás e que é irreversível.

As pessoas querem saber sobre aquilo [o suicídio].

Os jornais mais populares trazem algumas coisas mais escancaradas por causa da situação que se chama vontade de ver e Freud chamava isso de pulsão escópica que está ligada à cena primitiva e que sempre tem algo nebuloso que você precisa entrar nesse espaço que nunca é muito claro. Essa coisa que eu estava falando que as pessoas têm curiosidades por acidentes, violência por mortes, sempre com uma certa distância. Essas cenas são quase como uma quebra da rotina, da mesmice de cada dia e como um fato surpreendente que vai chamar sua atenção e que você vai ter o que falar no seu ambiente de trabalho.

Então você entra em um outro plano, você entra em uma radicalidade quando vê coisas desse tipo. Esse não é o cotidiano. O cotidiano é o contrário, é banal, trivial, não acontece nada e essas coisas te puxam para atenção. Então a imprensa joga um pouco para isso como esses crimes e a exacerbação dos crimes ou desses serial killers, ou de violências mais radicais.

Gilberto aponta que há uma curiosidade mórbida em torno do suicídio, sendo que a internet e as redes sociais expõem imagens, atraindo a atenção dos internautas. O colaborador caracteriza o evento suicida como um espetáculo, no qual a plateia assiste as cenas, tornando-se espectadora da morte.

O ato suicida é definido como um evento que causa estranhamento e, ao mesmo tempo, estimula a curiosidade, pois há prazer em assistir suicídios. São cenas espetaculares, que atraem a atenção das pessoas, revelando a perversidade e o sadismo do público, que fica na expectativa de que o sujeito concretize o ato em vez de ajudar.

O prazer mórbido foi mencionado em vários momentos por Gilberto, uma forma de curiosidade, fascínio estranho em relação ao sofrimento e a morte alheia, pois é difícil de

acreditar que alguém queira ver a imagem de uma morte terrível, mas esse é um dos assuntos que despertam a “vontade de ver”, nas palavras do colaborador.

Ele pontua que alguns jornais exploram essa curiosidade, pois há um desejo do ser humano de observar situações enigmáticas. Embora haja interesse por reportagens sobre acidentes, violências e mortes, o suicídio ainda é um tema que o leitor mantém certo distanciamento.

Ao mesmo tempo em que há curiosidade das pessoas em assistir tragédias, mortes, suicídios e violência, há também o temor da morte. O colaborador observa que há um consenso em não publicar o suicídio e questiona o porquê os jornalistas expõem outros fatos de natureza brutal e violenta.

Por um lado, o suicídio é noticiado como um evento espetacular, principalmente nos jornais do tipo sensacionalista, pois seus leitores têm curiosidade e prazer em assistir mortes violentas. Por outro, o suicídio aparece com menos frequência em outros veículos, pelo receio do contágio, por não se tratar de um tema que leva os cidadãos a questionarem o governo ou porque o suicídio causa um estranhamento, mal-estar entre a população em geral, inclusive jornalistas. Como podemos ver, ora o suicídio cabe no espetáculo ora não é publicado.

O cotidiano é trivial, banal, comum e as cenas violentas são alvos de curiosidade dos leitores, pois surpreendem e não são fatos monótonos como aqueles que ocorrem no dia a dia. Existem consumidores desse tipo de notícia e a mídia que escancara e disponibiliza essas informações ao público.

D) O suicídio não é tão atrativo quanto violências de outra natureza

Agora, uma coisa é a violência praticada sobre o outro ou uma violência accidental que é o caso dos acidentes que vemos por aí e outra coisa é a violência contra si mesmo que eu vejo muito menos expandido, espalhado e veiculado.

Mas não tem a mesma frequência na veiculação dos suicídios que também são em grande número, mas são ocultados. Você acaba sabendo de uma forma indireta.

O suicídio não tem tanta atração quanto violências de outra natureza.

Mas mesmo [n]a página policial, eles não reportam muito o suicídio, eles reportam mais o ataque a pessoa, os assaltos, todos os tipos de violência que tem na cidade e que tem relação com o outro e que leva o leitor a exigir mais segurança ou então a questionar o governo ou o leitor [a] se posicionar de forma mais defensiva, ou seja, são mais notícias que conduzem a um certo tipo de busca por parte do leitor como forma de proteção ou de crítica.

Segundo Gilberto, o suicídio gera fascínio e atração, ao mesmo tempo, é ocultado. Os jornalistas noticiam questões voltadas para a cidade como a violência e assaltos, uma vez que essas informações abrem discussões sobre segurança pública e os leitores podem contestar seus direitos como cidadãos para criticar o governo, o que não ocorre com o suicídio.

O suicídio é um assunto pouco noticiado pelos jornalistas por ser considerado um ato individual que não leva o leitor a participar de discussões sobre a vida na cidade. Gilberto menciona que os jornalistas acreditam que o suicídio só é interessante para quem tem ideiação suicida ou que tentou o suicídio, mas não é uma notícia merecedora de atenção para o público em geral. Segundo o colaborador, o suicídio envolve questões sociais, além das individuais, nesse sentido é um gesto de comunicação.

E) A presença de questões individuais e socioculturais no suicídio

Eu acho que em São Paulo isso é menos claro, porque a cidade é muito grande, as coisas são muito dispersas e isso pode até facilitar o suicídio, porque você está em um lugar onde a situação e as relações são mais impessoais. A própria cidade impessoaliza muito e te torna um estranho e que você acaba não levando muito a sério ou dando muita importância para o suicídio.

O espaço te dá a ligação, conexão e no Japão o espaço já estava todo transformado então houve uma grande quantidade de suicídios, porque as pessoas já não se reconheciam mais naquele país, o país já não tinha mais nada a ver com o que tinha sido. Então algumas situações são essas. É uma grande questão social que leva o suicídio.

Então são casos realmente de situações sociais que levam ao suicídio. Quando toda sociedade meio que se torna estranha para a pessoa.

Quando vi isso, achei muito curioso, suicídios infantis em grande escala na Alemanha. Enquanto nos países nórdicos o suicídio era também um fato generalizado, sociedades afluentes, sociedades que tem tudo, chegam a ser como o Kurt Cobain que chegam a se matar. Porque ele tinha tudo e nada mais o estimulava na vida, então ele chegou em um momento de tédio existencial que algumas pessoas tem por terem tudo e que acabam até ousando nesse tipo de saída como uma novidade que até então não tinha experimentado, atos dessa natureza.

Violências de outra natureza, às vezes eu tenho um objeto que vou culpabilizar, percorrer, mas aqui no suicídio não. Você não tem quem culpabilizar, você só tem um fato que aconteceu com uma pessoa, mas que tem efeito de reverberação sobre mim, que me incomoda como aquelas famílias que vários se suicidam.

Você ao contrário vê um total desamparo e eu acho que a questão do suicídio é o total desamparo mesmo.

Quero dizer que as pessoas são costumeiramente levadas a uma situação de vida tão difícil, problemática, presa as coisas que chegam a ter esse tipo de solução.

Isso é constante e as pessoas têm momentos de mal-estar na vida e isso faz com que elas estejam de alguma forma, próximas ao contexto do suicídio, sem precisar se suicidar.

A sociedade corta todas as possibilidades; se trata de externalizar [exteriorizar] o sofrimento, uma dor, um desespero que você vê que tudo é inútil. Todas suas tentativas disso são inúteis e que você não vê outras formas a não ser essa de acabar com tudo.

O ato suicida é entendido por Gilberto como uma questão sociocultural. Cita a cidade de São Paulo como local que facilita a ocorrência de suicídios, pois predominam as relações impessoais e distantes.

A pessoa que se mata estabelece conexão com espaço e com o modo como a cidade é construída. Gilberto menciona o período pós-guerra em que houve elevado número de suicídios no Japão, as pessoas tiravam suas vidas, pois não se identificavam com a nova configuração territorial do país. Também cita o grande índice de suicídios infantis na Alemanha por causa de um regime escolar severo visto que o rendimento acadêmico determinava o futuro profissional das crianças, resultando em exigência e cobrança dos pais em relação aos filhos. Para ele, a sociedade impõe os padrões de comportamento que podem levar a condutas autolesivas.

Em alguns trechos da fala do colaborador, o suicídio é visto segundo a ótica individual. Ele compreende o ato como falta de amparo e a dificuldade em perceber alternativas para o sofrimento psíquico. O tédio existencial aparece em seu discurso, diz respeito à falta de sentido à vida que leva as pessoas a pensarem no suicídio como solução para os problemas.

No suicídio não há a quem atribuir a culpa pelo ato como ocorre em outros tipos de violência, como o homicídio, por exemplo. Trata-se de uma escolha individual, inserido num contexto sociocultural cujo efeito reverbera em toda sociedade.

F) Como o jornalista aborda a questão do suicídio e as possibilidades de intervenção

Então eu vejo nessa questão do jornalista forçar esse tipo de notícia mais, principalmente por esse lado e menos especulando as questões porque uma pessoa chega ao suicídio.

Aí que está, mas depende da maneira como o jornalista vai tratar isso. Os jornalistas normalmente não se incomodam com essas questões sobre os porquês. Em geral eles estão mais ocupados relatando o fato de que houve um suicídio violento, tal pessoa, tal idade, tal sexo, mas nunca o porquê. Isso é mais uma tese acadêmica.

O jornalista que está trabalhando o dia a dia da notícia isso nunca aparece, ele nunca está incomodado com esse tipo de questão: “O que levou uma pessoa chegar a esse ponto?” Isso

caberia um acompanhamento, um saber sobre a vida, sobre a história, sobre os problemas etc. E isso cabe mais em alguns produtos um pouco mais extensivos, como um filme, um livro, uma reportagem sobre a vida de alguém que chega a esse ponto. Isso sim teria um efeito não só de ilustrar bem como de prevenir outros atos, mostrando que pode ser diferente e existem outras maneiras de sair dessa.

Os jornalistas não estão preocupados como o leitor vai receber a notícia. Isso não faz parte da preocupação deles, porque é uma rotatividade muito grande das pautas, então hoje você vai cobrir o que aconteceu lá em tal bairro sobre o suicídio, então amanhã ou na sequência você vai cobrir outro fato que aconteceu em um outro lugar, então você tem que trocar muitas pautas diariamente. Isso não é preocupação dos jornalistas sobre o que vai acontecer, na verdade, eles precisam noticiar, fabricar notícia, criar até uma boa forma de veicular aquilo. Agora os efeitos, a repercussão, os impactos e tudo isso, isso praticamente não passa pela cabeça do jornalista. Ele não se incomoda com isso.

Exatamente por isso, porque às vezes você está tratando de um tema, especialmente agora com a internet, a coisa viraliza. Às vezes você está tratando de um tema que tem um efeito de reverberação que você não calcula às vezes. Às vezes você não pensou em redundar, então você está sujeito a isso.

Falar sim, mas falar numa cena de intimidade com uma certa solidariedade com o outro.

O papel do jornalismo acaba sendo um pouco de banalizar.

Se você faz um trabalho sério, mais denso em que você vai vasculhar o que leva uma pessoa a esse ato radical, aí você pode ir ao contrário ir desfazendo um pouco essa tendência e pensar que existem formas, uma possibilidade de abertura de um novo mundo para essa pessoa ou de uma nova existência. Tudo tem a ver com a maneira como você trabalha o tema, se é uma maneira genérica, dispersiva você acaba por tornar isso banal e a pessoa pode pensar: “por que não? Também estou sofrendo.” Ao contrário, se há uma responsabilidade do jornalista em tratar isso com certa seriedade, uma seriedade nunca é uma coisa muito rápida, muito curta, muito ligeira, não é uma coisa que se fala com poucas palavras, é uma coisa extensiva, você tem que trabalhar o tema durante um certo tempo na reportagem e pensar no tratamento das pessoas que estão próximas ou estão em vias de se matar para que a pessoa possa pensar: “bom, de fato, talvez eu esteja exagerando”. Tem todo um efeito diferente na forma como você trata.

Eu acho que para criar consciência pública, seria um trabalho de divulgação de vários sentidos, seja publicando em revistas, livros, seja em você própria criar espaços onde você vai disseminar uma outra ideia. É trabalhar numa criação de uma outra cultura.

É um pouco desse resgate, daquilo que é o prazer de viver e que tem que se tornar uma bandeira, tipo sua dissertação, seu trabalho de pós-graduação, você veicula isso, você busca disseminar isso, ou seja, é um trabalho de propaganda, de realmente de repercussão desse outro tipo de possibilidade ou estimulando as pessoas a fazerem o ato que vai as tornar mais reconhecidas socialmente, seja um voluntariado, seja uma atividade com grupos, com comunidades.

Então em cada espaço que você atua, você vai buscar angular as coisas de forma a fazê-las ver que há outras possibilidades e ainda de ter uma vida com pensador.

Pensar em como as coisas caminham até o ponto da pessoa se matar, chegue ao extremo de se atirar de uma ponte, de um prédio alto, de um precipício. Acho que o mais importante é pensar no processo que se dá na pessoa.

Gilberto relata que, muitas vezes, os jornalistas noticiam o suicídio citando detalhes sobre o acontecimento, como nome, idade, sexo, sem mencionar os motivos que levam a pessoa a optar pelo suicídio. Publicar e discutir as razões de um suicídio implicaria em conhecer a história pessoal, o sofrimento e as dificuldades enfrentadas pelo indivíduo, entretanto, esse tipo de abordagem em relação ao tema só é possível em espaços de discussão mais amplos como filmes, livros e teses acadêmicas. Nesses âmbitos, falar sobre suicídio poderia sensibilizar a sociedade, prevenindo o ato ao apresentar alternativas para o sofrimento.

O trabalho dos jornalistas consiste em produzir notícias e esses nem sempre estão preocupados com o impacto de uma publicação. Devido à grande quantidade de reportagens que precisam escrever, os profissionais não têm tempo para refletir a respeito das informações que expõem. Esse fato foi intensificado com o advento da *internet*, que modificou o jornalismo de tal modo, que é difícil mensurar os efeitos e a reverberação de uma notícia.

O modo como a notícia é apresentada pode influenciar de forma negativa ou positiva, incentivando o suicídio ou trazendo consciência à sociedade sobre o tema. Gilberto propõe que jornalistas falem do suicídio a partir de uma postura de solidariedade e empatia com o outro. As informações transmitidas de maneira genérica, rápida e sem discussão podem levar à banalização do assunto. Redigir uma notícia de forma ampla, cuidadosa, responsável exige tempo e disponibilidade. É importante que o profissional reflita acerca das pessoas que pensam em suicídio, colocando-se no lugar delas, mostrando nas reportagens que a prevenção é possível.

Quanto aos jornalistas, Gilberto recomenda que pensem sobre o que leva uma pessoa a um ato tão extremo, do processo que transcorre entre pensamento e ato. Para ele, a prevenção pode ser realizada a partir do resgate do sentido de vida da pessoa que pensa em suicídio, por meio da criação de espaços para discussão, difusão do tema em trabalhos acadêmicos e veiculação de propagandas que mostrem alternativas ao suicídio, gerando repercussão social.

G) A questão do envolvimento: máquina neutra

Porque é claro que ele [o jornalista] se comove, é claro que ele se envolve, é claro que às vezes ele participa ativamente e isso é normal. Isso aí que eles ensinam nas escolas é uma

ilusão de que você vai chegar lá e quase que se tornar uma máquina neutra, uma coisa que faz só ver, anotar e publicar.

Tem uma regra na comunicação que você se torna mais frio quanto menos detalhes você conhecer da pessoa que aconteceu aqueles fatos. Então se você tem um pouco mais de informação e sabe quem é a pessoa, você vai naturalmente se envolver e vai ter um vínculo emocional sim com a pessoa.

Como se diz, elas não têm rosto, é como que se fossem pessoas que não tivessem interferência na sua vida. Quando elas passam a ter algum rosto, você já cria uma relação e já não é a mesma, você tem uma espécie de compartilhamento de alguma coisa. A dor do outro também vai te incomodar um pouco. Então essa coisa é mais uma instrução que se dá para os jornalistas principalmente para os jovens, mas eu acho que isso é uma farsa, isso não existe.

É tipo, se torna uma máquina. Claro que ele consegue, mas vai sair uma notícia pobre, miserável, uma notícia puramente informativa como nós dizemos no jornalismo. A notícia não vai sequer envolver o leitor, porque esse jogo entre jornalista e leitor é um jogo que tem muito a ver com a forma como você noticiia. Se você fabrica uma notícia em que você faz uma angulação de forma a você querer um movimento maior do leitor, você vai elaborar outro texto.

Você tem uma escala que vai desde o absolutamente frio àquele que se envolve de fato com a coisa e torna aquela matéria ou aquela pauta um tema para ele próprio fazer as pessoas pensarem. Então essa escala vai desde o mais frio ao mais envolvido conforme o tipo de jornalismo que você faz, não existe só um tipo. Existe uma gradação em termos de como você vai abordar a notícia. A gradação envolve desde o seu menor envolvimento até o maior envolvimento com a notícia.

Você vê que tem diferentes tipos de ser humano, tem pessoas e alunos que não estão interessados em nada, que não estão interessados em nenhum tipo de efeito que isso pode causar no outro, nem sequer consideram que existe um outro. Tem pessoas que pelo contrário, estão muito preocupadas com aquilo que se chama de alteridade, que é o fato de que além de mim no mundo existe um outro, mais importante do que o eu é esse outro em que eu devo me desfazer de minha própria autossuficiência e me abrir, me interessar. Então é uma diferença de sensibilidade em relação ao mundo. Algumas pessoas não têm nenhuma sensibilidade, nenhum interesse, nenhum vínculo, pelo contrário, tratam as outras pessoas de forma brutal, desrespeitosa, segregacionista, racista, sei lá, tudo isso. E outras que tem uma sensibilidade. É uma questão de cada um, da humanidade interna de cada um. Se ele é mais humano, menos humano. E isso vai repercutir no trabalho que ele faz, no tipo de jornalismo que ele vai fazer, no tipo de produto que ele vai criar, fabricar para entrar nesse vínculo com o outro.

Desde o ângulo que você vai tratar, como você vai tratar, como você vai descrever o que aconteceu, já existe seu envolvimento.

Gilberto comenta acerca da neutralidade e o fato dos jornalistas não se envolverem com uma notícia. Segundo seu ponto de vista, existem profissionais que se tornaram uma “máquina neutra”. Cita a importância do envolvimento dos jornalistas com a notícia, contudo muitos evitam criar vínculo emocional com as histórias que escrevem.

Gilberto aponta que a falta de envolvimento não é possível no jornalismo, pois a ênfase dada e o modo como o profissional conduzirá a reportagem pressupõe um posicionamento. Refere que existem alunos com vários tipos de pensamentos na universidade em que leciona, alguns refletem sobre os efeitos de uma notícia na sociedade. Essa atitude é denominada como alteridade e definida como a consciência de que existem outras pessoas, manifestando abertura e interesse pela existência delas, para além da própria experiência. Segundo o seu ponto vista, essa postura parece ser o caminho mais profícuo para se realizar um jornalismo sério. Outros estudantes não têm a mesma sensibilidade e cuidado.

Para Gilberto, o cuidado, a sensibilidade e o interesse do jornalista, em relação à mensagem publicada, refletem o modo como ele vincula-se aos outros, indicando que não é possível separar a atuação do jornalista como profissional e sua ética pessoal.

Menciona que as reportagens de guerra, mortes e tragédias precisam ser noticiadas. Os jornalistas que atuam nessa área acreditam que é preciso não se envolver pessoalmente com essas situações para realizar seu trabalho. A questão parece estar na identificação das vítimas, isto é, se estas possuem um “rosto”, a tarefa de noticiar torna-se muito envolvente, dificultando o trabalho.

H) O tabu do suicídio: fato que precisa ser discutido

Acho que todos os temas tabus são importantes, não só o suicídio, mas uma série de outros temas que as pessoas preferem não falar, preferem silenciar. Tinham que ser abordados, comentados, discutidos em aula, para que a aula trouxesse também um tipo de provocação.

Evitar a palavra? Isso é uma bobagem, isso não justifica. O suicídio é um tabu, mas evitar a palavra não.

E essa não revelação do suicídio o mantém como tabu, como se as próprias pessoas tivessem um tipo de mal-estar com aquilo, não porque tenham tido algum caso na família necessariamente, mas porque de alguma forma isso ronda um pouco o inconsciente das pessoas como o próprio mal-estar na vida.

Segundo Gilberto, o suicídio é um tabu que precisa ser abordado e discutido em sala de aula, sendo importante gerar “provocação”, a reflexão nos alunos.

Embora seja um tema silenciado, sobre o qual as pessoas, inclusive jornalistas, preferem não falar, Gilberto expressou sua indignação quando mencionamos que um dos colaboradores relatou que a palavra suicídio não deve ser citada nos jornais por tratar-se de um termo que causa impacto.

Gilberto reconheceu que quanto menos se fala de suicídio, mais o tabu em relação ao tema aumenta. O suicídio causa incômodo nas pessoas, o que as leva a refletirem a respeito do mal-estar e das angústias de suas próprias vidas. Reitera que o ato impacta os indivíduos até aqueles que não estão envolvidos diretamente com o suicídio.

I) Diferenças entre o jornalismo e a comunicação

Eu sinto que o jornalismo não tem muito lastro acadêmico, de teoria, é mais uma atividade do que uma ciência.

O jornalismo deveria estar inserido em um campo um pouco maior que é o campo da comunicação.

O jornalismo é uma das atividades de comunicação. Talvez nem seja a que mais produza efeitos nas pessoas.

O jornalismo é uma atividade que você pratica para você buscar repertório na sua vida e dados para seu cotidiano. Então você vai atrás do jornal porque você quer saber o que está acontecendo, como está o tempo, você quer saber alguns resultados, você quer saber de programas culturais, você quer saber sobre tendências, política, economia. Na verdade, você busca informação para reabastecer seu cotidiano, para te dar uma orientação para sua vida. Serve como uma espécie de programação e você precisa desses dados para se organizar. Então o jornalismo tem essa função muito mais de abastecimento do dia a dia, uma espécie de alimentação com informações sobre o mundo.

Diferente de outro tipo de comunicação que envolve mais você, tua existência, sua vida em relação com a dos outros, com o mundo.

O jornalista não é tão profundo, ele não entra em conflito com o que você pensa. Você busca o jornal sintonizado com o que você acha correto. Então, ele tem uma função que eu chamo de aditiva. Ele vai somando materiais e elementos para tua vida, para você, reforça suas ideias, para ver como as coisas vão acontecer, em última análise é um meio que as pessoas têm para reforçar e se abastecer desses dados.

Outros tipos de comunicação tem uma função, quer dizer, vai um pouco mais fundo, mexe um pouco mais com tua própria estabilidade em termos de valores, opiniões, gostos e comportamento, em termos de posição no mundo. Tem mais densidade. Normalmente esse tipo de comunicação tem mais coisas ligadas ao ficcional e ao estético. Você encontra elementos que preencha mais sua existência que o jornalismo.

O jornalismo é sempre uma atividade, digamos assim, mais discreta do ponto de vista do que vai provocar em você, enquanto que outras formas de comunicação eles atingem mais fundo a sua organização das ideias, valores.

A gente postula que na nossa área: se há um jornalismo sério, se há um jornalismo responsável, se há um jornalismo que vale a pena é esse outro jornalismo. É o jornalismo onde você também participa da coisa.

Então alguns acham que é isso, ficar veiculando na forma indiferente nas coisas ou então se deixar corromper pelo político, pelo poder, fazer um jogo sujo e outros falam: “Não, um jornalismo tenta considerar que você está diante de um instrumento que vai atingir pessoas e as pessoas vão poder se influenciar com isso”, então de repente você vê que é um instrumento muito sério, pesado.

A comunicação é uma coisa muito rara, partindo daí. Ela é rara por quê? Porque ela exige um certo empenho, um certo trabalho. Ela exige uma certa abertura para o outro. Eu preciso estar aqui ouvindo o outro não só falando, mas preciso estar meio que com meus sentidos, meus poros abertos para receber esse outro. E isso é que pode permitir a comunicabilidade, de poder efetivamente intervir no outro, naquilo que o outro está sentindo, pensando e fazer com que esse outro repense em sua própria vida, situação e olhe de uma maneira diferente.

Teve um pessoal na França que fazia uma questão sobre o jornalismo e tinham uma frase até muito irônica que dizia: “o jornalismo é uma coisa muito séria para ser deixado na mão de jornalistas”.

Gilberto aponta algumas diferenças entre jornalismo e comunicação. Baseado em sua experiência e conhecimentos, afirma que o jornalismo não possui aprofundamento teórico e acadêmico, se comparado com a área de comunicação. É uma prática que carece de investigações minuciosas e abertura para debates.

O colaborador define comunicação como um campo amplo, que possui diversos tipos de modalidades, abrangendo a prática do jornalismo. Explica que pessoas leem o jornal para saber o que acontece ao seu redor, obter dados, para organizar e orientar suas vidas de acordo com as notícias.

A comunicação é uma atividade que envolve a existência de outra pessoa e tem relação com a maneira como a pessoa vincula-se ao mundo. É uma comunicação densa e sólida em termos de teoria, podendo gerar reflexões a ponto da pessoa questionar seus valores, suas ideias, crenças e modificar comportamentos. Segundo seu ponto de vista, o jornalismo não é uma prática reflexiva, sendo sua função basicamente acrescentar informações, além de consistir na propagação de dados cotidianos.

Gilberto afirma que o leitor busca o jornal de acordo com sua orientação pessoal em relação a diversos temas. O jornalismo é uma atividade que provoca poucos efeitos nas pessoas, em contrapartida a comunicação pode contribuir para a construção de uma existência menos informativa e vazia. Tanto o leitor quanto o jornalista devem participar da discussão de forma democrática, de acordo com Gilberto, esse tipo de jornalismo é sério, responsável e ético. A comunicação exige abertura, é preciso estar disposto a ouvir e a receber o outro. A partir dessa prática é possível intervir na sociedade, transformar a existência das pessoas e construir outra maneira de perceber a vida.

Diálogos com a fala do colaborador

A partir da fala de Gilberto, foi possível observar que o suicídio é um tema paradoxal e ambíguo. De um lado, é um ato radical, extremo que incomoda, causa mal-estar, permeado pela falta de explicações, tema que as pessoas buscam estabelecer certo distanciamento. De outro, é um evento que desperta a curiosidade e atração do espectador que deseja saber mais sobre o assunto.

A curiosidade cumpre a função de tornar a morte impessoal, morte essa que acontece com o outro distante de mim, originando uma sensação de alívio? Assistir a tragédia alheia como espectador parece estar ligado a um desejo em afastar a própria morte, que talvez seja o maior medo para algumas pessoas, além de ser uma das questões que o ser humano não sabe como lidar.

Gilberto aponta que os jornalistas em geral consideram que o suicídio é um problema que não interessa a todos. Importante notar o interesse e a curiosidade do leitor acerca do tema, sobretudo com o surgimento recente do jogo “Baleia Azul” e da minissérie “Os 13 porquês”, que gerou grande repercussão nas redes sociais, ampliando a discussão acerca do assunto.

Em sua fala, Gilberto assinala que alguns jornalistas julgam que seu trabalho não influenciará a percepção social sobre o suicídio, enquanto outros pensam que sua atividade profissional é importante, pois contribui para a formação de opinião e modos de agir na sociedade. Questionamos: como e o quanto as informações publicadas pelos jornalistas influenciam a percepção social em relação ao suicídio? De que maneira esses profissionais podem contribuir para a prevenção do suicídio?

As diferenças entre comunicação e informação mencionadas por Gilberto nos levam a refletir sobre a ideia de comunicação em rede e em massa, explicitadas no capítulo 4. Por um lado, a comunicação em rede exige que o emissor esteja em sintonia com o receptor e vice-versa. A comunicação em massa, por outro, pode levar ao contágio do suicídio, uma vez que o jornalista noticia o fato, sem um conteúdo reflexivo e sem preocupar-se como será recebida pelo leitor.

Ao citar a frase: “o jornalismo é uma coisa muito séria para ser deixado na mão de jornalistas”, Gilberto revela seu posicionamento ao afirmar que o jornalismo é uma prática que tem pouco efeito de reverberação na sociedade. Esse enunciado nos parece demasiadamente exigente e crítica em relação ao jornalista. Embora o colaborador não tenha

mencionado, é interessante lembrar que além dos espaços citados por ele como livros, filmes, teses acadêmicas, os cadernos especiais do jornal poderiam abordar e discutir o tema.

Notamos em sua fala a ênfase de elementos socioculturais e a influência do estilo de vida da metrópole com relação ao suicídio ao abordar as mortes na cidade de São Paulo e no Japão. Reflexão que direciona para a compreensão do suicídio vinculado às questões socioculturais, no qual a mídia não é a causa do contágio, embora possa ter influência em pessoas que pensam em suicídio. Por essa afirmação, ressaltamos que na pós-modernidade e as especificidades da vida na metrópole podem levar à intensificação do sentimento de desenraizamento, falta de pertencimento, estranhamento, perda da ligação com a sociedade, culminando com o suicídio. Embora não mencionado pelo entrevistado, ocorre também com os indígenas em nosso país, como aponta a pesquisa de Tardivo (2007).

Ao comentar acerca do distanciamento e da frieza dos jornalistas em relação aos temas que publicam, Gilberto menciona que o receio que a proximidade dos profissionais com notícias impactantes pode provocar nas suas vidas. Assim como o colaborador, salientamos a importância do envolvimento e da preocupação do jornalista, sobretudo na conscientização do suicídio como um problema de saúde pública. Seria, portanto, possível trabalhar a capacidade empática e alteridade em jornalistas?

Ressaltamos a importância de se pensar a respeito da formação de jornalistas, envolvendo uma postura crítica e responsável pelas notícias que veiculam. Outro ponto relevante a ser discutido seria a possibilidade de abrir espaços de cuidados para jornalistas, principalmente para aqueles que sofrem o estresse por terem de noticiar fatos com alto impacto emocional, como a publicação de reportagens sobre mortes e suicídios.

7.4 Quarta entrevista

Análise da entrevista: Fábio *nome fictício

Cargo profissional: Repórter de jornal *online* e impresso e atua na área de educação

Duração da entrevista: 1h e 31 minutos

Local da entrevista: parque público em São Paulo próximo à residência do colaborador

Dados do colaborador e contextualização da entrevista

Fábio é formado em comunicação social desde 2007 e estagiou em jornalismo televisivo durante a graduação. Participou de um treinamento oferecido por um jornal de São Paulo no qual atuou por quase sete anos, cobrindo matérias de ensino superior. Atualmente produz reportagens com enfoque em educação.

Escreveu um artigo no Instituto de Psicologia da USP sobre o plantão psicológico, abordando a questão do aumento da procura desse serviço, relacionando-o ao CRUSP (conjunto residencial da Universidade de São Paulo). Atua desde 2012 cobrindo reportagens sobre política pública, educação infantil, pós-graduação e redige diversas matérias sobre a USP.

Unidades de significado e compreensão da fala do colaborador

A) Sobre o suicídio: publicação de reportagens na mídia

A gente não pode cair nessa armadilha de “se precisamos falar de suicídio, vamos achar um jeito aqui”. Assim você acaba forçando a mão, mas eu acho que o suicídio deve ser abordado a partir da realidade, do contexto.

O jornalismo bem feito, ele não cria um fato, ele acha um fato. Eu vou achar o fato, então se as pessoas estão se suicidando, eu posso ir numa base de dados do Ministério da Saúde achar o número de suicídios, quantos são estudantes? Aonde eles estão? E posso procurar histórias e colocar a realidade desses dados.

A gente nunca vai deixar de falar que é um suicídio se for uma notícia grande, se for uma pessoa importante, o jornal vai falar que ele se suicidou e não vai colocar em entrelinhas, a não ser que a família não divulgue. Se a família divulgar que não foi suicídio e depois se descobrir que foi suicídio se foi uma pessoa importante e se entender que aquilo foi relevante aí o critério jornalístico é questionável.

Eu não sei se já sugeriram alguma matéria sobre o suicídio e algum jornalista disse não. Existe esse: “será que vale a pena? O suicídio é um tema delicado”. Eu acho que vale a pena ver nos manuais dos jornais, não sei se você já viu, mas deve ter como tratar o suicídio e de lá você consegue ver como o jornal vê essa questão.

Você acha que o suicídio é um problema de saúde pública, Esther? Eu acho que isso é um dado muito preocupante. Às vezes quando escrevemos uma matéria sobre alguma coisa, procuramos alguma história sobre isso para dar um pouco de vida para aquele dado e para mostrar que não estou mentindo, uma evidência.

Eu acho que isso [a publicação sobre suicídios] é importante e quando está diminuindo também é importante. Mesmo que não seja um problema de saúde pública, seja um problema de outra natureza, eu acho que você tem que falar. A gente não tem um jornalista de mortes ou suicídios você tem jornalistas que fazem alguns temas e que vai olhar as estatísticas e querer escrever sobre o tema.

O jornal ainda é calcado na notícia factual e isso é um problema nosso de dar o que aconteceu, mas não explicar o que aconteceu. Explicar o que aconteceu é a melhor saída para o jornalismo, para debater qualquer tema, é explicar.

Acontece de publicar uma notícia de um cara famoso que se mata como o Chorão, aí vai entrevistar psicólogo, faz uma lista de como evitar. Eu acho que isso acontece, como identificar, ver o suicídio como decorrente de uma depressão. Eu acho que isso é legal. Eu acho que essa é uma forma interessante de publicar o suicídio porque você traz uma discussão importante para a sociedade e você informa com conhecimento. Você não está só falando que a pessoa morreu e pronto, é essa coisa de ir além. Mas nem sempre se consegue fazer, nem sempre se consegue os dados, nem sempre tem uma equipe para fazer isso. Eu acho que isso é fazer um bom jornalismo, pelo menos é uma tentativa de ampliar em vários aspectos o mesmo tema. Vou discutir com especialistas, com quem sabe do assunto, vou colocar opiniões divergentes. Eu acho que esse é um jeito de falar sobre o suicídio.

Então, deixar o suicídio em segundo plano eu acho que é um jeito interessante de você tratar o suicídio.

Talvez seja uma forma de contextualizar, mostrar que tem muito mais coisa que o suicídio.

Eu acho que falar sobre o suicídio na escola não sei se seria bom, na verdade eu acho que pode se falar, eu acho que dentro de um contexto, tendo um projeto de educação para falar sobre o suicídio e prevenir o suicídio entre adolescentes eu acho que seria uma coisa interessante, como também o suicídio entre os professores.

Eu acho que não seria o caso de criar uma categorização. Eu acho difícil de dizer: “aqui eu falo de suicídio, aqui não falo”.

É difícil, mas eu nunca estive numa discussão ética, moral de falar: “será que isso aqui eu não vou falar? Isso aqui eu vou deixar de falar?”. Eu acho que esse tabu de falar: “não vamos falar de suicídio” não é legal quando se trata de um problema, sabe?

Nos trechos acima, Fábio afirma que não há regras nos jornais acerca de como o suicídio deve ser noticiado. Sugere que a publicação esteja de acordo com a realidade dos fatos, abordando o contexto em que o suicídio está inserido, isto é, o jornalista pode investigar histórias de pessoas que se mataram e buscar dados para embasar sua reportagem.

Fábio aponta casos emblemáticos do ponto de vista ético, ao considerar situações em que o suicídio de uma pessoa é noticiado nos jornais sem consentimento da família, que não divulga notas públicas sobre a morte de seu parente.

O tom de seu discurso ao abordar a questão da falta de orientação no jornal parecia indicar indignação. Fábio cita os manuais de redação de jornais que orientam como o jornalista deve abordar o suicídio, no entanto, ele parece desconhecer e não fazer uso das suas diretrizes.

O colaborador não tem certeza se em algum momento o suicídio deixou de ser noticiado no jornal em que trabalha. Comenta que cada empresa tem um manual com recomendações de como o jornalista deve tratar o tema, a partir das orientações é possível perceber o posicionamento de cada redação diante do suicídio.

Aponta que o jornal expõe fatos e não explicações. Para o colaborador, o jornalismo sério implica em não apenas dar a notícia, mas sim esclarecer, debater o evento, a partir de seu contexto. Importante publicar notícias sobre suicídio, quando há aumento e diminuição nas taxas. Diante dessa afirmação, não há necessidade de justificativas ou ganchos para que o suicídio seja abordado nos jornais. É um assunto que por si só é relevante para a sociedade.

Fábio exemplifica como o tema deve ser noticiado: mencionar como o suicídio pode ser evitado, associando o ato a doenças psiquiátricas, apresentar entrevistas com psicólogos, apontando diferentes pontos de vista de especialistas e contextualizar o suicídio. O jornalista não deve dizer apenas que a pessoa morreu por suicídio, mas ampliar a discussão sobre o tema para conscientizar a população, trazendo informações e esclarecimentos.

Assinala que o suicídio deve ser apresentado em segundo plano, mostrando que por trás do ato existem diversos fatores envolvidos e a história de vida da pessoa deve ser foco da reportagem e não o seu fim trágico.

Por trabalhar com temas sobre educação, o colaborador aponta que é preciso falar do suicídio nas escolas a partir de um determinado contexto, tendo em vista um amplo projeto de prevenção direcionado para alunos e professores.

B) O suicídio: problema coletivo x problema individual

Na maioria das vezes não é tão relevante você dizer que foi um suicídio, por exemplo. É o caso da pesquisadora que eu acho que não era relevante dizer que era suicídio, acho que o relevante era que o país perdeu uma pesquisadora importante.

Os suicídios entre os indígenas têm um problema gigante, eu fiquei conversando com eles na sala, acompanhei uma aula do povo indígena chamado Ticuna e a irmã de um cara lá tinha

se suicidado super jovem, enforcada. É um problema grave entre os indígenas e até conversei com uma professora que estava fazendo uma pesquisa sobre suicídios entre indígenas lá, principalmente em São Gabriel da Cachoeira, mais ao Norte. Não sei se você já tinha ouvido falar sobre esse fenômeno nos indígenas. O que eu percebi é que entre eles o suicídio não tem um peso social tão forte como o nosso de se suicidar. Se suicidar é uma opção muito mais próxima, muito mais real, pelo menos é a impressão que eu tenho sobre o suicídio que parece uma coisa desesperada, então muitos jovens se suicidam então lá, você precisava falar sobre o suicídio. Esse caso é importante dizer que há um problema de suicídio entre os jovens.

Então eu acho que aí faz total sentido falar sobre o suicídio, quando vira um problema social em que todos nós ou poder público ou a universidade ou alguém pode interferir e a gente tem a necessidade de entender melhor eu acho que sim, deve ser publicado.

O jornalismo trata muito da vida das pessoas e os problemas que são estruturais que falam sobre tudo. Falamos de que tal artista se suicida, falamos que fulano morreu. Eu acho que nesses casos é desnecessário.

Agora, eu não sei se é relevante, se uma pessoa se suicida e falar sobre isso. Fulano se suicidou, se jogou de tal prédio.

Eu acho bem relevante [falar sobre suicídios na mídia] porque é a realidade. As pessoas estão morrendo, estão morrendo do quê? Estão se suicidando, então deve ter um problema muito grave quando as pessoas estão se matando. Deve ter algum motivo ali fazendo com que elas se matem e quanto mais se aprofundar nisso eu acho relevante. Eu gostaria inclusive de me debruçar sobre o tema, é um assunto que eu gostaria de publicar.

Se é um problema coletivo falar sobre o suicídio é sempre melhor.

Um problema dos indígenas, um problema dos estudantes de outros países onde há várias pessoas se suicidando por pressão escolar. Eu acho que você tem a obrigação de falar porque essa discussão vai poder produzir efeitos melhores, não adianta esconder o problema.

Nos trechos acima, Fábio aponta situações em que o suicídio tem relevância jornalística. No início da entrevista, relata a morte de uma pesquisadora renomada em que havia suspeita de que ela havia tirado a própria vida. Segundo seu ponto de vista, o foco da reportagem deve ser a perda de uma pesquisadora importante para o Brasil e não o seu suicídio, sendo assim, a ênfase dada ao conteúdo define se o assunto é relevante para ser publicado nos jornais.

Relata a curiosidade das pessoas em relação à vida e à morte das celebridades. O jornal, por sua vez, aborda esses assuntos, sendo que para Fábio esse tipo de reportagem não é relevante. É importante dizer que uma pessoa se matou? Qual o efeito de uma notícia como essa para a sociedade? São questionamentos trazidos pelo colaborador que revelam a necessidade de refletir sobre o motivo e a intencionalidade do jornalista ao publicar suicídios e mortes de celebridades.

Fábio relata sua experiência em uma comunidade indígena na qual ocorre um grande índice de suicídios entre seus habitantes. Os jovens dessa comunidade matavam-se em virtude de questões socioculturais, isto é, tinham dificuldade de ingressar nas universidades, no mercado de trabalho, sofriam preconceito, além de terem dificuldades com o idioma. Os indígenas foram obrigados a sair de suas comunidades, deixando suas tradições para fazer parte da nossa cultura. Nesse caso, ele considera importante falar sobre o suicídio, pois se trata de um problema social que envolve um grande número de pessoas.

Em casos isolados de suicídios, o colaborador contesta a relevância em noticiá-los, manifestando discordância no que diz respeito à publicação de suicídios nessas instâncias. Ao passo que em situações que ocorrem mortes de estudantes por pressão escolar, o suicídio deve ser noticiado, uma vez que ocultar o problema não é a melhor alternativa para promover discussões sobre o tema na sociedade.

Para Fábio, o suicídio deve ser abordado de forma ampla, objetivando a educação e a conscientização pública. No seu ponto de vista, jornalistas não devem ser rígidos na decisão de quando o suicídio deve ou não ser noticiado, mostrando que é preciso analisar cada caso, com sensibilidade e prudência.

Afirma que o silêncio sobre o suicídio não faz diminuir suas elevadas taxas de suicídios, por essa razão, Fábio não concorda com ideia de ocultar o tema nos jornais. Para ele, o suicídio deve ser publicado na mídia com o objetivo de mobilizar a população, proporcionando melhor compreensão sobre o tema, sendo a comunicação uma via importante para esse esclarecimento.

C) Morreu na contramão, atrapalhando o tráfego

Eu acho que é aquela coisa: Morreu na contramão atrapalhando o tráfego. O tráfego acaba sendo mais importante que o suicídio no jornalismo. Eu acho que o trânsito é maior do que qualquer coisa em São Paulo, se tem uma manifestação, primeiro se divulga que fechou o trânsito depois fala o que eles estão reivindicando.

No metrô, por exemplo, é difícil de falar se a pessoa que se jogou ou a pessoa caiu. A verdade é o quê? Eu acho que esse é um caso cotidiano. Em geral a gente dá a versão oficial. Se eu estiver no metrô e eu vi um cara se suicidando isso não é uma notícia, porque [trata-se] [d]a morte de [uma pessoa] qualquer.

Eu acho que é um tabu porque não vai estar no título: “suicídio atrapalha/fecha via de por quatro meses”.

Fábio menciona a música Construção de Chico Buarque: “morreu na contramão atrapalhando o tráfego” (Hollanda, 1971) para ilustrar que o suicídio vira notícia quando

provoca um problema coletivo, de modo que o engarrafamento parece ser o fato mais relevante que o suicídio.

O metrô esteve presente no discurso de Fábio em algumas situações. A sua fala parece indicar que, embora ocorram muitos suicídios nos trilhos atrapalhando o transporte dos cidadãos, esses casos não são noticiados ou divulgados por tratar-se da morte de pessoas anônimas.

D) O tabu do suicídio e a importância da comunicação

Será que existe alguma explicação [sobre o contágio]? Pelo menos algumas hipóteses sobre essa realidade suicida? Esse eu acho que seria um caso que não merece estar nesse tabu de que quanto mais se fala sobre suicídio, mais as pessoas se suicidam.

Eu acho que é, é esse tabu de dar. Você tem um caso típico do Getúlio Vargas que se suicidou e o título das matérias é: “Getúlio se suicida”. É uma notícia absurda, o suicídio aí ficou em segundo plano. O fato do presidente ter se matado é maior do que o suicídio em si. Eu acho que é uma coisa interessante de se pensar.

Eu acho que não vai estar no título e vai ter um cuidado em relação a isso, mas eu acho que é esse tabu. Por outro lado, na época do Impeachment da Dilma algumas pessoas pediram o suicídio dela, postaram fotos e tudo mais, e se fosse um tabu as pessoas não falaram disso. Eu acho que é um cuidado baseado nisso, mas não chega a ser um tabu a ponto de não falarmos sobre isso.

Alguns falam que o suicídio é um tabu, mas outros falam que a gente precisa passar esse tabu e falar sobre isso.

Eu ainda acho que é um tabu porque acredita-se que quanto mais a gente fala, mais pessoas se matam, mas é muito mais pelo tabu da notícia.

Fábio comenta sobre a importância de abordar o tema na mídia. Segundo seu ponto de vista, o contágio diz respeito a uma hipótese não comprovada e que os jornalistas evitam investigar com profundidade ou falar a respeito, tornando o fenômeno um tabu nos jornais.

O colaborador apresenta diversas compreensões sobre o tema. A palavra suicídio muitas vezes não é citada no título de uma reportagem, o que poderia indicar que tal tema é um tabu no jornalismo ou cuidado por parte dos profissionais devido ao receio do contágio. Também relata que as pessoas comentam sobre o assunto nas redes sociais, contrariando a ideia de que o suicídio seja um tema silenciado. Ao final, Fábio verbaliza que o suicídio é tabu enquanto notícia, pois os jornalistas acreditam que publicá-lo pode desencadear outras mortes.

Embora alguns jornalistas pensem que o tema é tabu, outros acreditam que é preciso transpor essa barreira do silêncio e abordar o assunto. Segundo o colaborador, falar pode trazer mais benefícios que malefícios.

E) Dúvidas e hipótese acerca do contágio

Eu, de fato, nunca vi essa evidência de que falar sobre suicídio na imprensa pode fazer as pessoas se sentirem mais corajosas a se matarem. Não sei se é coragem ou covardia. Se sentirem mais decididas a se suicidarem, mas desde que eu estou na faculdade eu ouço essa verdade. Se evita falar sobre suicídio, porque as pessoas se influenciam. Eu acho que na maioria das vezes isso não é tão relevante, digo assim, se você tem essa informação de que pode ocasionar outros suicídios.

Embora seja uma verdade eu nunca li uma comprovação que diz que um suicídio no jornal tenha impactos nas pessoas, embora seja razoável esta medida de não publicar. Acho que é uma hipótese, mas você tem alguma comprovação sobre isso, Esther?

Se tiver um malefício é esse negócio da pessoa se sentir vulnerável, mas eu acho que se você tratar esse assunto com cuidado não vai ter um malefício. Se tratar o assunto bem, bem contextualizado não vai ter uma pessoa que vai ler a matéria e se matar, eu não acho que isso vai disparar. Talvez uma notícia só falando que um cara se jogou do trem eu acho que aí pode fazer com que uma pessoa possa pensar em se matar no trem também.

Então não sei se uma pessoa que lê uma notícia de suicídio ele vá se matar. Talvez dê uma ideia do lugar, tipo um cara pula de um prédio, mas acho que todo mundo sabe mais ou menos como se suicidar, vai pular de um prédio, vai tomar uns remédios.

Dizem que tem muitos suicídios no metrô e o próprio metrô evita de publicar, porque é um lugar fácil de se matar e se todo mundo vier se suicidar lá vai virar um problema operacional para eles.

O colaborador discorre sobre a questão do contágio e relata que desde sua graduação ouviu acerca do fenômeno. Fábio questiona se há evidências de que um suicídio publicado na mídia possa influenciar outras pessoas a matarem-se

Aborda o contágio como hipótese e discute se há pesquisas nesse campo que fundamentem o silêncio dos jornalistas, sendo que ele particularmente acredita que o suicídio é um tema que deve ser noticiado.

Destaca o metrô de São Paulo para exemplificar em quais situações o contágio pode ocorrer, a partir de informações fragmentadas e incompletas sem apresentar as circunstâncias, mencionando apenas o número de suicídios no local, o que pode levar outros a pensarem em tirar suas vidas da mesma maneira. Em contrapartida, ao abordar o assunto com cuidado, inserido em um contexto, há uma grande probabilidade do suicídio ser evitado e prevenido.

Na sua fala, Fábio considera que o suicídio propagado nos veículos de comunicação pode desencadear a repetição do ato em pessoas vulneráveis, por isso a postura de silêncio dos jornalistas, em sua opinião, é coerente. O colaborador acredita que informações sobre suicídios publicadas na mídia não necessariamente provocam outros suicídios.

O colaborador questiona a atitude de uma pessoa que se mata ao ler notícias sobre o suicídio no jornal, insinuando que o desejo de morte não é despertado por reportagens, pois a escolha já está definida pela pessoa. Ao mesmo tempo acredita que o modo como o assunto é publicado pode apontar para uma possível popularização de espaços ou métodos, desencadeando o suicídio de outras pessoas, provocando o contágio.

F) Espreme que sai sangue: a curiosidade mórbida em torno do suicídio e mortes escancaradas

Por exemplo, uma matéria falando sobre quantos suicídios acontecem no metrô me parece só uma curiosidade mórbida, não me parece que vá criar um tipo de discussão interessante sobre o suicídio.

Eu não acho que o suicídio vá dar audiência, mas a discussão era essa de que o suicídio pode dar audiência e pode gerar um monte de críticas. Talvez o que dê audiência é essa coisa uma pessoa vai se matar e todo mundo fica envolta querendo saber. Por que junta um monte de gente na frente de um prédio? Porque as pessoas têm essa curiosidade mórbida e o jornalismo reflete um pouco disso. Talvez seja uma coisa meio boba, a gente tenta se distanciar da curiosidade mórbida. Uma crítica que o jornalismo recebe é que vamos atrás do que as pessoas têm curiosidade, como a vida das pessoas, dos famosos, mas o bom jornalismo tenta não fazer isso. Os jornais populares do tipo “espreme que sai sangue” existem em grande quantidade, principalmente no México que mostram os corpos ensanguentados. No interior, você acha sites e jornais assim porque tem menos esse senso, já na cidade tem mais essa reflexão do que publicar.

No Brasil tem ficado mais sensível essa coisa de mostrar a foto do morto, a imagem, é bem raro. Não mostra mais a cara da pessoa morta. As pessoas têm interesse para ver aquilo ou não tem? É desnecessário mostrar tudo isso ou não? As pessoas podem ter interesse e curiosidade, mas a gente não pode oferecer essas coisas para elas, porque tem a questão do respeito. Chegou-se à conclusão que aquilo fere a dignidade das pessoas, da família e a gente não tem direito de mostrar aquilo e tem o leitor que é mais sensível.

O jornalista vai indo e foca na menina e mostra ela pulando e detalhe: não era ao vivo. Eles voltaram para a redação, editaram e veicularam o suicídio dela. Eu lembro que choveu de críticas e no documentário, um jornalista fala que esse foi o ponto para o fim. Foi um caso emblemático de suicídio na TV. Eles mostraram a menina caindo e a galera gritando. É uma imagem fortíssima.

Acho que os caras do jornal colocaram a imagem porque eles acharam que isso ia explodir de audiência. Pelo que me lembre no Brasil, foi uma situação forte. Tem até uma foto do

edifício Joelma que tem a menina pulando por causa do incêndio. Não sei se era suicídio, mas parecia desespero, porque ela não queria morrer queimada.

Lembro que discutimos algumas questões éticas sobre o suicídio a partir desse documentário do tipo: se você fosse editor você daria o suicídio? E se fosse ao vivo? Porque quando é ao vivo não tem muito o que fazer, mas é questionável você ficar filmando uma menina querendo se matar. Eu acho isso um absurdo, um drama pessoal.

É um comportamento bizarro das pessoas que ficam tirando fotos, vídeos. A discussão que rolou na sala era: se você divulgar o suicídio vai ter maior audiência, mas vai ter maior número de críticas. Se você estiver ao vivo e de repente quando ver que a pessoa se jogou e colocar tela preta vai todo mundo tentar entender o que está acontecendo, interpretar e não vão gostar de não saber.

Toda vez que o jornal aonde trabalho mostra na capa mortos, quando acontece algum atentado, o editor fala que choveu cartas e e-mails de pessoas que contestam e questionamos: isso é notícia ou não é? Isso é importante para mostrar o drama pessoal ou tem valor de notícia para a coletividade? As imagens do holocausto de um monte de gente mortas, eu acho que é uma imagem que precisa ser revista sempre, mas a sensibilidade é difícil. A sensibilidade do jornalista de como isso vai impactar as pessoas. É muito a escolha do momento e às vezes a escolha do momento não é certa, só depois você vai saber se foi a melhor escolha ou não.

Segundo Fábio, há uma curiosidade mórbida em relação ao suicídio e mortes violentas. Houve discussão sobre o tema em sua graduação, sugerindo que o assunto pode gerar audiência, pois o espectador tem curiosidade de observar uma pessoa que está prestes a tirar a própria vida. Fábio menciona a intenção dos jornais que expõem imagens de mortes violentas e questiona o quanto é necessário publicá-las. Para o colaborador, ainda que as pessoas tenham curiosidade e interesse, o jornalista não deve fornecer esse tipo de informação por respeito às famílias e aos leitores mais sensíveis.

O suicídio no metrô é recorrente na fala de Fábio com uma reflexão mais detalhada. Ao noticiar suicídios nesse local, o jornalista pode alimentar a curiosidade dos leitores, sem propor discussões e reflexões sobre o tema, o que poderia levar ao contágio. Esse pode ser um dos motivos pelos quais os jornalistas não abordam o suicídio no metrô.

Descreve a cena de um jornal televisivo que filmou uma pessoa pulando de um prédio. Trata-se de uma imagem chocante, sendo que as pessoas aglomeraram-se para assistir ao evento suicida. A emissora editou e veiculou o vídeo com as cenas de suicídio, com o propósito que essas imagens poderiam gerar audiência. Segundo Fábio, trata-se de um drama pessoal e a postura da emissora é questionável do ponto de vista ético.

Ao divulgar imagens de pessoas mortas, os leitores costumam contestar a atitude dos jornalistas, na empresa em que Fábio trabalha. Por um lado, ele questiona o quanto escancarar

mortes é relevante do ponto de vista jornalístico e para a sociedade, por outro, afirma que nem todas as mortes devem ser ocultadas. Cita as imagens do Holocausto, sugerindo que são cenas impactantes que precisam ser mostradas para que evitar que tal fato ocorra novamente.

Observamos, portanto, dois posicionamentos: o cuidado com o leitor mais sensível, que não deseja ver essas imagens; atender aos espectadores com curiosidade mórbida por cenas violentas.

G) Questões acerca do jornalismo: pressão, imediatismo, furo e suicídio

O ideal é que o jornalismo parta da realidade, embora isso seja questionável. Todo mundo acha que o jornalista está onde a notícia está, mas não, a notícia está onde o jornalista está. Se cai uma árvore aqui e eu estou aqui vai virar uma notícia porque eu estou aqui. O ideal é que a notícia se fale por si mesmo, o jornalismo tem a função de fazer a pergunta certa seja para o que for, mas parte de um tema.

Jornalismo é isso, é feito sob pressão e velocidade. Ele nunca é uma coisa pensada. Se não vira uma pesquisa, você para, pensa, reflete, faz uma coisa, avaliam, você retoma. O jornalismo é industrial e vai ter várias coisas que vai fazer com que você decida coisas de última hora.

São os questionamentos dos jornais: o quê? Como? Onde?

Eu tenho um amigo que viu o suicídio de um colega da redação e achei aquilo fortíssimo. Eu lembro que em um dos jornais aonde trabalhei, existiram vários casos de suicídios de jornalistas que ficam apegados àquela loucura, acho que é um comportamento obsessivo ao trabalho e [o jornalista] não consegue se desvencilhar a vida pessoal do trabalho.

A gente tem uma brincadeira dentro da redação que é a seguinte: no jornalismo não tem desempenho médio ou você tira dez ou tira zero. Então acaba rolando essa confusão entre o que você é e o que você trabalha, o que gera pressão. A carta desse jornalista que se matou é assustadora, claro que me parece que é um cara meio desequilibrado, nem todo mundo pensa assim, mas essa pressão é generalizada, você tem que fazer e não interessa se alguém às sete horas da manhã alguém te liga é uma coisa normal.

Tem essa pressão muito forte e eu acho que no jornalismo tem. Nesse caso do acidente do ônibus o jornalista já trabalhava no jornal há muito tempo e aí ele foi demitido um dia depois e ele se matou. Meio que sentiu um vazio, sabe? Talvez aquilo era muito importante para ele.

Então eu acho o jornalismo é um exemplo dessa confusão entre o que a pessoa é e o que ela faz é gigantesco. É uma das carreiras que você mais tem essa coisa de identidade, do tipo, tenho que ser forte, trabalhar quinze horas por dia. Até porque trabalhar muito é necessário e para fazer bem meu trabalho, eu vou ter que me desvencilhar de noticiar o dia a dia para depois me aprofundar em um assunto.

Eu não vou ter tempo para chegar às dezoito horas e dizer para o chefe que ele se vire para publicar a matéria porque quero escrever outra coisa. Não! Você tem que correr atrás do

hoje e se o jornalista quiser escrever uma coisa que ele quer, ele vai ter que fazer em um outro horário então para ele continuar vivo na profissão ele vai ter que fazer isso.

Você entra em um turbilhão de coisas. É um problema do ponto de vista trabalhista e não só psicológico, social. A gente é explorado demais e todo mundo sabe: você vê o cara que é muito bom é porque ele trabalha cinquenta horas e o jornalista novo que acaba de entrar na redação e vê tudo isso e pensa: “se eu não fizer desse jeito eu não vou conseguir.”

Parece que você fica sabendo de tudo e você tem a exigência de ir em busca da coisa exclusiva, daquilo que o poder [público] não quer que seja publicado.

Ainda mais com o furo que é a informação exclusiva dada antes. O furo jornalístico é eu conseguir publicar antes de todo mundo, antes de uma informação oficial ou descobrir algo que ninguém sabia.

Então tem essa ‘nóia’ do furo, você tem essa pressão e tem gente que trabalha em um caderno mensal e faz uma cobertura diferente não entra muito nessa ‘nóia’ como no caderno de cultura que tem um pouco menos disso.

Nos trechos selecionados, Fábio discorre acerca do trabalho no jornal. Para ele, é uma prática pouco reflexiva e mais informativa, na qual o jornalista não tem tempo para publicar uma reportagem bem elaborada. Menciona que os esforços dos jornalistas consistem em saber o que aconteceu, como e onde, insinuando que não buscam aprofundar-se. Relata a importância dos questionamentos sobre os fatos e a confirmação de informações antes de disponibilizá-las ao leitor.

Fábio descreve o caso de um amigo que viu o suicídio de um colega de redação e considera que um dos motivos que o levou a matar-se foi a pressão provocada pelo trabalho. Relata também um jornalista que foi demitido por não atender a ligação de seu editor durante a madrugada, sendo que o repórter não acompanhou um acidente de ônibus no qual diversos estudantes morreram. Logo após a demissão, ele tirou a própria vida. Para o colaborador, a dificuldade em separar a vida pessoal e a profissional pode levar ao suicídio de muitos jornalistas.

Menciona que a carga horária é pesada, pois o jornalista precisa primeiro cumprir as exigências da redação e só depois pode dedicar-se a elaborar uma reportagem de seu interesse, no entanto, a rotina e a falta de tempo, muitas vezes, dificultam essa possibilidade.

O “furo” é um ponto importante de sua fala, diz respeito à informação exclusiva publicada antes de outros veículos. Diante dessa busca frenética por novas notícias, o jornalista deve sempre estar atento aos acontecimentos do dia a dia, que pode levar ao esgotamento físico e psicológico desses profissionais.

Fábio descreve o jornalismo como uma prática industrial e empresarial, desse modo, seu trabalho é realizado sob pressão e velocidade cuja consequência é publicação de reportagens menos reflexivas e mais informativas. Ressalta que os jornalistas precisam fazer escolhas imediatas em relação às notícias que serão disponibilizadas ao público.

H) Um jornalismo possível: abertura para debates, discussões e reflexões

Eu tenho privilégio de trabalhar com temas em que a discussão é importante e eu acho que em gestão você tem espaço para discutir o que é melhor para a cidade e em educação você tem espaço para discussão.

Essas informações de contexto são as que mais me agradam, que mostram a qualidade da educação a partir dos contextos. Tentamos trazer algum tipo de reflexão.

Tentamos mostrar que há outras maneiras de ver as coisas. Se você pegar uma pesquisa vai achar que tudo é causalidade, mas não é bem assim e tentamos mostrar isso, o contexto.

O que dá uma abertura maior é que na educação você tem um leque maior de cobertura então dá para fazer uma discussão pedagógica. Eu acho que dá para fazer uma discussão sofisticada, não uma discussão normal. Então você tem essa amplitude.

Eu acho que tenho uma abertura maior e por isso gosto do caderno de educação, por causa desses dois motivos: pela liberdade política maior e pela amplitude do meu trabalho onde posso fazer uma matéria falando de uma escola que caiu e também posso fazer um tipo de cobertura onde faço uma discussão.

O que tem de diferente é que em educação você tem uma aura de que aquilo é muito importante e de que aquilo precisa de um debate qualificado. Eu como repórter quero aumentar o debate o máximo possível.

Tem até veículos nesse sentido, o Nexo que é um veículo brasileiro, um site que surgiu para fazer esse tipo de jornalismo que seja explicativo e não apenas dar a notícia. Tem um site nos Estados Unidos chamado Vox que é jornalismo explicativo, tentar dar o contexto, tentar explicar o que está acontecendo. Eu acho esse caminho interessante.

Nos trechos acima, Fábio aborda a possibilidade de um jornalismo reflexivo. Por trabalhar na secção de educação, tem mais abertura e espaço para discutir o tema de sua publicação. O colaborador busca contextualizar a notícia e considera importante aprofundar questões, que dizem respeito a um determinado tema.

Fábio menciona o jornal *Vox* nos Estados Unidos e o *Nexo* no Brasil, que são jornais explicativos, que contextualizam a informação, de modo que os esforços não se concentram em trazer notícias inéditas, imediatas e sim reportagens reflexivas. Para o colaborador, essa é uma via alternativa aos jornais comerciais que estão preocupados com a questão do “furo”, mostrando que há possibilidades de se fazer um jornal diferente.

Diálogos com a fala do colaborador

Em sua fala, Fábio mostrou-se receptivo e interessado em debruçar mais sobre a temática do suicídio, ainda que esse não seja um assunto muito presente no caderno de educação. De acordo com seu discurso, os leitores desejam saber mais sobre a vida das celebridades, pois este é um assunto de interesse para um grande número de pessoas. Essa compreensão traz a seguinte reflexão: as informações sobre suicídio de celebridades chamam mais atenção do leitor e por essa razão levam ao contágio? Jornalistas publicam informações, que despertam curiosidade dos leitores, mostrando que a mídia atende às necessidades de consumo de informações e a curiosidade dos leitores. Interessante notar que o suicídio é evitado nos jornais, procedimento que é diferente quando se trata de uma pessoa famosa.

A publicação de casos isolados de suicídio pode levar ao contágio, pois essas reportagens não geram reflexões e discussões na sociedade. Ao passo que, abordar com cuidado, contextualizando e explicando o fato pode prevenir o suicídio. Em outro momento, Fábio relata que as informações nos jornais não determinam o suicídio de outras pessoas, sugerindo que apesar de existir uma crença no jornalismo acerca do contágio, ele particularmente não acredita que uma reportagem possa desencadear o suicídio de outras pessoas. Em nossa perspectiva, são justamente casos de suicídio que são noticiados pela mídia, sem reflexões ou contextualização que têm efeito negativo na prevenção.

Outra questão mencionada são os suicídios no metrô de São Paulo. A escolha dos jornalistas é a seguinte: calar-se em nome da prevenção, porém, notamos que o silêncio não evita a ocorrência de suicídios, pois embora não sejam divulgados pela imprensa, ainda muitas pessoas matam-se no local. Já a expressão “interferência na linha” ou “intercorrência na linha” desperta nos usuários uma suposta queda de pessoa na linha, um possível suicídio. Então como esconder o suicídio, ato presente e visível na metrópole e, principalmente, na *internet*, na qual o acesso é livre e sem filtros?

Ao abordar a rotina dos jornalistas, Fábio enfatiza a importância de dar voz ao sofrimento desses profissionais que são explorados nas redações. O colaborador expõe a realidade de seu trabalho e está inserido no interior de um sistema, no qual a obediência é necessária para poder sobreviver na profissão, ainda que essa postura traga sofrimento psíquico. É importante refletir sobre a construção de uma cultura voltada para o cuidado, promoção de saúde e qualidade de vida, relacionadas ao trabalho de jornalistas.

O colaborador aponta que o suicídio é publicado quando gera transtornos na vida dos cidadãos. Diante dessa fala, questionamos: o suicídio deve ser um fato jornalístico apenas

quando atrapalha o tráfego? A necessidade de ter outro fato envolvido ao publicar o suicídio seria uma maneira de ofuscá-lo? Uma das atitudes questionáveis da imprensa é esconder o suicídio ou publicar com conteúdos simplistas, sem tomar os devidos cuidados.

A necessidade de contextualização aparece no discurso do colaborador diversas vezes. Fábio demonstrou interesse nas pessoas envolvidas e o desejo de aproximar-se da história delas, trazendo-as para o público cujo objetivo é ampliar o debate sobre um determinado assunto. Essa é uma postura louvável e ética, mas esse mesmo envolvimento pode sobrecarregar o jornalista aumentando seu sofrimento psíquico. Como dosar o grau de envolvimento?

7.5 Quinta entrevista

Análise da entrevista: Marcela *nome fictício

Cargo profissional: Repórter de jornal *online* e impresso do caderno de saúde.

Duração da entrevista: 1h e 20 minutos

Local da Entrevista: cafeteria em São Paulo próxima à residência da colaboradora

Dados da colaboradora e contextualização da entrevista

Marcela é formada em jornalismo, mestre e pós-graduada com título de especialista em gestão de saúde. Atua no mesmo jornal há mais de trinta anos e tem se dedicado há quinze, exclusivamente na área de saúde. Cobriu reportagens no caderno de cidades, trabalhou como editora assistente e foi responsável pelo programa de treinamento de jornalistas recém-formados. Atualmente é repórter e colunista de jornal *online* e impresso.

Unidades de significado e compreensão da fala da colaboradora

A) O suicídio como notícia: problema de saúde pública X casos isolados e individuais

Eu não me lembro de um suicídio específico, mas lembro de ter publicado o suicídio como uma discussão maior. Eu lembro de ter noticiado [o suicídio] de um ator brasileiro, mas usando o suicídio dele para falar do suicídio numa faixa etária específica.

Acho que é aproveitar um caso assim e fazer uma discussão maior.

Quando eu falei [publiquei] esse assunto [o suicídio] eu nem citei o nome das vítimas, porque não interessa. O que interessava nesse caso é se estava tendo essa motivação por conta do jogo [baleia azul], tratando da coisa no coletivo, não individual.

Eu entendo o suicídio como um problema de saúde pública tanto pelos números envolvidos e pela associação as questões dos transtornos psiquiátricos, a depressão principalmente. Eu não tenho dúvida que seja uma questão coletiva.

Especialmente porque atualmente temos fatos novos como a questão da Baleia Azul, essa coisa de coletivo, de vários casos ao mesmo tempo.

O artigo que escrevi, a análise que escrevi sobre o jogo foi num domingo, foi no dia que eu estava de plantão. Eu abri a internet e vi que tinha vários casos, um caso em Minas Gerais. Fiquei incomodada com a matéria porque colocaram a foto da menina e contado tudo o que tinha acontecido no dia anterior e eu fui pesquisar eu vi esses casos pipocando no país. Lá no Rio Grande do Norte tiveram três casos e daí eu vi que era algo coletivo, não era mais um caso só. A coisa chegou aqui!

Eu tenho certeza que esse caso só foi noticiado porque foi no shopping Higienópolis, porque se é alguém que pula na Vila Nova Cachoeirinha ninguém vai dar bola. Todo dia tem um

caso no metrô, a gente não noticia esses casos isolados, só quando chama a atenção, quando como, por exemplo, acontece no shopping Higienópolis, porque se trata de um lugar visado, da elite paulistana, aí vira um assunto de mídia.

O nome da pessoa não foi divulgado, mas pelo local isso acaba determinando se é assunto na mídia ou não. Eu lembro de uma atriz no Higienópolis há uns anos atrás que se matou e se jogou. Aí virou assunto, depende de onde acontece. Para a mídia é isso, se é um pobre que se jogou no metrô, ninguém dá bola para isso. Agora se é num shopping Higienópolis vira uma sensação.

Os jornalistas noticiam não pelo suicídio em si, mas pelo fato desse evento ter ocorrido num espaço de elite, está fora do que se espera. Hoje espera que as pessoas se matem se jogando do Viaduto do Chá, no seu prédio, no metrô. São locais que são manjados e isso já não é mais notícia. Agora se matar no shopping Higienópolis é algo novo e por isso virou notícia. Esse caso do shopping eu acho que não deveria. Particularmente se eu fosse editora e pudesse interferir em alguma coisa eu diria que não deveria ser publicada.

Quando a coisa é coletiva, por exemplo, na universidade pública o que estava acontecendo entre os estudantes de um curso, eu joguei que era notícia. É um curso que tem uma pressão, foram vários casos de suicídios de estudantes e já estava mobilizando a comunidade docente e discente. Tinha uma série de fatores que eu via que valia a pena trazer essa discussão para o público, à tona. Casos isolados assim, eu particularmente sou contrária, aconteça em qualquer lugar, eu acho que não é notícia.

Eu acho que o suicídio deve ser publicado quando se trata de um problema social. Para mim é notícia discutir o que está acontecendo com os adolescentes, com os idosos. Quando trata de uma coisa maior, estudantes de uma universidade pública renomada, você trata o suicídio como coletivo e não individualmente.

Eu já sugeri várias vezes como repórter de saúde para gente discutir sobre isso, mas eu acho que existe uma inabilidade de achar que isso é uma questão pessoal, de que a pessoa tem plano de saúde e deve procurar um profissional, procurar ajuda.

De novo, não acho que é divulgar todos os casos individualmente, mas precisamos olhar para todos esses grupos etários, o que pode estar influenciando, porque é uma questão de saúde pública.

Eu lembro de ter publicado o suicídio depois dessa mudança, de enxergar o suicídio como uma questão epidêmica, como uma questão de saúde pública.

Toda vez que me propus a falar de suicídio no caderno de saúde, especialmente depois que o suicídio passou a ser visto como um problema de saúde, foi um tema aceito para ser publicado. Então no submundo dos assuntos não ditos por tanto tempo, a partir do momento em que o próprio Ministério da Saúde admitiu que vivemos uma epidemia e é uma questão de saúde pública, eu acho que as pessoas começaram a ficar mais abertas, ter mais abertura para o assunto e ver isso como um problema, passível de prevenção. Essa foi uma outra descoberta que é possível prevenir e prevenir coletivamente e não pensar individualmente como se a pessoa estivesse deprimida e tem que tomar antidepressivo, fazer terapia e mudar. Não! Então tem jeito de pensar coletivamente, e aí é acho que está faltando. O que é possível de fazer para prevenir?

Antes uma pessoa deprimida era vista como um problema dela e hoje a gente vê que é um problema coletivo, é uma questão que está aumentando. A OMS recentemente colocou a depressão como o problema do século, então a gente tem que pensar na questão coletiva. De novo, nosso ambiente de trabalho, o que está acontecendo? Não é um ou outro que tem depressão, claro que cada um tem suas questões, mas assim, tem um micro e macro, então o que a gente pode ajudar ou melhorar isso?

Eu acho que primeiro, enxergando o suicídio como um problema de saúde pública que diz respeito a todo mundo, não apenas à família e a vítima.

Nesses trechos, a colaboradora relata em que circunstâncias e como o suicídio deve ser noticiado. Marcela iniciou o discurso dizendo que publicou a questão do suicídio no jornal e considera que casos isolados não devem ser noticiados. Escreveu uma reportagem sobre o suicídio de uma celebridade, com o objetivo de ampliar a discussão sobre o tema, sem focar na pessoa que se matou.

A colaboradora compreende o suicídio como problema de saúde pública devido aos números alarmantes e por estar associado a transtornos psiquiátricos, sobretudo à depressão. Reitera que o suicídio deve ser noticiado por tratar-se de uma questão epidêmica e exemplifica o que aconteceu com o jogo da Baleia Azul, no qual foram constatados que vários jovens participaram ao mesmo tempo, indicando ser um problema coletivo e social.

Marcela elaborou uma reportagem sobre o jogo, tomando cuidados para não citar o nome dos adolescentes que se mataram. O objetivo da reportagem era refletir se esses suicídios estavam sendo, de fato, influenciados pelo jogo, sem colocar ênfase na vida particular dos jovens.

O local onde ocorre o suicídio pode indicar se este será publicado. A colaboradora comenta sobre o evento noticiado pelos jornais de um homem que se matou em um *Shopping* frequentado pela elite paulistana. Segundo Marcela, para os jornalistas, casos isolados de suicídios não são noticiados, exceto em situações como essa, em que o ato foi consumado em bairro nobre da cidade de São Paulo. A colaboradora contesta essa postura, de acordo com o seu ponto de vista, casos individuais não devem ser publicados e não dependem do local onde o suicídio foi realizado. Para ela, o suicídio em bairro nobre assemelha-se a situação de suicídios de celebridades uma vez que os suicídios nesses locais são incomuns.

Marcela publicou uma reportagem sobre suicídios de estudantes de uma universidade pública em São Paulo. Nessa situação, o assunto é notícia, pois diz respeito a um problema coletivo e ao trazer essa questão ao público, os números de suicídios são escancarados e a pressão que os estudantes sofrem no ambiente acadêmico é denunciada. Essa notícia pode

gerar impacto social, ajudando em programas de prevenção ao deslocar o suicídio do âmbito privado para o público.

A colaboradora aponta os altos índices de suicídios entre jornalistas, sendo que a redação não fala sobre o tema. O suicídio, nessa instância, deveria ser abordado, pois revela o ambiente e a rotina de trabalho estressante, desencadeando sofrimento psíquico. Embora Marcela tenha proposto a discussão sobre o tema na mídia, o suicídio de jornalistas ainda é visto nas redações como uma questão pessoal, íntima, de modo que muitos profissionais acreditam que pessoas em risco de suicídio devam procurar ajuda por conta própria.

Ainda, ela propõe que os jornalistas fiquem atentos quando o suicídio está ligado a um grupo específico, assim como ocorre com os adolescentes e idosos, etapas da vida nas quais os índices de mortes voluntárias são altos. A reportagem deve ser elaborada a fim de promover debates, refletindo sobre fatores que contribuem para o suicídio de determinados grupos etários além de pensar em estratégias de prevenção.

Relata que a partir do momento em que o suicídio passou a ser visto pelo Ministério da Saúde como problema de saúde pública, houve maior aceitação para a publicação do tema na mídia. Marcela nota uma abertura da população que percebe o suicídio como ato cuja prevenção é possível, o que não acontecia antes.

O primeiro passo para criar consciência pública é olhar para o suicídio como um problema que diz respeito a todos e não apenas à família enlutada e à pessoa que se mata, portanto, a prevenção deve ser pensada de modo coletivo e não somente como uma questão individual.

B) Como noticiar os suicídios: manual da OMS

O que eu acho que foi muito importante foi a recomendação, o caderno da OMS sobre como a mídia deve tratar o suicídio e o trabalho que o CVV- Centro de Valorização à Vida faz. Eu já participei de vários debates do CVV. Teve um especificamente sobre a mídia e como a mídia deve tratar o suicídio, o que eu acho que deve ser mais ampliado e voltar nessa questão cada vez que tem um novo caso.

Eu tomei conhecimento desse manual pelo CVV, quando eles fizeram aquela palestra. Na época a gente distribuiu o manual para quem cobria cidades ou saúde, só que as pessoas [jornalistas] mudam, vão embora. As redações dos jornais, revistas, televisão tem uma rotatividade muito grande, então eu acho que tinha que ter um trabalho, eu até já falei com o CVV sobre isso, de constante reforço dessa informação.

Por exemplo, acompanhei a cobertura desse caso da série os 13 porquês da Netflix e do jogo da Baleia Azul. Vi várias coberturas problemas e vai totalmente fora do que o manual recomenda que é não glamorizar, não dar muitos detalhes. Teve uma matéria que li que o

jornalista contou tudo o que tinha acontecido até a morte da vítima, que ele foi até a lagoa, deixou os sapatos e pulou. Publicou-se toda uma trajetória de como aconteceu esse suicídio que não é para falar.

Especialmente quando acontece um caso desse, as redações deveriam ser imediatamente informadas, lembradas disso a cada vez, porque não adianta você divulgar só uma vez. Eu lembro que fiz uma matéria sobre isso, mas isso passa e aí no dia a dia acontece um caso de novo e você vê os erros se repetirem novamente. Você vê uma cadeia de erros se repetindo de novo.

Se comete erros como comentei da reportagem que o jornal exagerou, dando detalhes demais colocando fotos. Eu acho que quando você personaliza fica complicado, de colocar a foto da menina bonitinha adolescente, do facebook. Não precisa, eu acho que não precisa, eu acho que isso sim é glamorizar.

Por isso eu acho que agora, mais do que nunca essas orientações serem reafirmadas: quando o suicídio deveria ser uma notícia e quando não deveria.

Eu não sei se além desse manual da OMS que quase ninguém sabe, se tem algum outro manual mais recente. Muitas pessoas no jornal não sabem que existe esse manual. De novo, porque pessoas vêm e vão o tempo todo. Eu tenho trinta e um anos de jornalismo por isso a memória fica, mas os meninos [jornalistas] que estão chegando agora nunca foram informados disso. Tem que ser falado.

Foi aí que eu citei o manual e que nesse momento é preciso ter cuidado na forma de publicar, o suicídio não deve ser glamorizado ou identificar as pessoas.

Marcela participou dos debates promovidos pelo Centro de Valorização à Vida (CVV) e tomou conhecimento sobre o manual da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2000) dirigido aos profissionais da mídia, considera então que suicídios devem ser noticiados baseados nas orientações do documento. Distribuiu exemplares do manual na empresa onde trabalha e ressalta que devido à rotatividade de jornalistas é preciso que essas orientações sejam reiteradas toda vez que acontece um suicídio.

Marcela manifesta discordância em relação à abordagem sobre reportagens acerca da minissérie os *13 porquês* e o jogo da Baleia Azul. No caso do jogo, foram citados detalhes sobre os adolescentes que se mataram, contrariando a orientação do manual, com erros comuns ao se noticiar suicídios. A colaboradora contesta a atitude de um jornal que colocou a foto de uma adolescente antes do seu suicídio, afirmando que essa postura personaliza e romantiza o ato. O tema está sendo discutido em diversos veículos de comunicação, estimulado pela notícia do jogo, por isso, segundo Marcela, as recomendações, sobre como e quando abordar o suicídio, devem ser ainda mais reforçadas.

Cita que o manual da OMS é antigo e seria interessante que fosse feita uma revisão, acrescentando informações e recomendações a partir do que sua experiência como jornalista

tem mostrado. Desse modo, Marcela reflete como sua prática pode ajudar profissionais na cobertura de temas como o suicídio.

C) A importância em falar sobre o suicídio

O próprio CVV mostrou que aumentou um monte de ligações depois dessa história toda, porque começa a expor tudo aquilo que está ali não dito, sem poder sair.

Eu acho que assim, tem essa demanda, o leitor se preocupa com isso e acho que o tema suicídio é um tema de interesse geral, todo mundo conhece alguém que se suicidou. Eu acho que a gente precisa continuar falando sim, mas com todos os cuidados.

Quando você não fala parece que ele não existe e fica essa coisa no submundo. As famílias também não falam então tem toda uma questão envolvida [...] eu acho que é importante ir tirando esses véus.

Segundo Marcela, o suicídio é um tema de interesse geral que precisa ser falado e discutido, principalmente em decorrência do surgimento do jogo da Baleia Azul. Pesquisas apontaram que houve aumento de ligações para o CVV, revelando que à medida que temas tabus como o suicídio são expostos, as pessoas tendem a falar sobre o assunto.

Marcela verbaliza a importância de abordar o suicídio, tomando os devidos cuidados. Os jornalistas e a família enlutada buscam evitar olhar para o suicídio, acreditando que ao tentar silenciar o ato, este deixará de existir, ponto de vista com o qual a colaboradora não concorda.

D) O suicídio na atualidade: jogo da Baleia Azul

A sensação que eu tenho é que é só mais uma das ferramentas porque esse público adolescente está tão vulnerável, eles estão tão sozinhos e tão sem ferramentas para lidar com tantas coisas. A sensação que eu tenho é que qualquer coisa, é o Baleia azul agora, mas pode ser qualquer coisa que comece a disseminar que vire um vírus entre eles e vai conseguir cooptar esses adolescentes vulneráveis, sozinhos que vivem suas próprias angústias.

E eu acho que também por esses recentes casos e pelo assunto estar ali frequentemente por conta do [jogo] Baleia Azul.

Como eu não cubro polícia, cidades para mim nunca foi importante o suicídio de uma pessoa, mas sim o que ele pode gerar, aquele grupo etário que está envolvido, essa questão atual dos adolescentes do jogo da Baleia Azul.

Eu fiquei até assustada quando eu vi uma discussão que teve em Brasília recentemente que teve um cara falando que o jogo era um fake news, que era uma notícia falsa e que isso se espalhou. Aí eu pensei: 'será que a gente (jornalistas) fez isso? Será que a mídia fez isso? Será que eu participei disso? Isso [o jogo] não existia e a gente começou a divulgar?'

O jogo da Baleia Azul é mencionado diversas vezes por Marcela. Os fatores que contribuem para a participação dos jovens no jogo é o fato dos adolescentes estarem vulneráveis, com dificuldades para lidar com as angústias desse período da vida.

Relata que o tema está sendo amplamente discutido por conta de tal jogo, que tem levado jovens ao suicídio. Acredita que em breve o jogo não será mais lembrado, porém a “epidemia silenciosa vai continuar”. Este é um dos motivos pelos quais os jornalistas devem buscar ferramentas fora das redações, que possam contribuir para a prevenção, sem necessariamente focar no jogo ou nos adolescentes que se mataram. Marcela questiona o quanto a mídia pode tornar uma notícia falsa em um fato. Isto é, havia a possibilidade do jogo não existir, mas com a grande repercussão da notícia, passou a existir. Embora não trabalhe no caderno de cidades, a colaboradora considera que o jornalista não deva abordar o suicídio de uma pessoa e sim tratar do assunto de forma mais coletiva como, por exemplo, elaborando reportagens que envolvam um grupo etário como ocorre com o jogo.

E) Medo, dúvidas e questionamentos em relação ao contágio

Então, na realidade o que a gente sabe disso [sobre o contágio] é o que a literatura aponta. A gente percebe, de novo, essa questão da Baleia Azul que até se discutiu se era uma notícia falsa ou não e que está motivando o ato. Mas fica claro que tem esse contágio para grupos vulneráveis, você acaba dando a ideia, você colabora para isso. A gente sabe do ponto de vista muito teórico, de ver na literatura, de apontar que tem estudos que fazem essa associação, mas eu acho que ainda é uma coisa muito subjetiva para o jornalista. Eu acho que tínhamos que entender mais, ter mais informações desse contágio até para a sensibilização de como tratar. Se existe, é falar que existe, que a literatura aponta, em vários momentos dizer que teve um aumento x após a publicação de um suicídio. Eu acho que falta um consolidado disso, porque fica como aquele Efeito Werther.

Eu acho que citar um local, assim como a ponte de São Francisco, a Golden Gate, não sei. Eu tenho dúvidas se você individualiza o local onde as pessoas mais se matam, se você acaba de alguma forma dando a ideia. Enfim. Mas nesse caso, ninguém fala disso, mas todo mundo sabe que acontece. Eu realmente tenho dúvidas, se influenciaria ou não o contágio, o que acontece no metrô, por exemplo.

Fica muito subjetivo. As pessoas falam sobre o contágio, mas de que jeito esse contágio? Que tipo de informação que é divulgada que pode provocar? Para mim sempre ficou uma coisa muito subjetiva e tudo o que se fala é sobre o Efeito Werther, mas e pesquisas mais recentes? Tem evidência científica disso? Tem associação causa e efeito ou não? Então é superinteressante isso.

De novo, é um medo subjetivo, a ideia de que se falar de suicídio vamos influenciar outras pessoas a se matarem.

Essa questão do contágio, por exemplo. Quais são as evidências de que ele de fato existe? O que é possível prevenir? O que é possível fazer? Então eu acho que precisamos entender mais para não deixar que isso aconteça e que continue esses índices epidêmicos.

Mas até bem pouco tempo atrás nem isso [sobre o suicídio] se falava, pelo medo do contágio.

Casos individuais sim há malefícios. Eu particularmente não vejo relevância nenhuma publicar um caso. Eu acho que precisamos ficar de olho nessa incidência, de olho onde está notícia. Por exemplo, está tendo um aumento de suicídio entre adolescentes, então promover uma discussão, uma reportagem de novo, pensando naquele grupo, porque aquele grupo está se suicidando mais, o que está acontecendo, como é possível intervir, ações nas escolas, pais, grupos, enfim, o que é possível fazer. Entre os idosos, porque os idosos estão se matando mais? Não estão conseguindo encontrar motivação para viver? O que está acontecendo com esses idosos? Enfim, pensando no coletivo. Individualmente eu não vejo como notícia relevante que vá mudar alguma coisa.

Pelo contrário, quando você começa a dar esse enfoque no individual, você pode estimular outras pessoas a se matarem que já estão predispostas a cometerem o suicídio.

No seu ponto de vista, ainda que estudos indiquem uma possível associação entre suicídios na mídia e o contágio, de acordo com Marcela, é preciso compreender melhor e obter mais informações acerca do fenômeno. A colaboradora argumenta que ainda não se sabe o quanto uma reportagem influencia outros suicídios, parecendo contrariar a ideia de contágio tal como ela é apresentada na literatura.

O termo subjetivo aparece em sua fala diversas vezes ao se referir ao contágio, dando a entender que se trata de uma especulação, uma hipótese, sendo que cada jornalista tem seu ponto de vista sobre o assunto. O Efeito Werther é apontado na literatura como o principal caso em que se observou o fenômeno do contágio do suicídio. Marcela questiona-se sobre quais informações podem disparar suicídios, se há evidências científicas recentes que comprovem o contágio e quais medidas preventivas devem ser efetivadas. A partir de uma compreensão mais ampla acerca do assunto, ela pensa em estratégias de intervenção para ajudar na sensibilização de jornalistas sobre como tratar o tema na mídia.

A colaboradora questiona se, ao citar um local popularmente conhecido pelo número de suicídios em uma reportagem, desencadeará a repetição do ato. Embora as mortes nos espaços públicos não sejam mencionadas pelos meios de comunicação, as pessoas sabem que há locais com um número de suicídios elevado, como ocorre no metrô de São Paulo, então no seu ponto de vista, a mídia não é o único fator que leva ao contágio.

Segundo Marcela, reportagens que abordam o tema a partir de uma perspectiva individual podem estimular a ocorrência de suicídios ao sugerir ideias em pessoas

predispostas a cometerem o ato. Há, portanto, o receio de noticiar situações individuais, podendo ser esse um disparador para outros suicídios.

F) Suicídio: tabu no jornalismo

Acho [que o suicídio é tabu na sociedade em geral e no jornalismo]! Eu acho que agora está começando a melhorar, mas assim eu acho que ainda intriga muito. As pessoas pensam: 'ah ele parecia tão bem e como se matou?' Suicídio e morte de forma geral a gente fala muito pouco. Acho que mesmo no jornalismo a gente fala tanto de várias coisas, mas não discutimos o suicídio dentro do jornalismo.

E a gente não discute. [O suicídio] É um tema tabu. A partir do momento que acontece isso tinha que virar assunto nas escolas. Uma escola ou outra tratou do assunto, mas e nas redações?

A gente sabe que há uma incidência grande de pessoas deprimidas no jornal e ninguém nunca falou disso.

Mas a questão é que internamente você não fala sobre isso, você sabe que seu colega se matou, a menina do prédio se mata e ninguém fala, as coisas continuam iguais. Morreu e continua trabalhando ali no seu computador. É um problema social, problema de um ambiente doente. Devia tratar isso, devia abrir a discussão e ouvir as angústias, o que está acontecendo, o que é possível intervir, mas não se toca nesse assunto, nessa questão.

Existia tanto medo de falar de suicídio. É muito recente você consolidar essa ideia de suicídio ser um problema de saúde pública, que precisamos falar tomando os devidos cuidados.

Porque até então eu não lembro de ter divulgado o suicídio fora desse contexto, porque não se falava em suicídio. O metrô parava, parava porque um homem caiu no trilho, ninguém falava que um homem se suicidou, sempre tem essa coisa do caiu, caiu do prédio e fica aquela coisa dúbia. Caiu por acidente? Tropeçou e caiu? Vemos muitos casos de suicídios sendo noticiados dessa forma, mas acho que mudou sim. Antes não se falava e hoje se fala.

Nem dentro do jornal tem essa discussão [sobre o suicídio].

Sei que na imprensa de uma forma geral tem vários casos e a gente não discute isso dentro da nossa categoria.

Até bem pouco tempo atrás nem isso se falava tamanho era o tabu em torno do assunto e pelo medo do contágio.

Ao referir-se sobre o suicídio de jornalistas, Marcela afirma que o tema é tabu e pouco abordado ou discutido nas redações. Há um grande número de jornalistas que sofrem de depressão, no entanto, esse fato não é veiculado.

Marcela menciona o suicídio de uma mulher que se atirou do prédio da empresa onde trabalha. O corpo caiu próximo ao ponto de táxi e muitas pessoas assistiram à cena, porém

nenhum departamento da redação abordou essa questão com os jornalistas e não houve abertura para discussão ou diálogo. Portanto, o suicídio é tema tabu também entre jornalistas quando o fenômeno ocorre entre eles.

A colaboradora relata que há pouco tempo o suicídio não era abordado pelos jornalistas, assim como ocorre no metrô de São Paulo. Neste lugar, quando há uma parada, o que se diz é que houve uma queda ou interferência na pista, ocultando o fato de que uma pessoa havia se atirado. A colaboradora relata que a redação tinha receio de falar sobre o tema na mídia, mas atualmente observa uma abertura maior para discutir o assunto.

G) Possibilidades de prevenção e intervenção: trabalho entre o jornalismo e a academia

Eu acho que tem coisas mais recentes e imagino que a literatura tem coisas mais recentes para mostrar esse contágio e isso devia chegar mais para gente. Por isso eu acho que tem pesquisas ótimas sendo feitas na academia, mas não chega para gente. Eu já reclamei várias vezes sobre isso.

Por exemplo, existe uma instituição que tem vários grupos que analisam o jornalismo de saúde e fazem críticas, só que nunca chega para gente, acaba ficando tudo para a academia.

A academia tem que encontrar uma forma desse serviço que vocês estão fazendo para chegar até nós. Em forma de manual, em forma de uma palestra para as redações, eu acho que não dá para ficar no ambiente acadêmico.

Acho que a academia pode ajudar muito.

É uma forma da academia ajudar, formatar uma palestra e ir divulgando isso na redação de forma constante porque não adianta ser uma vez só.

Eu não conheço nada além da pesquisa na Unicamp no âmbito de prevenção, além do CVV. Pensando coletivamente, em termos e âmbito de prevenção, eu não conheço nenhuma outra experiência científica, além dessas duas.

Eu acho que poderia começar essa discussão na graduação [de jornalismo], aliás, a graduação tem um problema, porque nem se fala de saúde.

Eu acho que se você tiver oportunidade seria bacana perguntar para os jornalistas assim: O que falta para eles como ferramenta? Como a academia pode ajudar? É por meio de evidências na literatura de prevenção? Como a gente pode melhorar essa cobertura? Se vocês puderem trazer mais ferramentas que possam ajudar e consolidar isso, seja por meio de um texto, por meio de um manual, mas que isso chegue às redações e que isso sensibilize os editores, do treinamento para que seja uma educação permanente, contínua, porque não adianta uma vez só. Uma vez só faz um debate e acabou, ninguém fala mais. Isso tinha que fazer parte, um capítulo da formação do jornalista.

Então eu acho que tinha que ter um dia de conscientização do suicídio todo ano. Eu sei que tem isso no âmbito da sociedade. O CVV tem todo ano um debate e tal, mas fica muito

circunscrito aquele dia. Eu acho que tinha que, não sei se meus colegas iam concordar com isso, mas tinha que ser uma coisa permanente.

Eu acho que a minha maior preocupação hoje é em relação à prevenção. O que a gente pode fazer? Quais ferramentas que existem? O que a literatura mundial está mostrando de medidas efetivas que realmente consigam frear essa epidemia? O que é possível fazer?

Minha angústia maior é isso, porque esses casos isolados como o jogo da Baleia Azul, que as pessoas dizem que estão influenciando isso não vai parar de existir. Daqui a pouco ninguém fala mais sobre esse jogo, só que a epidemia silenciosa vai continuar e acho que cada vez temos que ir atrás de ferramentas que sejam mensuráveis e de como é possível de prevenir. Gostaria muito de saber sobre novas experiências, o que o mundo está fazendo em termos de prevenção e que realmente tem já evidências de que funcionou.

A gente tem que saber, tem que fazer parte disso, não adianta só os acadêmicos pegarem só o resultado final do jornal e não levar em conta as dificuldades que a gente teve como a questão do tempo de publicar aquela notícia. Fácil pegar uma matéria que está pronta e fazer um monte de críticas, dizendo que isso é superficial. Não amigo, vamos conhecer o contexto e fazer uma análise adequada, depois vamos discutir com os atores disso, porque você não é ator, você é acadêmico que está lá bonitinho, pegando o jornal pronto e analisando. Se quiser contribuir realmente para a melhoria para prevenir e tal, você tem que conhecer esse contexto e ter esse diálogo, se não fica só nesse mundinho acadêmico.

Eu acho que uma cartilha seria bacana e até porque esse manual da OMS ninguém lembra mais e é antigo, então eu penso numa proposta de a partir desse manual pensar coisa mais atual. Não sei se você encontrou algo sobre a mídia social. Deve ser pouco porque é muito recente. Mas de repente falar com alguém que estuda essas mídias sociais, o impacto e trazer para a gente. E falar com as pessoas como isso pode ser tratado. Acho que o foco daqui para frente é esse.

Para mim, o suicídio é multidisciplinar, multiprofissional digamos assim. Eu acho que tinha que todo mundo estar falando a mesma língua. A gente só vai melhorar a cobertura, evitar os excessos quando tiver essa ajuda qualificada do outro lado. Isso precisa ser disseminado, precisa fazer parte constantemente da capacitação. Eu acho que os programas de treinamento dos jornais deveriam ser subsidiados com informação qualificada, porque precisamos de ajuda sim. As pessoas reclamam, jogam pedras em nós, mas fornecer ferramenta que possa ajudar não tem mesmo.

Marcela propõe que haja um trabalho em conjunto entre o jornalismo e a academia no que diz respeito à prevenção ao suicídio. Aponta que há pesquisas científicas interessantes, no entanto, essas informações que poderiam contribuir para a conscientização pública do suicídio ficam restritas apenas aos pesquisadores, sem compartilhamento com os jornalistas. Relata a sua experiência com uma fundação que estuda o tema da saúde e do jornalismo, mas que não compartilhou os resultados de suas pesquisas. Marcela critica a academia e sugere que as pesquisas devem ser acessíveis e trazidas para a sociedade, pois acredita que a Universidade pode colaborar com questões vinculadas ao suicídio.

Considera que o trabalho acadêmico pode contribuir muito com o jornalismo e a prevenção ao suicídio. Propõe que essa ajuda possa ser realizada com palestras nas redações e elaboração de manuais, revelando a importância da parceria entre diversas áreas do conhecimento. Marcela reitera que a divulgação de conhecimentos por parte da academia seja realizada de maneira constante. Menciona uma pesquisa realizada na Unicamp sobre a prevenção ao suicídio que ficou restrita apenas à universidade. Manifesta sua indignação e pergunta se não seria possível ampliar a pesquisa e quais foram os impactos na prevenção do suicídio em vários locais.

A colaboradora demonstra interesse no tema ao afirmar que gostaria de obter mais informações de pesquisas internacionais no âmbito da prevenção e, em sua opinião, o primeiro passo é a conscientização e a disponibilização de informações. A discussão sobre suicídio deve ser iniciada na graduação, relata que o assunto não foi abordado durante sua formação acadêmica. Sugere que perguntemos aos jornalistas como os pesquisadores podem ajudá-los a aprimorarem a cobertura de suicídios.

Melhorar a cobertura das reportagens objetivando a prevenção não é uma tarefa que cabe apenas aos jornalistas, mas também a outros profissionais. Marcela refere que, em vez de oferecer ajuda e contribuições para melhorar a cobertura em questões de suicídio, as pessoas tendem a criticar o seu trabalho. Sugere que seja oferecido treinamento, capacitação e orientação para os profissionais de jornalismo sobre como tratar o suicídio na mídia.

Marcela contesta a atitude dos pesquisadores, que criticam o trabalho dos jornalistas e não levam em consideração as dificuldades ao redigir uma reportagem. Antes de fazer qualquer tipo de apreciação é importante que os pesquisadores conheçam o contexto no qual jornalistas estão inseridos para que se possa promover o debate e diálogo entre eles.

H) Trabalho do jornalista: pressão, imediatismo, carga horária exaustiva

É um ambiente estressante, as pessoas estão constantemente submetidas a pressões violentas de tempo, de espaço e de tudo.

Eu lembro de ter acompanhado pessoas que ainda trabalhavam ou tinham acabado de sair da redação aonde trabalho, haviam pelo menos sete casos de suicídios.

Tinha que ser um tema [a depressão] trabalhado e discutido. Identificar quem precisa de ajuda porque é absolutamente solitário esse processo. Eu vejo uma quantidade de gente deprimida no jornal que toma antidepressivos e cada um por si. Não tem nenhum apoio coletivo assim de saber o que está acontecendo. É muita pressão.

Eu acho que no jornalismo a gente tem um ambiente de muita pressão, de muito trabalho. É um lugar que se trabalha muito. Somos contratados para trabalhar sete horas, mas trabalhamos no mínimo dez horas todos os dias.

Eu vejo muito frequente você ficar muito envolvida com a profissão, se dedicando muitas horas e tal e esquecendo o resto.

São jornalistas que se envolvem tanto com aquilo e ao mesmo tempo o jornalismo está passando por uma crise sem precedentes, as redações enxugando ainda mais, o que aumenta a pressão porque você tem menos gente para fazer o trabalho e tem que fazer o seu trabalho mais a do outro que foi demitido.

No jornalismo impresso tem a pressão porque está acabando, ninguém mais pega o jornal para ler. As pessoas leem tudo pela internet, a profissão está se desmoronando.

O online ainda depende do impresso, então assim todos esses fatores são fatores estressantes que acabam ajudando, mas principalmente não ter tempo para fazer atividades físicas, não ter válvulas de escape.

As falas de Marcela demonstram o ambiente da redação como estressante, uma rotina marcada pela falta de tempo e pressão, em que os profissionais precisam redigir matérias com rapidez. Com a crise nas redações e as demissões em massa, jornalistas precisam produzir o dobro de reportagens para manterem-se na profissão e garantir seu espaço no jornal.

Segundo a colaboradora, jornalistas envolvem-se e comprometem-se com o trabalho de tal maneira que, muitas vezes, acabam não tendo muito tempo para cuidar da vida pessoal, o que pode causar ainda mais estresse, levando à depressão e aos suicídios.

Marcela iniciou o doutorado na Faculdade de Saúde Pública, mas decidiu não dar continuidade, pois queria dedicar mais tempo à sua vida pessoal. A colaboradora verbaliza o quanto é importante ter válvulas de escape e enfatizou que atualmente não abre mão de suas atividades pessoais por trabalho, uma forma de lidar com a pressão no jornalismo e na redação.

Diálogos com a fala da colaboradora

Marcela foi a última colaboradora a participar do nosso estudo, trazendo reflexões importantes sobre o suicídio, caracterizando-o como uma questão coletiva e não como um problema individual.

A colaboradora relata como o suicídio deve ser noticiado e reitera que o jornalista deve elaborar uma reportagem para que os leitores possam refletir sobre o tema e pensar em estratégias de prevenção. Aponta que o jornalista não deve apenas noticiar o suicídio,

cumprindo sua função de entregar a informação, mas precisa colaborar com a prevenção do suicídio.

Apesar de ter observado suicídios de jornalistas, ainda prevalece a crença de que cada pessoa deve procurar ajuda individual e cuidar de seu sofrimento em psicoterapia, sem envolver seus colegas de trabalho. A perspectiva que se levanta é a concepção do suicídio visto como evento íntimo, resultado de motivações pessoais, questão que é contestada pela colaboradora. Marcela discorda da compreensão do suicídio como problema individual e considera que jornalistas não devem olhar para o suicídio como um assunto somente da família enlutada, por isso as reportagens devem focar também no âmbito coletivo e social.

Como podemos ver, Marcela foi a colaboradora que apresentou uma perspectiva sobre o suicídio que se aproxima da nossa, demonstrando interesse e conhecimento sobre como abordar o suicídio objetivando sua prevenção. Ainda que não tenha certeza sobre a possibilidade de contágio, Marcela questiona diversas vezes essa ideia. Dentre os jornalistas que entrevistamos, a colaboradora mostrou ter conhecimento sobre o manual da Organização Mundial da Saúde direcionado aos profissionais da mídia sobre o suicídio e sobre o trabalho do CVV.

Marcela menciona questões atuais sobre o suicídio como o jogo da Baleia Azul, que ganhou repercussão no Brasil no ano de 2017. Os primeiros indícios do surgimento do jogo ocorreram na Rússia após o suicídio de adolescentes e de jovens que estavam participando de comunidades virtuais. O jogo estabelece cinquenta desafios e o último passo era tirar a própria vida. Entre as provas propostas, a pessoa deve automutilar-se, usando um objeto cortante para desenhar uma baleia no antebraço e enviar as fotos ao curador para comprovar a realização das etapas. O curador envia os desafios ao participante e ele é quem marcará a data e o modo com o qual o participante matar-se-á.

Marcela está atualizada quanto à questão do suicídio ao mencionar o jogo diversas vezes no seu relato. Seus esforços concentram-se em abordar esse assunto, mostrando como o jogo é reflexo de um problema que envolve toda a sociedade. Não é jogo que está matando os adolescentes, mas é apenas um meio pelo qual a questão do suicídio é manifestada.

Ao verbalizar a importância de se fazer uma revisão do manual da OMS sobre a publicação do suicídio na mídia, Marcela demonstra a necessidade de que esses documentos sejam elaborados em parceria com jornalistas. Cumpre salientar que o manual citado foi elaborado por profissionais da área médica, sendo assim a proposta da colaboradora é pertinente, pois advoga a necessidade de dispor de recursos e de materiais mais atuais e com atuação multiprofissional. É também uma forma de envolver os jornalistas na questão.

Em resumo, a colaboradora verbalizou que falar sobre o tema pode levar ao contágio ao publicar o suicídio como um evento individual, isolado, mencionando os detalhes sobre o ato suicida e sobre o local em que foi consumado, que a passa a ser conhecido como local de suicídios. Cabe ao jornalista evitar esse tipo de reportagem, já que não promove a conscientização pública sobre o tema. Marcela alerta sobre a necessidade de realizar um trabalho com profissionais de diversas áreas para colaborar com a melhor atuação de jornalistas no que concerne à publicação sobre suicídios.

8 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Buscamos investigar como os jornalistas abordam a questão do suicídio nos jornais e suas percepções em relação a esse fenômeno e o contágio. Nesse capítulo, explicitaremos os temas centrais desvelados, que emergiram a partir das entrevistas com profissionais que se dispuseram a colaborar nesse projeto e procuramos estabelecer um diálogo com autores com o intuito de ampliar reflexões. Apresentamos, a seguir, as categorias gerais que surgiram a partir da reunião e da organização dos temas que se repetiram nos relatos dos jornalistas entrevistados.

8.1 Dos medos e das incertezas diante do contágio aos questionamentos sobre o papel da mídia nos suicídios

Embora seja uma verdade eu nunca li uma comprovação, que diz que um suicídio no jornal tenha impactos nas pessoas, embora seja razoável esta medida de não publicar. Acho que é uma hipótese, mas você tem alguma comprovação sobre isso, Esther? (Depoimento do jornalista Fábio).

O relato de Fábio traz a compreensão de que jornalistas alicerçam suas opiniões sobre o contágio com base nas teorias ou nos discursos que ouviram falar, porém esses profissionais não estão convictos sobre a veracidade do contágio em relação ao suicídio. As opiniões dos colaboradores divergem quanto à escolha do ato suicida, do método e do local baseadas nas notícias sobre suicídio.

Observamos em nosso estudo, assim como na pesquisa de Dapieve (2006), que o receio do contágio do suicídio é um dos motivos pelos quais se deixou de noticiar o tema, vindo ao encontro da publicação do livro *Os sofrimentos do jovem Werther*, que na época de sua escrita causou impacto entre jovens que se mataram, imitando o personagem. Para Dapieve (2006), não existem dados concretos que comprovem o *Efeito Werther*, sendo esse o mesmo ponto levantado pelos entrevistados Gilberto e Marcela ao questionarem a possível relação entre a obra de Goethe e a ocorrência de suicídios.

As incertezas e as dúvidas, no que concerne ao papel da mídia na questão do suicídio, apareceram nos relatos de todos os colaboradores, que se referiram ao contágio como hipótese não comprovada, mas mesmo sem comprovação do contágio persiste a incerteza e a dúvida nos jornalistas sobre noticiar ou não suicídios. Na investigação de Waiselfisz (2014) e na nossa, encontramos como ponto em comum que o tema é pouco abordado por diversas razões, dentre as quais, o medo frente às incertezas sobre o contágio leva à supressão de pautas de

suicídio na mídia, pois esses profissionais evitam desafiar a crença de que possa haver a possibilidade de contágio. Sintetizando essa ideia, Dapieve (2006) afirma que a própria imprensa foi contagiada pela ideia de contágio.

Ocorre amplo debate sobre o contágio do suicídio e não há consenso entre os profissionais sobre o efeito da mídia no comportamento suicida. Nas pesquisas de Dapieve (2006), de Jamison (2010) e na nossa, há unanimidade entre os jornalistas de que reportagens sobre suicídios têm influência positiva ou negativa dependendo da abordagem e dos temas incluídos.

Conforme ressaltamos no capítulo 4, a mídia é um ator de múltiplas faces cuja expressão varia conforme a abordagem que esse meio de comunicação oferece ao tema (Camargo, 2008). A cobertura noticiosa pode apontar para uma possível popularização de espaços públicos, de métodos e induzir ideias suicidas, estimulando o efeito do contágio, como também pode auxiliar na conscientização pública do suicídio e na sua prevenção (Fontenelle, 2008).

Essas reflexões foram reafirmadas pelos nossos colaboradores, que verbalizaram a importância de tratar o tema com cuidados devidos, buscando conscientizar, informar e instruir a população. Apontaram que informações fragmentadas, reportagens não reflexivas, abordando o suicídio de forma genérica e impessoal, bem como casos isolados e específicos, sem explicações ou contextualização não estimulam discussões, podendo então desencadear o efeito do contágio do suicídio.

Decorre da própria natureza da comunicação em massa a transmissão de informações genéricas que circulam rapidamente, atingindo um grande número de pessoas. Eco (1970) refere que a homogeneização das mensagens da mídia é marcada pela presença de símbolos universais, que tendem a reduzir o caráter das experiências individuais, levando o leitor a uma visão passiva e acrítica do mundo.

Segundo os colaboradores Gilberto e Fábio, pessoas em sofrimento psíquico podem ser contagiadas pela ideia de suicídio quando o ato é exposto na mídia como solução para os problemas, estreitando a possibilidade de enxergar alternativas. A pessoa pode perceber a morte como a única forma possível de lidar com as dificuldades existenciais, apresentando uma visão de túnel, como refere Shneidman (1993). Nessa perspectiva, a comunicação em massa pode reforçar a possibilidade de identificação com o suicídio de outra pessoa. A individualidade e a singularidade de cada pessoa ficam reduzidas à medida que a experiência do outro é tomada para si por meio dos conteúdos publicados nas notícias.

Gilberto e Fábio ressaltaram que a abordagem sensacionalista, presente num certo tipo de jornalismo, utiliza esse recurso para captar a atenção do leitor e despertar curiosidade, fascínio e atração do público em relação à morte e o suicídio. A expressão popular “espreme que sai sangue”, verbalizada pelos colaboradores nomeia o livro de Angrimani (1995). Segundo o autor (1995), a morte comum é diferente da morte relatada nos jornais que impressiona e que é consumida dessa forma pelo leitor. A partir dessa perspectiva, a mídia pode oferecer um espetáculo de grande proporção e fascinação em relação à morte (Kovács, 2005).

Pozobon (2009) investiga o papel da mídia no processo de formação da opinião pública, alterando a cultura e a rotina de jornalistas. A morte sempre fascinou a sociedade e nos últimos anos, a mídia e o jornalismo possibilitaram a ampliação e a promoção do espetáculo, tornando as notícias mais atraentes. Em uma perspectiva complementar, Marcondes Filho (1986) aponta que vivemos numa sociedade em que a informação circula como mercadoria nos jornais, transformando a notícia em *show*. Segundo o autor, “o jornal, então, cria, a partir da matéria-prima *informação*, a mercadoria *notícia*, expondo-a à venda (por meio da manchete) de forma atraente” (Op. cit., 1986, p. 25).

Essas questões aparecem nos relatos dos colaboradores ao verbalizarem a busca por altos índices de audiência, visando à obtenção de lucro como fator importante no jornalismo, observando-se o viés mercadológico em relação às notícias em geral, especificamente em relação à morte, como aponta Endo (2005). A cobertura de saúde também é transformada em espetáculo na qual a notícia é vendida como mercadoria (Kucinski, 2002). Dessa forma, a captura de audiência traz uma impressão de que o jornal é um prolongamento do espetáculo em que um grande fluxo de imagens funde-se às informações e são consumidas pelos leitores, como afirma Bucci (2000).

Como apresentamos no capítulo 3, na sociedade do espetáculo em que as relações sociais são mediadas por imagens, os meios de comunicação estão subordinados a essa lógica e agem em função da produção e do consumo de imagens (Harvey, 1989/2014; Debord, 1997). Tecendo considerações a partir das falas de Fábio e Gilberto, os casos de suicídios publicados na mídia estão relacionados a esse consumo e o contágio, em particular, está relacionado à maneira como o suicídio é exposto, sendo a construção do espetáculo da mídia em torno do tema e a transformação do fato num evento fascinante e atrativo um dos fatores presentes na imitação do suicídio.

No tema do suicídio por contágio, duas ideias centrais foram expostas pelos colaboradores. De um lado, os colaboradores contestaram o risco da repetição, de outro,

verbalizaram a possível influência midiática no ato suicida. Esse é o ponto central da discussão sobre o contágio: os jornalistas não sabem se o efeito Werther é real. Resultado semelhante às pesquisas de Schmidtke e Hafner (1988); Stack, (2003); Colt (1991); Insel e Gould (2008); Gould e Lake (2013), que apontam a mídia como fator de risco importante para o suicídio. Todavia, cabe ressaltar que os estudos não fornecem dados consistentes para indicar a ligação de causa e efeito entre a cobertura midiática e a ocorrência de suicídios.

Dessa maneira, a explicação teórica sobre a existência de um possível efeito do contágio não está bem fundamentada e a ideia de que a exposição do suicídio incita à imitação, especialmente quando é apresentado de forma espetacular, ainda gera controvérsias e dúvidas entre pesquisadores e jornalistas, como mostra esse estudo. Além de não haver consenso em relação ao contágio, observamos que há também pouco conhecimento sobre o manual publicado pela Organização Mundial da Saúde (2000), que inclui orientações sobre como o suicídio deve ser noticiado nos meios de comunicação. Cabe ressaltar que, o manual deve ser utilizado como base para nortear a conduta dos profissionais e para estimular discussões nas empresas jornalísticas, sem encerrar o debate sobre o tema.

De maneira geral, os colaboradores questionaram a ideia de que a mídia tem o papel de vilã. Apontaram que existem outros fatores que levam efetivamente uma pessoa a tirar a própria vida visto que, segundo Cassorla (1991), o ato suicida não decorre de uma causa única, já que o fenômeno do suicídio é complexo. No estudo de Durkheim (1897/2013) e nos relatos dos jornalistas, há consenso quanto à compreensão do contágio, pois a pessoa não se decide pela morte voluntária em função de reportagens de jornais, a menos que o indivíduo esteja cogitando a ideia de suicídio. Essa percepção evidencia a presença da intencionalidade e a possível letalidade no plano suicida, que são fatores importantes apontados por Shneidman (1993, 1985), que devem ser levados em consideração, além da possível influência midiática.

Mueller (2017) destaca a importância de não atribuir aos meios de comunicação a responsabilidade pela ocorrência de suicídios, afirmando que existem outros fatores, que contribuem para a culminação do ato. O resultado desse estudo assemelha-se ao discurso dos colaboradores, que ao referirem-se ao contágio, utilizaram as seguintes palavras: sugestão, influência e indução. De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa Houaiss, os termos significam: proposta, conselho, ideia, estímulo, inspirar, provocar, incitar, convencer; processo de influência verbal que se efetua por meio da comunicação, no qual pessoas mudam de atitude (Houaiss & Villar, 2009). Significados que evidenciam que a mídia pode influenciar, sugerir ou até mesmo induzir, porém não é a causa de suicídios.

Falar sobre suicídio na mídia faz que outras pessoas cometam tal ato? Fábio e Marcela apresentaram suas percepções quanto ao contágio e verbalizaram que a ausência de reportagens sobre o tema na mídia não evita a ocorrência de suicídios em determinados locais. Dapieve (2006, p. 161) questiona: “Se noticiar suicídios os multiplica, calar sobre eles é uma forma de reduzi-los. Será?”. Na perspectiva do autor e dos colaboradores, o silêncio não colabora para a conscientização pública, de modo que a imprensa não é causa do contágio, mas é um meio de comunicação que, muitas vezes, perpetua o tabu do suicídio ao não falar sobre o tema. Mesmo sem notícias sobre suicídios, os seus índices têm crescido exponencialmente como apontam os dados epidemiológicos atuais. O suicídio é um fenômeno global e estima-se que cerca de 800.000 pessoas tiraram a própria vida em 2012 (WHO, 2014). De acordo com o Mapa da violência de 2014, houve um aumento de suicídios entre 1980 e 2012, representando um aumento de 62%, atingindo principalmente jovens e adolescentes (Waiselfisz, 2014).

Marcos referiu que as reportagens sobre o suicídio não necessariamente determinam o desejo de morte, bem como o local para consumir o ato. O colaborador acredita que as motivações são previamente definidas pela pessoa, ao mesmo tempo, aponta que o local escolhido pela pessoa para consumir seu suicídio pode ser influenciado pela mídia, à medida que certos locais são divulgados favorecem o espetáculo do ato suicida. Nessa perspectiva, a mídia não é a causa do suicídio, mas também pode oferecer formas para quem esteja contemplando a ideia de tirar a própria vida.

Retomamos as ideias de Marquetti (2011), que oferece reflexões pertinentes como, o suicídio de uma pessoa é articulado por meio de seus objetos de cena, seus lugares, a composição de cenários e eleição dos espectadores. Para a autora “o suicida tem sua lógica de espaço próprio, ele se apropria do espaço urbano de forma particular, escolhe o lugar do seu suicídio conforme sua própria história e assim o lugar contém a identidade/aparência do indivíduo” (p. 79).

Entrelaçando a teoria e os discursos dos colaboradores, é possível considerar que ao divulgar informações sobre locais e métodos para o suicídio, a mídia pode auxiliar na disseminação de ideias das quais a pessoa poderia já ter cogitado anteriormente, que passam a ser reforçadas, sendo transformadas em gatilho ou fator precipitante. Nesse viés, a pessoa determinou previamente os elementos de sua cena suicida, que, segundo Marquetti (2011, 2014), tem relação com a significação histórico, sociocultural e a simbolização pessoal. Importante ressaltar que existem suicídios impulsivos, sem preparo, no entanto, na maioria

dos casos de suicídios a elaboração do ato é, de antemão, planejada pela pessoa que se mata (Cassorla, 2017).

Ricardo expôs sua experiência pessoal quanto ao contágio, ao relatar suicídios das pacientes atendidas pela sua mãe que é psiquiatra, bem como os casos que ocorreram no cruzeiro no alto de uma montanha na sua cidade natal. Segundo o colaborador, nas situações narradas ocorreram vários suicídios, o que levou Ricardo a considerar que houve uma “epidemia de suicídios”, porém esses casos não foram noticiados pela mídia, o que poderia indicar que o contágio não é diretamente relacionado às informações publicadas nos jornais.

Ricardo e Gilberto apontaram fatores socioculturais e urbanos como elementos importantes e constitutivos na elaboração do ato suicida, assim como ocorre com os suicídios infantis na Alemanha, os casos no Japão e no cruzeiro. Ainda para Gilberto, a impessoalidade presente na vida urbana e na cultura da metrópole pode levar ao suicídio: “Eu acho que em São Paulo isso é menos claro, porque a cidade é muito grande, as coisas são muito dispersas e isso pode até facilitar o suicídio, porque você está em um lugar onde a situação e as relações são mais impessoais. A própria cidade impessoaliza muito”.

Encontramos um ponto comum entre o relato dos colaboradores e as concepções da antropologia urbana como apresentamos na fundamentação teórica sobre o suicídio. As transformações ocorridas na vida urbana refletem o estilo de vida de seus habitantes cuja consequência é a construção de laços fracos, o individualismo e a predominância da intelectualidade para preservar a vida subjetiva contra o poder avassalador da vida urbana. Esse estilo de vida na metrópole pode levar à construção de vínculos impessoais e o abandono da sociabilidade (Simmel, 1976; Park, 1976; Wirth, 1976). O modo de vida urbano influencia a constituição da subjetividade dos indivíduos, consequentemente, o suicídio. Deste ponto de vista, Daolio e Silva (2009) apontam que os motivos que levam uma pessoa a cometer suicídio apresentam inúmeras facetas e não se pode deixar de considerar a presença de questões socioculturais, isto é, a influência que a sociedade exerce sobre as pessoas que podem levá-las a apresentarem condutas autolesivas.

Assim, emergiu de maneira significativa nos relatos, a compreensão de que a mídia não é a causa do contágio do suicídio. Os colaboradores não descartaram a possibilidade de ser um dos muitos fatores que podem contribuir para a culminação do ato. Apesar de assinalarem que o contágio não ocorre apenas pelas notícias, apontaram a forte influência do tema, que os leva a não noticiarem o suicídio. Segundo Dapieve (2007), o contágio é ao mesmo tempo uma preocupação e também serve como justificativa para o tratamento (ou silêncio) que a mídia oferece ao tema. Questionamos: por que ainda pouco é dito sobre o

suicídio na mídia? O contágio seria um argumento usado por jornalistas como defesa para evitar entrar em contato com um tema tão complexo, impactante e estigmatizado como o suicídio?

8.2 As percepções e as posturas dos jornalistas quanto à publicação de suicídios na mídia

Todos os colaboradores buscaram expor suas percepções em relação à publicação de suicídio, analisando diversos critérios sobre como e quando abordá-lo.

A primeira perspectiva que merece atenção é a concepção do suicídio como evento de esfera privada, pertencente ao domínio íntimo e que só deve ser divulgado quando apresentar interesse público. Quanto a esta questão estabelecemos duas hipóteses. A primeira, o suicídio, como resultado de uma escolha individual, expressa a ideia de que o ato não tem influência de fatores socioculturais, portanto, a existência de um possível contágio é contestada por esses profissionais. Já a segunda, a compreensão do suicídio como problema que diz respeito apenas à pessoa que se mata, muitas vezes, faz que os jornalistas justifiquem a não publicação.

Diversas concepções teóricas tendem a aproximar o suicídio a um evento de foro íntimo (Marquetti, 2011) e conforme assinalado pela maioria dos colaboradores desse estudo, o suicídio pertence à vida privada das pessoas. Embora os argumentos estejam estruturados nesse entendimento, ainda que a questão tratada refira-se à escolha da pessoa pelo término da vida, o suicídio envolve os aspectos individuais, sociais e culturais, como apontam Fukumitsu (2013) e os colaboradores Gilberto e Marcela.

Ainda no que diz respeito a como os jornalistas tratam o tema, Ricardo apontou a importância de omitir a palavra suicídio na reportagem, pois o termo tem conotações negativas. Côrte, Khoury e Mussi (2014) afirmam que suicídio carrega através do tempo o estigma de promover o contágio, como uma maldição na sociedade e, consequentemente, na mídia. Segundo a colaboradora Marcela e Dapieve (2006), a não publicação do tema revela o tabu causado pelo mal-estar da sociedade frente ao suicídio que se reflete nas condutas jornalísticas. Portanto, o suicídio dificilmente é noticiado em jornais, sem abertura para falar sobre a temática em diversas instâncias, configurando o tabu, que envolve toda a sociedade.

Outra questão a ser considerada é a aparente falta de interesse em relação ao suicídio, que apareceu recorrentemente nos discursos dos colaboradores. Esse é um ponto importante a ser abordado nessa pesquisa, pois essa ideia trazida pela maioria dos jornalistas desse estudo contrasta com a concepção de que o suicídio desperta a curiosidade e o interesse dos leitores.

Com o surgimento do jogo da Baleia Azul e a série Os 13 Porquês, ficou evidente que o suicídio mobiliza as pessoas e diz respeito a um problema que é de interesse público, atingindo a população.

Em nossa pesquisa, a maioria dos jornalistas manifestou a compreensão de que o suicídio não tem valor-notícia, exceto nos casos de celebridades. Os colaboradores Marcos, Ricardo e Fábio relataram que a vida e morte de celebridades é um assunto de interesse público e atende aos critérios: impacto, audiência e notoriedade. Segundo Coleman (1987), a exposição do suicídio adquire maior influência quando se trata de celebridades e de figuras públicas. Nesses casos, há detalhamento do ato, da cena suicida e as imagens são exibidas, sob o pretexto de que os jornalistas não podem simplificar o ato e precisam fornecer explicações minuciosas, como assinala Marcos.

Nas falas dos colaboradores encontramos uma aparente contradição: se os suicídios de celebridades podem levar ao contágio e tendem a impactar os leitores, por que justamente esses casos são expostos? A questão que aparece nos depoimentos é a contestação dos leitores quanto à falta de reportagens quando uma celebridade morre por suicídio, por isso, os colaboradores referem que os jornalistas em geral publicam suicídio de famosos, utilizando como justificativa o direito à informação e o interesse público, preconizados no Código de Ética de Jornalistas (Fenaj, 2007). Esses mesmos colaboradores afirmam que precisam perseguir a audiência e o número de cliques para o jornal, sendo assim, questionamos: qual é o fator mais importante quanto à publicação ou não de suicídios? Seria o risco do contágio ou o fator econômico que aumenta os rendimentos do jornal?

A privacidade das celebridades é construída em público, assim o leitor acredita que tem o direito de saber fatos da vida íntima delas (Bucci, 2000). O interesse público é frequentemente evocado e utilizado por jornalistas para sustentar ações, legitimar práticas e transgredir normas. Diante desse argumento, alguns jornalistas trazem dados da vida particular, revelam identidades protegidas, publicam informações de pessoas mortas, expõem vítimas de crimes ou desastres (Christofolletti & Triches, 2014).

Os suicídios na mídia corroboram para o que Sibilia (2008) aponta como intimidade como espetáculo. Essa visibilidade, a que se refere à autora, é impulsionada pelos meios de comunicação, trazendo a público a intimidade de cada pessoa que antes era de domínio privado. Segundo Sennett (1976/1998), a supervalorização da intimidade e da privacidade na sociedade urbana têm como consequência ou reclusão do sujeito ao domínio privado ou a cultura do espetáculo, em que se observa que o ser humano atua como ator e principalmente como espectador. Com o advento da *internet* e seus recursos, os limites entre público-privado

foram reconfigurados: o suicídio como fenômeno de esfera privada é trazido para o âmbito público por meio da mídia, que expõe o ato, despertando a curiosidade dos leitores que consomem o espetáculo suicida.

Santiago (2013), Steganha (2010) e nossos colaboradores apontaram que a mídia transforma a vida das celebridades em notícias para satisfazer a curiosidade do público e assim obter audiência, principalmente quando uma pessoa famosa morre ou mata-se. Os conteúdos dos jornais são divididos em editoriais e organizados em cadernos, que contém os mais diversos assuntos, dentre esses, uma seção que expõe a vida de famosos. Essas informações são utilizadas pelas empresas de comunicação para aumentar a audiência, já que existe um público que procura esse tipo de notícia.

Em uma perspectiva complementar, Sibilia (2010) assinala que atualmente a intimidade pessoal atinge a esfera pública, uma vez que os dados da vida particular das celebridades são expostos, atendendo o desejo de consumo do leitor. O que ocorre é o desejo do ser humano de espionar e consumir dados sobre vidas alheias:

Por todos esses motivos, os muros que costumavam proteger a privacidade individual estão se esburacando. Sua capacidade de ocultar a intimidade aos intrometidos olhos alheios já não parece tão valiosa. Agora essas paredes se deixam infiltrar por olhares tecnicamente mediados — ou mediados — que flexibilizam e alargam os limites do que se pode dizer e mostrar (Sibilia, 2010, p. 54).

Diante do exposto, surge a questão: publicar suicídios de celebridades na mídia, expondo detalhes do ato, contribui para a coletividade e cumprem a responsabilidade social importante do jornalismo? Bucci (2000) ressalta a importância de diferenciar o que é de interesse público e o que é “curiosidade perversa” do leitor, como também apontaram os colaboradores Ricardo, Gilberto e Fábio.

Marcos aponta que suicídios de pessoas não famosas são publicados quando chamam a atenção por ocorrerem em locais públicos inusitados ou quando a situação retratada é incomum, como o caso relatado por Marcos sobre o pai que se atirou com o filho pequeno de um prédio público de São Paulo. A questão que é reiterada nessas falas é a mercantilização de suicídios e mortes, que concentram altos índices de audiência. Na morte escancarada os meios de comunicação lucram com as notícias violentas, pois há um elemento fascinante na morte (Kovács, 2005). Entretanto, a divulgação das notícias não se faz sozinha, existe um leitor que consome essas imagens.

Tendo em vista a complexidade do tema, cabe salientar a diferença entre interesse público/social e o interesse pessoal, esse último diz respeito a uma curiosidade sobre uma questão privada que o leitor deseja conhecer. O interesse público/social está atrelado a um

jornalismo que não apenas informa, mas está voltado à cidadania e ao desenvolvimento social (Moreira, 2006). O jornalismo deve primar por exercer o interesse público em vez do interesse do público, como aponta a colaboradora Marcela. As fronteiras e os limites entre o público e privado são tênues e o jornalismo ético exige apreensão consciente do conteúdo que será disponibilizado ao leitor.

Nos relatos dos colaboradores duas posturas foram evidenciadas: a publicação de suicídios de maneira inadequada, contrariando as recomendações de órgãos de saúde pública e/ou a falta de reportagens. Interessante notar que todos os colaboradores relataram a importância de publicar notícias sobre suicídio, buscando alertar, informar e instruir a população.

Marcela apresentou conhecimentos sobre como noticiar o suicídio visando sua prevenção, demonstrando cuidado e interesse em aprofundar-se na temática. Segundo a jornalista, a mídia deve publicar sobre o suicídio, sensibilizando a comunidade, despertando consciência pública e os jornalistas não deveriam reduzir o suicídio a um evento íntimo, individual e distante da sociedade. Trata-se de um problema que afeta toda a sociedade e pode ser prevenido, portanto, o tema tem valor-notícia quando o jornalista destaca seu aspecto coletivo e social.

A colaboradora mencionou o aumento de suicídios de adolescentes que se sentem vulneráveis, solitários e têm dificuldades para lidar com as angústias desse período da vida. Segundo Marcela, é preciso entender o que têm levado os adolescentes a participarem do jogo da Baleia Azul cujo desafio final é a própria morte. Para ela, não se trata de um problema individual, uma vez que as elevadas taxas de suicídios denunciam uma crise coletiva, que denota a participação de toda a sociedade. Kovács (1992) pontua que “o suicídio é uma trágica denúncia do indivíduo de uma crise coletiva. Quando ele se mata fracassa uma proposta coletiva daquela sociedade” (p.179). Em nosso entendimento, o suicídio visto como um fenômeno íntimo reforça o sentimento de solidão e de vulnerabilidade nos adolescentes, uma vez que dificulta o pedido de ajuda e abertura para falar.

A jornalista escreveu uma reportagem sobre suicídios de estudantes de um curso de uma universidade, abordando as pressões sofridas no ambiente escolar e que tem gerado adoecimento. O artigo denuncia as grades horárias extenuantes, mostrando que é um curso competitivo no qual os alunos são constantemente pressionados pela busca do êxito acadêmico cuja consequência é a exclusão social, depressão, ansiedade, tentativas de suicídios, desgaste físico e esgotamento emocional. A colaboradora aponta que a saúde mental dos estudantes também é prejudicada por políticas institucionais da universidade.

Propõe que intervenções para essas situações devem ser de ordem coletiva, sendo responsabilidade dos alunos e da universidade garantir uma formação de qualidade. Segundo Marcela, não são as particularidades de cada história que devem ser noticiadas e sim o aspecto coletivo do suicídio. Para ela, o ato suicida gera impactos na sociedade e traz à tona um problema que, muitas vezes, é escamoteado e colocado no âmbito particular.

Levando em consideração a relevância do tema, por que jornalistas têm dificuldade de estabelecer diálogo sobre o assunto? Emergiram dos depoimentos dos colaboradores as seguintes falas: “Você acha que o suicídio é um problema de saúde pública?”; “Eu não sei até que ponto no Brasil as taxas estão aumentando ou não”. Os relatos dos colaboradores desse estudo apontaram a ausência de debates de temas tabus como o suicídio durante a graduação. Fato confirmado pelo colaborador Gilberto, docente do curso de jornalismo, que afirmou a falta de estudo e conhecimento por parte dos próprios professores, o que dificulta a ampliação de debates sobre o tema nas universidades.

Para Meditsch (2004), o profissional deve ser formado para atuar em condições concretas e os espaços para sua prática seriam gerados pela consciência crítica, acompanhada de competência técnica. Ao assumir a formação de jornalistas, a própria universidade assume também a corresponsabilidade pela qualidade do jornalismo. Como preconiza Bucci (2000), as mudanças devem ser introduzidas na formação dos jornalistas, tanto nas faculdades quanto nas redações:

O que é que pode ser feito, afinal para melhorar a imprensa? Do ponto de vista ético, a resposta a essa pergunta passa por uma palavra: educação ... é preciso formar os jornalistas, é preciso envolver o público no debate, e é preciso investir na construção de uma mentalidade social que prestigie e cobre excelência da imprensa (Bucci, 2000, p. 203-204).

Não há no currículo de nenhuma das mais de sessenta escolas de comunicação e jornalismo no país, uma disciplina dedicada à saúde pública que aborde o papel da informação e da mídia nas campanhas e ações educativas de saúde (Kucinski, 2000). Fizemos um levantamento de duas principais faculdades de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo de São Paulo, no período de 2015-2017. A temática do suicídio não está presente nos conteúdos programáticos e nas ementas das disciplinas dos cursos consultados. Esses dados foram confirmados pelos entrevistados ao destacarem que durante a graduação não tiveram preparo para abordar o suicídio na mídia.

Outra questão que emergiu nos depoimentos quanto aos temas que ganham destaque nos jornais estão: crimes, latrocínios, acidentes e homicídio seguido de suicídio, pois esses eventos exigem investigações das autoridades e trazem informações relevantes sobre as

condições de vida na cidade. O suicídio como fato isolado não deve ser publicado por tratar-se de evento particular, por não dizer respeito à sociedade e não levar o leitor a participar de discussões importantes sobre a metrópole. Essa perspectiva merece destaque, pois em nosso ponto de vista, o jornalista não deve evitar a publicação de casos individuais e sim refletir como esse evento pode ser noticiado de forma a trazer a consciência social, apontando para um problema de saúde pública que afeta toda a comunidade.

Assim, permanece a questão: como um acontecimento considerado como pertencente ao domínio privado pode afetar a metrópole? Para Marquetti (2011), os suicídios que ocorrem em vias públicas estabelecem diálogo com a questão da morte e da cidade, revelando a interação simbólica entre os sujeitos e o seu meio. Nesse sentido, o ato suicida remodela, ressignifica o espaço urbano e, principalmente, influencia a cultura da morte na metrópole. Para a autora (2011), suicídios são mensagens direcionadas e transmitidas aos espectadores por meio das cenas suicidas, comunicando uma ação, configurando uma transgressão social.

O suicídio é uma morte trágica e violenta, sendo que o impacto psicológico e social que o ato causa em uma família, amigos e na sociedade é muito grande (Daolio & Silva, 2009; Daolio, 2010). Segundo Kovács (2015), o suicídio deixa fragmentos em quem comete o ato, atingindo também os sobreviventes enlutados. O ato suicida nunca é um evento solitário, impactando pelos menos outras seis pessoas. Marcela afirma que o suicídio é um problema, que revela a condição de uma sociedade adoecida. A mídia, por sua vez, não produz suicídios, mas reforça, espelha seu tabu. Segundo essa compreensão, não há suicídios individuais, pois o ato nunca é absolutamente privado, uma vez que afeta diversas pessoas próximas e também o entorno, a família, a comunidade e numa perspectiva mais ampla, a metrópole.

Segundo essa lógica, o suicídio “isolado” adquire relevância jornalística, uma vez que aponta para a relação indivíduo-suicídio-sociedade, indicando um problema citadino que afeta toda a comunidade e denuncia o desequilíbrio nas relações sociais. A colaboradora Marcela comenta que quando vários casos isolados começam a surgir fica evidente de que se trata de uma questão social. Para ela, o aumento de suicídios sugere que o ato deixou de ser um evento esporádico para adquirir contornos de problema de saúde pública, principalmente entre jovens e adolescentes.

No relato do docente Gilberto e do colaborador Marcos, podemos observar as posturas de profissionais em relação a suicídios e as mortes, que buscam estabelecer certo distanciamento, tentando encobrir suas emoções, pois acreditam que sua expressão dificulta o trabalho e desqualifica o desempenho profissional. Em nossa pesquisa e na de Camponez

(2014) está presente no jornalismo o modelo da objetividade, baseado em uma perspectiva racional que leva os jornalistas a deixarem de lado suas experiências pessoais.

Um dos pressupostos básicos para que o jornalista possa fazer o seu trabalho é o distanciamento crítico e o não envolvimento emocional com as fontes (Fidalgo, 1997). Essas questões foram levantadas pelo colaborador Marcos, que procura lidar com o tema de modo impessoal, tentando distanciar-se do desconforto despertado pela morte e considera essa postura como uma atitude importante para fazer um jornalismo sério e competente. Para noticiar conteúdos que envolvem mortes, guerras, suicídios é preciso manter distância para realizar seu trabalho.

É possível separar a função de participante e de investigador do jornalista? É necessário pensar em estratégias, que visem à ética do cuidado como possibilidade para que possa reconfigurar a objetividade presente no jornalismo, no qual os fatos noticiados não devem ser vistos por um ângulo meramente técnico ou atrelado às questões econômicas.

Ainda que a impessoalidade e o distanciamento afetivo também se façam presentes, essa não é a única possibilidade. Quando esses profissionais relataram o cuidado quanto à publicação de suicídios, reconhecem a alteridade, preocupam-se com as pessoas envolvidas e pelas emoções geradas pelo acontecimento. Os colaboradores enfatizaram que agir com respeito às pessoas implicadas é mais importante do que o temor do contágio, por essa razão, não noticiam o suicídio. Observamos, assim, como eles transitam entre a objetividade da notícia e o cuidado com as pessoas, exemplificado na postura de Marcos, que demonstra cuidado com os familiares enlutados e de Fábio que relatou seu envolvimento pessoal com o processo da notícia e que diante de imagens violentas preocupa-se com o leitor mais sensível.

É possível observar a ambivalência da morte escancarada nos meios de comunicação como aponta Kovács (2012). Por um lado, o suicídio dentro do espectro da morte tende a ser silenciado, distanciado, confiado à esfera privada. Por outro, o suicídio é exposto de modo dramático e escancarado como ocorre quando uma celebridade mata-se.

8.3 Os desafios do jornalismo atual: imediatismo, pressão e sofrimento psíquico

O suicídio entre profissionais foi uma questão que emergiu no depoimento de Marcela e de Fábio que relataram a morte por suicídio de um colega, associando a causalidade do evento às dificuldades enfrentadas pelos jornalistas nas redações. Marcela aponta que o suicídio é um tabu e um assunto pouco discutido nos jornais.

Todos os colaboradores demonstraram sentimento de indignação ao se referirem ao trabalho. A exigência quanto à publicação de reportagens em tempo real, a velocidade, a pressão para obter altos índices de audiência e a carga horária exaustiva são algumas das principais queixas desses profissionais, que evidenciaram o sofrimento psíquico existente nas redações.

Na nossa pesquisa e de Heloani (2006), observamos que o avanço da tecnologia exige que jornalistas estejam conectados todo o tempo e trabalhem nos horários de lazer, por essa razão os profissionais trabalham remotamente, sendo alcançáveis a qualquer momento. A busca pela excelência no trabalho tem como efeito colateral que a qualidade de vida do jornalista seja colocada em segundo plano, sendo assim, “a fronteira entre vida no trabalho e pessoal torna-se cada vez menos delineada” (Heloani, 2006, p. 175). A ausência de uma remuneração justa e adequada, além do medo de perder o emprego, são fatores estressantes na vida, segundo os colaboradores desse estudo. A vida particular é confundida com a atividade profissional e a carga de trabalho excessiva dificulta o exercício de outro tipo de atividade fora do jornalismo, como fica evidente nas falas de Fábio e Marcela. É importante levar em consideração as dificuldades enfrentadas por esses profissionais e os obstáculos presentes no jornalismo.

É unânime entre jornalistas a falta de tempo para realizar a comunicação em rede e produzir reportagens bem elaboradas e reflexivas. Moretzsohn (2000) aponta como consequência da aceleração do tempo nos jornais o fato do repórter ter de divulgar informações sobre as quais não tem certeza, reduzindo a elaboração em profundidade da notícia, dificultando a possibilidade de redigir reportagens com ângulos diferenciados capazes de provocar questionamentos no leitor. A dificuldade enfrentada pelos colaboradores, quanto ao tempo e à velocidade, é assinalada por Kucinski (2005) que refere à primazia da velocidade presente no jornalismo:

A quantidade tornou-se o critério da aprovação do trabalho, e as pautas deixaram de ser um exercício de criatividade para se tornar uma ordem de trabalho. O jornalista comum, hoje, é um trabalhador de uma linha de montagem, cuja esteira corre com velocidade cada vez maior (p. 109-110).

A instantaneidade presente na prática jornalística, que exige que o profissional desenvolva aptidões para o tratamento rápido e contínuo de informação, foi apontada por Bastos (2012) e pelos jornalistas dessa pesquisa. Essa exigência de rapidez aumenta a pressão e, conseqüentemente, gera sofrimento psíquico entre profissionais. A pesquisa de Penteado e Gastaldello (2016) e os nossos colaboradores apontaram problemas de saúde comuns em

jornalistas: desgaste, estresse, depressão, ansiedade e doenças físicas geradas devido aos esforços de adaptação dos trabalhadores aos novos recursos e tecnologia, que reconfiguraram as condições do trabalho jornalístico.

Como essas modificações e implicações no jornalismo afetam a publicação de notícias como o suicídio? Para Harvey (1989/2014) o aumento da velocidade gera consequências: “para os trabalhadores, tudo isso implicou uma intensificação dos processos de trabalho e uma aceleração na desqualificação e requalificação necessárias ao atendimento de novas necessidades de trabalho” (p. 257). Segundo Ramonet (2013), na era da informação pós-moderna a ideia de prazo deixou de existir visto que a informação passou a ser imediata. Para o autor, não há mais jornalistas e sim “imedialistas”, pois para fazer jornalismo de fato, é necessário tempo para analisar, verificar as informações e estudar sobre o tema.

A partir do relato dos colaboradores, tecemos considerações entre a comunicação em rede e a comunicação em massa para melhor compreender o trabalho dos jornalistas. Segundo os colaboradores, o imediatismo e a pressão sofrida no trabalho produzem efeitos no jornalismo: objetividade e descrição factual de ocorrências, elaboração de reportagens incompletas com apurações fragmentadas e superficiais que podem levar ao contágio. Reafirmamos o conceito de comunicação em massa abordado nesse estudo que tem como base a rapidez e a velocidade na propagação de informações. Salientamos que o suicídio é um ato que pode até ser repentino, mas a reflexão sobre o tema necessita de tempo para sua compreensão.

Com a competição cada vez mais acirrada a questão ética fica comprometida. As humilhações, a pressão e as exigências são recorrentes. Ressaltamos também que os jornalistas precisam buscar a interface entre o conhecimento de diversas áreas que contribuam para seu exercício profissional com compromisso e responsabilidade social, assunto que foi sugerido pela colaboradora Marcela, além da interdisciplinaridade. Batista (2009) refere à importância do jornalista para transitar por outras áreas a fim de ampliar o seu conhecimento, resgatando o conteúdo para que seja reproduzido, trazendo-o para a sociedade.

Os colaboradores relataram a ausência de treinamentos e diretrizes formais no jornalismo, sendo assim, as decisões são tomadas de “última hora” e a experiência profissional é adquirida por meio de erros e acertos. Almeida (2015) afirma que existe um embate entre qualidade e velocidade. No anseio de divulgar rapidamente um novo acontecimento muitos jornalistas acabam cometendo erros e a pressa pela publicação antes dos concorrentes coloca a qualidade da reportagem em segundo plano. A autora questiona se vale à pena abrir mão do cuidado em nome de ser o primeiro a divulgar um fato. Dessa

maneira, a busca por audiência passa a ser o fator primordial no jornalismo, dificultando a elaboração de reportagens reflexivas devido ao grande volume de trabalho e o pouco tempo disponível, configurando assim, a presença da comunicação em massa.

É importante destacar que nossa intenção não é condenar o trabalho dos jornalistas. Sabemos que, diante de todas as limitações existentes, além das pressões da concorrência, imediatismo, audiência é compreensível que alguns profissionais possam ter atitudes conflitantes quanto à publicação sobre suicídio. Ainda que os apontamentos críticos em nossa pesquisa se façam presentes, acreditamos que mesmo com as dificuldades impostas pela compressão do tempo-espço nos jornais, é possível aperfeiçoar e aprofundar a publicação de temas como o suicídio. Fábio aponta que existem jornais alternativos e cadernos nos quais existe espaço para propor debate sobre vários temas. Em nosso entendimento, esse tipo de jornalismo pode ocorrer também em veículos comerciais. O primeiro passo envolve a mudança de postura dos profissionais, sobretudo, das empresas jornalísticas que precisam investir não apenas na velocidade e acúmulo de notícias e sim na qualidade de seu conteúdo. Como vimos, o leitor também assume a responsabilidade relativa ao conteúdo, pois é justamente na busca em atender aos desejos desse receptor que o jornalista publica conteúdos diversificados.

Apresentamos uma proposta de mudança na forma de elaborar as notícias de suicídios nos jornais. Citamos como exemplo a colaboradora Marcela que demonstrou cuidado, sensibilidade, conhecimento, exercendo a comunicação em rede, mostrando-se empenhada em estudar a temática do suicídio. Para ela, a prática jornalística deve buscar analisar, contextualizar o fenômeno, promover debates, menos calcada em fatos. Enfatiza que as reportagens devem divulgar locais de cuidados para pessoas que pensam em suicídio. Esse modo de fazer jornalismo tende a favorecer a reflexão e a discussão sobre o tema do suicídio, evitando respostas prontas e possivelmente equivocadas. Reconhecemos que se trata de uma proposta ousada, por isso a importância dos jornalistas refletirem juntos com outros profissionais como aperfeiçoar a cobertura de suicídios nos meios de comunicação.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos investigar como os jornalistas noticiam o suicídio na mídia. A partir das entrevistas realizadas com esses profissionais, traçamos um panorama acerca dos tópicos relacionados com os objetivos dessa pesquisa.

Em um primeiro momento, pensávamos que a mídia pudesse gerar o contágio do ato suicida. Ao longo dessa pesquisa, passamos a problematizar as definições sobre o fenômeno, logo, surgiram os seguintes questionamentos: Qual a função da mídia nesse processo? Quais são os elementos envolvidos no contágio? Noticiar o suicídio na mídia induz outras pessoas a tirarem a própria vida? O suicídio é contagiante?

Notamos uma visão simplista em relação ao contágio que está ancorada no estudo pioneiro de David Phillips (1974) sobre o *Efeito Werther*. Os aportes teóricos partem do pressuposto de que o suicídio é contagioso. Nesse estudo, foi possível observar que as teorias sobre o fenômeno necessitam de aprofundamento e análise crítica, de modo que a concepção de que a mídia é a causa do contágio do suicídio já está internalizada pela maioria dos jornalistas que obedecem às recomendações dos jornais sobre não noticiar o suicídio, devido ao receio da imitação. Destacamos a importância de investigar com profundidade os meandros e as nuances que dizem respeito à possibilidade de contágio. Cheng, Li, Silenzio e Caine (2014) ressaltam a necessidade de desenvolver uma compreensão mais clara acerca dos fatores envolvidos no suicídio, especificadamente, a mídia, para que possamos elaborar estratégias de prevenção e intervenção.

Os jornalistas dessa pesquisa referiram-se ao contágio como um fenômeno incerto, indeterminado, dubitável. Em outros termos, não foi possível observar um posicionamento claro desses profissionais, sendo que a maioria não tem conhecimento aprofundado sobre o tema. Apontaram que o contágio é somente uma hipótese, que ainda causa receio entre jornalistas, que acreditam que em alguns casos a mídia pode estimular a ocorrência de outros suicídios.

Na análise dessa pesquisa ficou claro que ainda não há um consenso entre os jornalistas sobre como e quando abordar o suicídio na mídia. A tese defendida pela maioria dos colaboradores é de que não há evidências que comprovem o efeito de uma reportagem a ponto de ocasionar o suicídio de outras pessoas, embora a mídia possa influenciar, dependendo da abordagem. Em nosso ponto de vista, noticiar o tema na mídia não determina o suicídio de outras pessoas, porém as informações sobre o método, o local da cena suicida e o modo como esse conteúdo é noticiado pode favorecer o espetáculo do suicídio, que pode

levar ao contágio, principalmente quando a questão tratada envolve celebridades e figuras públicas.

As opiniões dos colaboradores transitaram entre a possibilidade de contágio por meio das notícias e a contestação dessa ideia. Apontaram que as informações minuciosas sobre o suicídio devem ser evitadas na mídia, pois pode haver o risco de contágio. Entretanto, os jornalistas buscam expor os detalhes quando a pessoa que se mata é uma celebridade, atraindo a atenção dos leitores e aumentando o índice de audiência do jornal. Dessa maneira, o suicídio na pós-modernidade tornou-se uma marca do consumo, um espetáculo midiático cuja imagem é propagada pelos meios de comunicação.

A mídia exerce um papel importante, porém ela não é causa do contágio. Nessa pesquisa, destacamos os possíveis fatores presentes no fenômeno: a comunicação em massa marcada pelo espetáculo e o fascínio do suicídio; o consumo das imagens suicidas atrelado ao processo de identificação e os elementos socioculturais vinculados à relação urbanismo-saúde. A partir dessa compreensão foi possível ressignificar a culpabilização da mídia, o que possibilitou a revisão de certas compreensões sobre o contágio do suicídio.

O presente estudo apontou que os jornalistas não publicam sobre o suicídio por respeito aos familiares enlutados, por tratar-se de um evento de foro íntimo, pelo medo do contágio, devido à aparente falta de interesse no tema e também pela falta de preparo durante a graduação. Podemos levantar a seguinte hipótese sobre a natureza dessa atitude frente ao suicídio: a falta de conhecimento dos jornalistas sobre como abordar o suicídio na mídia, com cunho educativo e preventivo.

É importante refletir que embora o tema não tenha sido abordado durante a graduação, a atuação de cada profissional depende não apenas de sua formação acadêmica, mas as informações podem ser buscadas a partir do interesse de cada jornalista em aprimorar seu conhecimento, como podemos observar na postura de Marcela.

A colaboradora demonstrou interesse em trabalhar com a temática do suicídio e sua prevenção. É preciso pensar em possibilidade de atuação dos jornalistas, visando à melhoria na cobertura de reportagens de suicídios, que, segundo Marcela, devem ser realizadas com profissionais de diversas áreas de modo que o conhecimento seja compartilhado, sem ficar restrito apenas ao ambiente acadêmico.

Segundo Marcela, os jornalistas são atores importantes na questão do suicídio cuja função não se restringe apenas a noticiar os fatos, mas também os profissionais devem militar em favor da prevenção do suicídio. Nesse estudo, observamos que o suicídio ainda é visto como um problema que diz respeito apenas à pessoa que se mata e à família enlutada.

Considerando o suicídio como um problema social e de saúde pública, Marcela foi a única jornalista desse estudo que relatou ter conhecimento sobre como noticiar o suicídio de forma educativa, visando sua prevenção. A colaboradora traz a luz reflexões importantes sobre o tema ao abordá-lo como uma questão que atinge a esfera pública e tem amplitude global.

Uma proposta quando você terminar seu mestrado é dar uma palestra para os *trainees* do jornal aonde trabalho. Todo ano formamos *trainees* novos e esse seria um assunto que seria interessante estar dentro do programa. Um dia chegar e conversar com os jornalistas que estão se formando e nunca ouviram falar sobre isso. Assim como em outros lugares e redações. É uma forma da academia ajudar, formatar uma palestra e ir divulgando isso na redação de forma constante porque não adianta ser uma vez só (Depoimento da jornalista Marcela).

Segundo Marcela, muitos dos profissionais da redação, que trabalham com ela, sofrem de depressão, ainda que características pessoais possam influenciar, é importante pensar o adoecimento e o suicídio em uma perspectiva macrosocial. Trata-se de um problema de ordem sociocultural que diz respeito ao ambiente em que o indivíduo está inserido. Sua perspectiva vai ao encontro das estratégias de prevenção do suicídio mencionadas nessa pesquisa. Conforme ressaltamos, o suicídio não deve ser visto como um problema a ser tratado apenas no ambiente clínico. Nessa pesquisa, defendemos a ideia de que o ato suicida é a denúncia de um problema que envolve a sociedade e necessita da colaboração de todos para que se possa realizar a prevenção.

É, portanto, fundamental entender o papel da mídia para fomentar a conscientização pública e a prevenção do suicídio. Mais importante que a decisão de noticiar ou não o suicídio, cabe à reflexão a respeito da abordagem do tema. Assim, esse estudo não pretende encerrar o assunto ou fornecer conclusões. Convidamos o leitor a dialogar conosco e com os jornalistas sobre a temática do suicídio e sua prevenção. Esperamos que esse trabalho possa despertar inquietações, abrir novos caminhos para trocas, discussão e compartilhamento, de modo a fortalecer a militância em favor da vida e tecer redes de apoio.

REFERÊNCIAS

- Abrutyn S., & Mueller A. S. (2014). Are suicidal behaviors contagious in adolescence? Using longitudinal data to examine suicide suggestion. *American Sociological Review*, 79(2), 211–227. doi: 10.1177/0003122413519445
- Ales Bello. A. (2006). *Introdução à fenomenologia*. Bauru, São Paulo: EDUSC.
- Almeida, L. M. (2015). A revisão da notícia web: um embate entre velocidade e qualidade. *Caderno Cespuc*, 26, 204-239.
- Alvarez, A (1999). *O Deus selvagem: um estudo do suicídio*. (S. Moreira, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Publicação original de 1971).
- Angrimani, D. (1995). *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus.
- Ariés, P. (2014). *O homem diante da morte* (L. Ribeiro, trad.) São Paulo: UNESP. (Publicação original de 1977)
- _____. (1982). *História da morte no Ocidente*. (L. Ribeiro, trad.) Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Publicação original de 1975)
- Artaud, A. (2007). *Van Gogh o suicida da sociedade* (F. Gullar, trad.). Rio de Janeiro: José Olympio. (Publicação original de 1974)
- Ayers J.W., Althouse B. M., Leas E.C., Dredze M., & Allem J. P. (2017). Internet searches for suicide following the release of 13 Reasons Why. *JAMA Intern Med*, 177(10), 1418-1419. doi: 10.1001/jamainternmed.2017.3333
- Bando, D. H., & Barrozo, L. V. (2010). O suicídio na cidade de São Paulo: uma análise sob a perspectiva da Geografia da Saúde. São Paulo: Humanitas.
- Bardoel, J., & Deuze, M. (2001). Network Journalism: Converging Competences of Media Professionals and Professionalism. *Australian Journalism Review*, 23 (2), 91-103. Recuperado de <http://hdl.handle.net/2022/3201>

- Bastos, H. (2012). A diluição do jornalismo no ciberjornalismo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. 9(2), 284-298. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2012v9n2p284>
- Batista, E. P. A, (2009). Interdisciplinariedade como mediadora da veracidade: o diálogo sobre jornalismo, história e antropologia. *Revista de Estudos da Comunicação*, 10(21): 69-74. Recuperado de <https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/view/18465>
- Baudrillard, J. (1995). *A sociedade de consumo*. (A. Morão, trad.) Rio de Janeiro: Elfos.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt. Bauman*. (C.A. Medeiros, trad.) Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. (P. Dentzien, trad.) Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (2001). *Modernidade líquida*. (P. Dentzien, trad.) Rio de Janeiro: Zahar.
- Becker, E. (2017). *A negação da morte: uma abordagem psicológica sobre a finitude humana*. (L. C. Nascimento, trad.). Rio de Janeiro: Record. (Publicação original de 1973)
- Bell, J., Stanley, N., Mallon, S., & Manthorpe, J. (2015). Insights on processes and mechanisms from young people bereaved by suicide: Narratives of Suicide Contagion. *Suicidology Online*, 6(1), 43-52. Recuperado de <https://hydra.hull.ac.uk/assets/hull:12345/content>
- Berman, M. (1988). *Tudo que é sólido desmancha no ar*. (C. F. Moisés; A. M. Ioriatti, trad.) São Paulo: Companhia das Letras. (Publicação original de 1982)
- Berger, P., & Luckmann, T. (1973). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento* (F. S. Fernandes, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Publicação original de 1966)
- Bleger, J. (1998). *Temas de psicologia: entrevistas e grupos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Boff, L. (2014). *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Rio de Janeiro: Vozes.

- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. (M.J.Alvarez; S.B. Santos; T. M. Baptista, trads.) Portugal: Porto.
- Borba, J. M. P. (2010). A fenomenologia em Husserl. *Revista do NUFEN*, 2(2), 90-111. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912010000200007&lng=pt&tlng=pt
- Botega, N. J. (2015). *Crise suicida: avaliação e manejo*. Porto Alegre: Artmed.
- _____. (2014). Comportamento suicida: epidemiologia. *Psicologia USP*, 25(3), 231-236. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20140004>
- Brasil. Ministério da Saúde. *Diretrizes brasileiras para um plano nacional de prevenção do suicídio*. Portaria nº 1.876 de 14 de agosto de 2006. Recuperado de http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt2395_11_10_2011.html
- Bucci, E. (2000). *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bunch, J., & Barraclough, B. (1971). The influence of parental death and anniversaries upon suicide dates. *The British Journal of Psychiatry*, 118(547), 621-626. doi: 10.1192/bjp.118.547.621
- Caldas, A. (2002). O desafio do velho jornal é preservar seus valores. In Caldas, A (Org.). *Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet*. (pp. 17-40), São Paulo: Loyola.
- Camargo, J. (2008). *Ecos do fragor: a invasão do Iraque em 2003: a mídia internacional e a imprensa brasileira* (Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília.
- Camponez, C. (2014). Entre verdade e respeito – por uma ética do cuidado no jornalismo. *Comunicação e Sociedade*, 25, 110-123. Recuperado de <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/1863>
- Campos, C. C. G., & Souza, S. J. (2003). Mídia, cultura do consumo e constituição da subjetividade na infância. *Psicologia Ciência Profissão*, 23(1), 12-21. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932003000100003>

- Cantor, H.C., & Baume, P.J. (1998). Access to methods of suicide: what impact? *Australian & New Zealand Journal of Psychiatry*, 32(1), 8-14. Recuperado de 10.1046/j.1440-1614.1998.00378.x
- Cardoso, G. (2010). Da comunicação em massa à comunicação em rede: modelos comunicacionais e a sociedade da informação. In Moraes, D (Org.). *Mutações do visível: da comunicação de massa à comunicação em rede* (pp. 23-52). Rio de Janeiro: Pão e Rosa.
- Cassorla, R. M. S. (2017). *Suicídio: fatores inconscientes e aspectos socioculturais: uma introdução*. São Paulo: Blucher.
- _____. (2004). Suicídio e autodestruição humana. In B. S. G. Werlang, & J. N. Botega (Org.). *Comportamento suicida* (pp. 21-35). Porto Alegre: Artmed.
- _____. (1992). Prefácio. In: Kovács, M. J. *Morte e Desenvolvimento Humano*. (pp. 15-19). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- _____. (1991). *Do Suicídio: estudos brasileiros*. Campinas, São Paulo: Papirus.
- Charaudeau, P. (2013). *Discurso das mídias*. (A. M. S. Corrêa, trad.) São Paulo: Contexto.
- Chauí, M. (2006). *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Cheng Q., Li H., Silenzio V., Caine E. D. (2014) Suicide Contagion: A Systematic Review of Definitions and Research Utility. *PLoS ONE*, 9(9). Recuperado de doi: 10.1371/journal.pone.0108724
- Christofoletti, R. (2008). *Ética no jornalismo*. São Paulo: Contexto.
- Christofoletti, R., & Triches, G. L. (2014). Interesse público no jornalismo: uma justificativa moral codificada. *Famecos*: Porto Alegre, 21(2), 484-503. Recuperado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/17588>
- Cobain, B., Larch, J. (2006). *Dying to be free: A healing guide for families after a suicide*. Minnessota: Hazelden.

Coleman, L. (2004). *The copycat effect*. New York: Paraview.

_____. (1987). *Suicide Clusters*. Massachusetts: Faber & Faber.

Colt, G. H. (1991). *November of the soul: the enigma of suicide*. New York: Scribner.

Conselho Federal de Psicologia. (2013). *Suicídio e os Desafios para a Psicologia*. Brasília - DF. Recuperado de <http://site.cfp.org.br/publicacao/suicidio-e-os-desafios-para-a-psicologia>

Côrte, B., Khoury, H. T., & Mussi, L. H. (2014). Suicídio de idosos e mídia: o que dizem as notícias?. *Psicologia USP*, 25(3), 253-261. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20140003>

Da Matta, R. (1997). *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco.

Dantas, D. S. (2005). A significação da morte voluntária Estudo sobre o papel da mídia em suicídios contemporâneos. *Facom/UFJF*, 8(1-2), 47-61. Recuperado de www.ufjf.br/facom/files/2013/03/Lumina14-15-DeniseSouzaDantas.pdf

Daolio, E. (2010). Suicídio: um alerta para uma sociedade autodestrutiva. *Saúde coletiva*, 07(44), 253-258. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84215143007>

Daolio, E. R., & Silva, J. V. (2009). Os significados e os motivos do suicídio: As representações sociais de pessoas residentes em Bragança Paulista, *Bioethikos*, 3(1), 68-76. Recuperado de <https://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/68/68a76.pdf>

Dapieve, A. H. M. (2007). *Morreu na Contramão: o suicídio como notícia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (2006). Suicídio por contágio – A maneira pela qual a imprensa trata a morte voluntária. (Dissertação de Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. (E. S. Abreu, trad.) Rio de Janeiro: Contraponto.

- Doenças nervosas e intervenção do psicólogo (1990). *Psicol. Cienc. Prof.* 10(1), 8-9. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931990000100004>
- Durkheim, E. (2013). *O Suicídio: Estudo de sociologia* (M. Stahel, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Publicação Original de 1897)
- Eco, U. (1970). *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva.
- Endo, P. C. (2005). *A Violência no Coração da Cidade: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Escuta.
- Ewald, A. P. (2008). Fenomenologia e existencialismo: articulando nexos, costurando sentidos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 8(2), 149-165. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812008000200002&lng=pt&tlng=pt.
- Federação Nacional dos Jornalistas. (2007). *Código de ética dos jornalistas brasileiros*. Vitória. Recuperado de http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf
- Fensterseifer, C., & Werlang, B. S. G. (2006). Comportamentos auto-destrutivos: subprodutos da modernidade. *Psicologia Argumento*, 24(47), 35-41. Recuperado de <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?ddl=489&dd99=view&dd98=pb>
- Ferrari, P. (2014). *Jornalismo digital*. São Paulo: Contexto.
- Fidalgo, A (1997). A distância como virtude. Considerações sobre ética da comunicação. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação (BOCC)*. Recuperado de <http://www.bocc.ubi.pt/>
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. (J. E. Costa, trad.) Porto Alegre: Bookman.
- Fontenelle, P. (2008). *Suicídio o futuro interrompido: guia para sobreviventes*. São Paulo: Geração Editorial.
- Freud, S. (2011). *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. (P.C. Souza, trad.) São Paulo: Companhia das Letras. (Publicação original de 1921)

- Fukumitsu, K. O. (2013). *O processo de luto do filho da pessoa que cometeu suicídio*. (Tese de doutorado), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- _____. (2012). *Perdas no desenvolvimento humano: um estudo fenomenológico*. São Paulo: Digital Publish & Print.
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. (R. Filker, trad.) São Paulo: UNESP.
- Goethe, J. W. (2002). *Os sofrimentos do jovem Werther*. (M. Backes, trad.) Porto Alegre: LP&M. (Publicação original de 1774)
- Gould, M. S. & Lake, A. M. (2013). The contagion of suicidal behavior. In Forum on Global Violence Prevention; Board on Global Health; Institute of Medicine; National Research Council. Contagion of Violence: Workshop Summary. Washington (DC): National Academies Press.
- Gould, M., Jamieson, P., & Romer, D. (2003). Media contagion and suicide among the young. *The American Behavioral Scientist*, 46(9), 1269-1284. doi: 0.1177/000276420225067
- Grando, C. P. (2010). O suicídio na pauta jornalística. *Observatório da Imprensa*. 596, 1-16. Recuperado de <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-suicidio-na-pauta-jornalistica/>
- Guillon, C., & Bonniec, Y.L. (1984) *Suicídio: modo de usar*. (M.A. Villas, trad.) São Paulo: EMW.
- Hall, S. (2011). *A identidade cultural na pós-modernidade*. (T. T. Silva; G. L. Lour, trad.) Rio de Janeiro: DP&A.
- Harvey, D. (2014). *A condição pós-moderna*. (A. U. Sobral; M. S. Gonçalves, trad.) São Paulo: Loyola. (Publicação original de 1989)
- Hawton, K., Saunders, K. E., & O'Connor, R. C. (2012). Self-harm and suicide in adolescents. *Lancet*, 23(379), 2373–2382. doi: 10.1016/S0140-6736(12)60322-5.
- Heloani, R. (2006). O trabalho do jornalista: estresse e qualidade de vida. *Interações*. 12(22), 171-198. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35402208>

Hollanda, C. B. (1971). *Construção*. Construção, LP.

Houaiss, A., & Villar, M. S. (2009). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Insel B. J., & Gould M. S. (2008). Impact of modeling on adolescent suicidal behavior. *Psychiatric Clinics of North America*, 2(31), 293–316. doi: 10.1016/j.psc.2008.01.007

Jamieson, P., Jamieson, K. H., & Romer. (2003). The responsible reporting of suicide in print journalism. *American Behavioral Scientist*. 46(12), 1643–1660. Recuperado de <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0002764203254620>

Jamison, K.R. (2010). *Quando a noite cai: entendendo a depressão e o suicídio*. (G. B. Soares, trad.) Rio de Janeiro: Gryphus.

Kalina, E., & Kovadloff, S. (1983). *As cerimônias da destruição*. (S. Alberti, trad.) Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Kellner, D. (2001). *A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. (I. C. Benedetti, trad.) Bauru: EDUSC.

Kellner, D., & Share, J. (2008). Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. *Educação & Sociedade*, 29(104) 687-715. Recuperado de <http://www.cedes.unicamp.br>

Koburger N. et al. (2015) Celebrity suicide on the railway network: Can one case trigger international effects? *Journal of Affective Disorders*. 1(185), 38–46. doi: 10.1016/j.jad.2015.06.037

Kovács, M J. (2017). Suicídios – tantos porquês. *Jornal da USP*. Recuperado de <http://jornal.usp.br/artigos/suicidios-tantos-porques/>

_____. (2015). Resenha “Suicídio e Luto: histórias de filhos sobreviventes”. *Revista Brasileira de Psicologia*, 02(02), 116-118, Salvador, Bahia, 2015.

_____. (2014). Apresentação. *Psicologia USP*, 25(3), 229-230. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/0103-6564AD20142503>

- _____. (2013). Revisão crítica sobre conflitos éticos envolvidos na situação de suicídio. *Psicologia: Teoria e Prática*, 15(3), 69-82. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000300005&lng=pt&tlng=pt
- _____. (2012) Educadores e a morte. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 71-81. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572012000100008>
- _____. (2005). Educação para a morte. *Psicologia ciência e profissão*, 25(3), 484-497. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932005000300012>
- _____. (2003). *Educação para a morte: Desafio na formação de profissionais de saúde e educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- _____. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kübler- Ross, E. (2008). *Sobre a morte e o morrer*. (P. Menezes, trad.) São Paulo: Martins Fontes. (Publicação original de 1969)
- Kucinski, B. (2005). *Jornalismo na era virtual: ensaio sobre o colapso da razão ética*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/UNESP.
- _____. (2002). Jornalismo e saúde na era neoliberal. *Saúde e Sociedade*, 11(1), 95-103. Recuperado de www.revistas.usp.br/sausoc/article/viewFile/7072/8541
- _____. (2000). Jornalismo, saúde e cidadania. *Interface*, 4(6), 181-186. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832000000100025>
- Kucinski, B., & Lima, V. A. (2009). *Diálogos da perplexidade: reflexões críticas sobre a mídia*. São Paulo: Perseu Abramo.
- Kuczynski, E. (2014). Suicídio na infância e adolescência. *Psicologia USP*, 25(3), 246-252.
- Landsberg, P. L. (2009). *Ensaio sobre a experiência da morte e outros ensaios* (E. S. Abreu; E. Aguiar; C. Benjamin, trad). Rio de Janeiro: Contraponto. (Publicação original de 1946)
- Le Bon, G. (2008). *Psicologia das multidões*. (M. S. Cunha, trad.) São Paulo: Martins Fontes. (Publicação original de 1895)

- Lévy, P. (2003). *O que é o virtual*. (P. Neves, trad.). São Paulo: 34.
- Lipovsky G. & Serroy, J. (2015). *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. (E. Brandão, trad.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Loureiro, P. R. A., Moreira, T. B., & Sachsida, A. (2013). *Os efeitos da mídia sobre o suicídio: uma análise empírica para os estados brasileiros*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Recuperado de http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=19662
- Lüdke, M., & André. M. E.D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Pedagógica e universitária.
- Magnani, J. G. C. (2016). Antropologia Urbana: desafios e perspectivas. *Revista de Antropologia*. 59(3), 174-203. Recuperado de [ttp://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2016.124814](http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2016.124814)
- Maia A. (2007). Telenovela: projeção, identidade e identificação na modernidade líquida. *Revista E-Compós*, 9(2), 2-24. Recuperado de http://www.compos.org.br/files/24ecompos09_AlineMaia.pdf
- Mannarino, M. V. R. (2000). *O papel do webjornal: veículo de comunicação e sistema de informação*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Marcondes Filho, C. (2009). *Ser jornalista: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões*. São Paulo: Paulus.
- _____. (1986). *O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza*. São Paulo: Ática.
- Marquetti, F. C. (2017). *Subjetividade na cultura contemporânea: suicídio, comunicação e contágio. Discussão sobre a série “Os treze por quês”*. Palestra Proferida na Semana de Prevenção ao Suicídio: O comportamento suicida na perspectiva da sociedade contemporânea. Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP, São Paulo, em 13 de setembro de 2017.
- _____. (2014). O suicídio e sua essência transgressora. *Psicologia USP*, 25(3), 237-245. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20140006>

- _____. (2011). *O suicídio como espetáculo na metrópole: Cenas, cenários e espectadores*. São Paulo: FAP-UNIFESP.
- Martin, G., & Koo, L. (1997). Celebrity suicide: Did the death of Kurt Cobain influence young suicides in Australia? *Archives of Suicide Research*, 3(3), 187–198. Recuperado de <https://doi.org/10.1080/13811119708258271>
- Martins, J. & Bicudo, M.A.V. (1989) *A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Moraes/ EDUC.
- Meditich, R. (2004). A formação para a práxis profissional do jornalista: uma experiência brasileira inspirada em Paulo Freire. *Comunicação e Sociedade*. 5, 25-38. Recuperado de [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.5\(2004\).1243](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.5(2004).1243)
- Mello, M. F. (2000). O Suicídio e suas relações com a psicopatologia: análise qualitativa de seis casos de suicídio racional. *Caderno Saúde Pública*, 16(1), 163-170. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2000000100017>
- Menninger, K. (1970). *Eros e Thanatos. O homem contra si próprio*. (A. Arruda, trad.). São Paulo: Ibrasa.
- Minayo, M. C. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 621-626. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>
- _____. (1996). *Fase de análise ou tratamento do material. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo – Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco.
- Minayo, M. C. S., Cavalcante, F. G. (2010). Suicídio entre pessoas idosas: revisão da literatura. *Revista de Saúde Pública*, 44(4), 750-757. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102010000400020>
- Moreira, F. (2006). *Os valores-notícia no jornalismo impresso: análise das ‘características substantivas’ das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo*. (Dissertação de Mestrado). Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre.
- Moretzsohn, S. (2000). *A velocidade como fetiche – o discurso jornalístico na era do “tempo real”* (Dissertação de Mestrado em Comunicação Social). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

- Moustakas. C. (1994). *Phenomenological research methods*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Mueller, A. S. (2017). Does the media matter to suicide?: Examining the social dynamics surrounding media reporting on suicide in a suicide-prone. Community, *Social Science & Medicine*, 180, 152-159. doi: 10.1016/j.socscimed.2017.03.019
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2000). *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia*. Genebra, Suíça. Departamento de Saúde Mental.
- Palacios, M., Mielniczuk, L., Barbosa, S., Ribas, B., & Narita, S. (2002). Um mapeamento de características e tendências no jornalismo on-line brasileiro e português. *Revista de Comunicação e Arte*, 1(2), 1-15. Recuperado de <http://www.facom.ufba.br/jol/index.htm>
- Park, R. E. (1976). A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. (S. M. Santeiro, trad.) In Velho, O. G. (org.). *O fenômeno urbano*. (pp. 29-72), Rio de Janeiro: Zahar.
- Penteado, R. Z., Gastaldello, L. M. (2016). Saúde e qualidade de vida de jornalistas: estudo de revisão. *Revista Brasileira em Promoção de Saúde*, Fortaleza, 29(2): 295-304. Recuperado de <http://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/4368>
- Pereira, M., & Ferreira, F. (2002). Desafios da ética. In Caldas, A (Org.). *Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet*. (pp. 193-205), São Paulo: Loyola.
- Phillips, D.P. (1974). The Influence of Suggestion on Suicide: Substantive and Theoretical Implications of the Werther Effect. *American Sociological Review*. 39(3), 340-354. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.2307/2094294>
- Pope, C., & Mays, N. (1995). Qualitative Research: reaching the parts other methods cannot reach: an introduction to qualitative methods in health and health service research. *British Medical Journal*, 311, 42-45. Recuperado de <https://doi.org/10.1136/bmj.311.6996.42>
- Pozobon, R. O. (2009). A morte como espetáculo: Michael Jackson agendado e formatado segundo as regras do discurso midiático. *Revista de Estudos da Comunicação*, 10(23), 229-234. Recuperado de <https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/view/22312/0>

Puente, F. R. (2008). *Os filósofos e o suicídio*. Belo Horizonte: UFMG.

Ramonet, I. (2013). A explosão do jornalismo na era digital. In Moraes, D. D; Serrano, P; Ramonet, I. (Org.). *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. (pp. 85-102). São Paulo: Boitempo.

Rodrigues, J. C. (2006). *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Fiocruz.

Rodrigues, E. (2002). Em cada editoria um desafio diferente. In Caldas, A (Org.). *Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet*. (pp. 79-93), São Paulo: Loyola.

Roehe, M. V. (2006). Uma abordagem fenomenológico-existencial para a questão do conhecimento em psicologia. *Estudos de Psicologia*, 11(2),153-158. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200004>

Rondelli, E., & Herschmann, M. (2000). A mídia e a construção do biográfico: o sensacionalismo em cena. *Tempo Social USP*, 12(1) 201-218. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702000000100011>

Safra, G. (2004). *A po-ética na clínica contemporânea*. São Paulo: Ideias & Letras.

Sampaio, M.A., & Boemer, M.R. (2000). Suicídio- um ensaio em busca de um des-velamento do tema. *Revista Escola de Enfermagem USP*, 34(4), 325-331. doi: 10.1590/S0080-62342000000400002

Santiago, A. (2013). Celebridades nas redes sociais: diário da vida pública e/ou privada? In 8º Congresso *SOPCOM: Comunicação Global, Cultura e Tecnologia: Livro de Atas*, Lisboa, Escola Superior de Comunicação Social, 1182-1189. Recuperado de http://www.sopcom.pt/sub/pag/atas_de_congressos_sopcom

Santos A. B. D (2008). Impacto do suicídio – ataque ao ser: pacientes, familiares e equipe de cuidados. In: Kovács, M. J. (Org.). *Morte e existência humana: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção*. (pp. 112-124), Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Sartre, J. P. (2002). *O Ser e o Nada: ensaio de uma ontologia fenomenológica*. (P. Perdigão, trad.) Petrópolis, RJ: Vozes. (Publicação original de 1943)

- Schmidtke, A., & Hafner, H. (1988). The Werther effect after television films: New evidence for an old hypothesis. *Psychological Medicine*, 18 (3), 665-676. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1017/S0033291700008345>
- Sennett, R. (1998). *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. (L. A. Watanabe, trad.) São Paulo: Companhia das Letras. (Publicação original de 1976)
- Shneidman, E. S. (1996). *The suicidal mind*. Londres: Oxford University Press.
- _____. (1993). *Suicide as psychache: a clinical approach to self-destructive behavior*. New Jersey: Jason Aronson Inc.
- _____. (1985). *Definition of suicide*. New Jersey: Jason Aronson Inc.
- Siblia, P. (2010). Celebridade para todos: um antídoto contra a solidão?. *Ciência e Cultura*, 62 (2), 38-44. Recuperado de http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000200022&lng=en
- _____. (2008). *O show do Eu – A intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Silva, M. (2008). *Suicídio trama da comunicação*. São Paulo: Scortecci.
- Silva, T. P. S. S., Sourgey, E.B., & Silva, J. (2015). Estigma social no comportamento suicida: reflexões bioéticas. *Revista Bioética*, 23 (2), 419-426. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/1983-80422015232080>
- Silverstone, R. (2002). *Por que estudar a mídia?* (M. C. Mota, trad.). São Paulo: Loyola.
- Simmel, G. (1976). Metrópole e a vida mental. (S. M. Reis, trad.) In Velho, O. G. (Org.) *O fenômeno Urbano*. (pp.13-28), Rio de Janeiro: Zahar.
- Sodré, M., & Ferrari, M.H. (1986). *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus.
- Souza, J. P. (2005). *Elementos do jornalismo impresso*. São Paulo: Letras Contemporâneas.

- Stack, S. (2015). Crisis Phones – Suicide Prevention Versus Suggestion/Contagion Effects. *Crisis*, 36(3), 220-224. doi: 10.1027/0227-5910/a000313
- _____. (2003). Media coverage as a risk factor in suicide. *Journal of Epidemiology and Community Health*, 57(4), 238-240. doi: 10.1136/jech.57.4.238
- Steganha, E. (2010). *Jornalismo na internet: A influência das redes sociais no processo de confecção das notícias de entretenimento e celebridade*. (Dissertação de Mestrado em Comunicação Midiática). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista, São Paulo.
- Steel, E. (Produtor), & Steel, E. (Diretor). (2006). *The Bridge*. Estados Unidos/Reino Unido: IFC Films.
- Tarde, G. (2005). *The laws of imitation*. New York: H. Holt and Company. (Publicação original de 1992)
- _____. *A opinião e as massas*. (E. Brandão, trad.) São Paulo: Martins Fontes. (Publicação original de 1903)
- Tardivo, L. S. L. P. C. (2007). Sofrimento, desenraizamento e exclusão: relato de uma experiência com indígenas aculturados do Amazonas. *Psicólogo Informação*, 11(11), 113-126. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092007000100007&lng=pt&tlng=pt
- Thompson, J. B. (1999). *Mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. (W. O. Brandão, trad.) Petrópolis: Vozes.
- Tousignant, M., Mishara, B.L., Caillaud, A., Fortin, V., & St-Laurent, D. (2005). The impact of media coverage of the suicide of a well-known Quebec reporter: The case of Gaëtan Girouard. *S. Social Science & Medicine*, 60(9), 1919-1926. doi: 10.1016/j.socscimed.2004.08.054
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórica-epistemológica, discussão comparada e aplicação das áreas da saúde e humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Vaz, L. (2012). O problema do suicídio em Montaigne. *Kriterion*, 53 (126), 483-497. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2012000200010>

- Venco, S., & Barreto, M. (2010). O sentido social do suicídio no trabalho. *Revista Espaço Acadêmico*, 9 (108), 1-8. Recuperado de <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/10032>
- Villela, F. (2002). O líder do próximo milênio. In Caldas, A (Org.). *Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet*. (pp. 162-179), São Paulo: Loyola.
- Waiselfisz, J. J. (2014). *Mapa da Violência 2014 – Os Jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: Flasco & Ministério da Justiça. Recuperado de http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2014_jovens.php
- Werlang, B. S. G., & Asnis, N. (2004). Perspectiva histórico-religiosa. In Botega, N. J; Werlang, B. S. G (Orgs). *Comportamento suicida*. (pp. 75-93). Porto Alegre, RS: Artmed
- Wirth, L. (1976). O urbanismo como modo de vida. (M. C. Theuherz, trad.) In Velho, O. G. (org.). *O fenômeno urbano*. (pp. 97-122), Rio de Janeiro: Zahar.
- Wolton, D. (2011). *Informar não é comunicar*. (J. M. Silva, trad.) Porto Alegre: Sulina.
- World Health Organization. (2014). *Preventing suicide: a global imperative*. Geneva, Switzerland. Recuperado de http://www.who.int/mental_health/suicide-prevention/world_report_2014/en/
- Yalom, I. D. (2007). *O carrasco do amor e outras histórias sobre psicoterapia*. (M.A.V., Veronese, trad.) Rio de Janeiro: Ediouro.
- Zahavi, D. (2015). *A fenomenologia de Husserl*. (M.A. Casanova, trad.) Rio de Janeiro: Via Verita.
- Zilles, U. (2007). Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 13(2), 216-221. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000200005&lng=pt&tlng=pt

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A compreensão do suicídio por contágio e a relação com a exposição midiática

Área Temática:

Pesquisador: Esther Hwang

Versão: 3

CAAE: 54836616.8.0000.5561

Instituição Proponente: Universidade de São Paulo

Patrocinador Principal: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ)

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.599.332

Apresentação do Projeto:

O projeto denomina-se “A compreensão do suicídio por contágio e a relação com a exposição midiática”, e tem como pesquisadora responsável Esther Hwang, estudante de Pós-Graduação (em nível de Mestrado do IPUSP); foi recebido para análise deste CEPH em 05/04/2016, às 11h37. O estudo propõe uma análise da percepção dos profissionais da imprensa sobre o suicídio por contágio. A partir da questão norteadora Como você pensa que o suicídio deve ser noticiado?, formulada a “jornalistas, repórteres, escritores e editores”, a pesquisadora pretende extrair dados que possam contribuir com tratamentos na área da Saúde e favorecer reflexões entre os profissionais da imprensa – de forma a contribuir para a prevenção do fenômeno e para um melhor conhecimento do tema.

Objetivo da Pesquisa:

De acordo com a autora, a pesquisa visa a "compreender, identificar e levantar reflexões sobre o processo de suicídio por contágio, a relevância do papel da mídia e conhecer como os profissionais da mídia consideram que as informações a respeito do suicídio devem ser noticiadas." O projeto pretende, ainda, a partir das entrevistas com profissionais da imprensa, compreender sua percepção a respeito do fenômeno e, em consequência, propor formas profiláticas para o tratamento da questão, o que incluiria áreas como Educação, Psicologia e Comunicação.

Avaliação dos riscos e benefícios:

A entrevista será aplicada a profissionais da imprensa que teriam noticiado os suicídios, apresenta compromisso por escrito com a confidencialidade das identidades e a ressalva sobre a possibilidade da interrupção da entrevista a qualquer momento. Também garante a possibilidade de tratamento psicológico tendo em vista eventuais danos aos entrevistados, precisando a forma e o local para a eventual assistência.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

10 Profissionais da mídia (Entrevistas)

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória

O TCLE encontra-se adequado à Resolução 466/12, tendo sido atendidas as solicitações do CEPH.

Considerações Finais a critério do CEP

Se o projeto prevê aplicação de TCLE, todas as páginas do documento deverão ser rubricadas pelo pesquisador e pelo voluntário e a última página assinada por ambos, conforme Carta Circular no 003/2011 da CONEP/CNS. Salientamos que o pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEPH de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Lembramos que esta modificação necessitará de aprovação ética do CEPH antes de ser implementada. De acordo com a Res. CNS 466/12, o pesquisador deve apresentar a este CEP/SMS o relatório final do projeto desenvolvido, conforme preenchimento de Protocolo disponível na página do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP, do site do IPUSP. Em seguida, o protocolo preenchido deverá ser enviado ao CEPH pela Plataforma Brasil, ícone Notificação, logo que o mesmo estiver concluído.

Situação do Parecer: Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP: Não

SÃO PAULO, 20 de Junho de 2016

Assinado por:

Helena Rinaldi Rosa
(Coordenador)

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade de São Paulo
Instituto de Psicologia

Prezado (a) participante

Meu nome é Esther Hwang. Sou psicóloga CRP (06/113041) e estou realizando uma pesquisa de mestrado sob orientação da Profa. Dra. Maria Júlia Kovács, docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, no Programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. O título da minha pesquisa é: **A compreensão do suicídio por contágio e a relação com a exposição midiática** e tem como objetivo conhecer como os jornalistas abordam a questão do suicídio na mídia.

Gostaria de contar com a sua colaboração voluntária como entrevistado(a). Sua participação não é obrigatória e você terá a liberdade de participar e de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem que seja penalizado(a) ou prejudicado(a) de qualquer forma.

A entrevista deve durar aproximadamente 50 minutos. E, se houver necessidade, poderá ser realizada uma segunda entrevista com o seu consentimento. Caso esteja de acordo, o depoimento será gravado e o material ficará arquivado com acesso restrito a pesquisadora responsável e será utilizado exclusivamente para fins didáticos, bem como para publicação em periódicos e/ou apresentações em encontros científicos. Serão considerados os princípios éticos de que a pesquisadora manterá a privacidade, a confidencialidade e o sigilo sobre quaisquer informações que possam identificá-lo(a), assumindo a responsabilidade de omitir nomes e outros citados por você.

A pesquisadora buscará minimizar os riscos e garantirá assistência a qualquer dano que possa resultar da sua participação no estudo, se for necessário, será oferecido atendimento psicológico e encaminhado para o Serviço de Aconselhamento Psicológico, no Instituto de Psicologia da USP, localizado na Av. Prof. Mello Moraes, 1721, Bloco D – Cidade Universitária, CEP: CEP: 05508-900, Telefone: (011) 3091-4172, e-mail: aconpsi@usp.br.

Após ser esclarecido sobre as informações a respeito da pesquisa, será solicitado que assine o documento que está em duas vias. Você receberá uma cópia desse termo onde consta o telefone, endereço institucional do pesquisador, podendo tirar dúvidas sobre o projeto e sua participação.

Coloco-me à disposição em caso de possíveis dúvidas e para prestar esclarecimentos adicionais a qualquer momento, mesmo após o término da(s) entrevista(s).

Esther Hwang
Pesquisadora- IPUSP- PSA

Profa.Dra. Maria Júlia Kovács.
Docente do IPUSP

Assinatura do (a) participante

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA NA PESQUISA

Eu, _____, declaro que, após os esclarecimentos oferecidos pela pesquisadora, ter compreendido todas as etapas do estudo, ciente de todos os direitos e de acordo com os procedimentos nela envolvidos, consinto em participar da pesquisa: “A compreensão do suicídio por contágio e a relação com a exposição midiática” e ter as entrevistas gravadas. Declaro ainda que possuo uma cópia deste termo de consentimento.

Assinatura do(a) participante

São Paulo, _____, de _____, de 20_____.

Documento em duas vias (uma para o voluntário e outra para a pesquisadora)

Qualquer dúvida entrar em contato com a pesquisadora responsável Esther Hwang, psicóloga, CRP:06/113041, email: estherhwangp@gmail.com, ou no endereço: Avenida Prof. Mello Moraes, 1721, bloco G, Sala 26 CEP 05508-030 – Cidade Universitária- São Paulo- Telefone: (11) 3097-0529- email: ceph.ip@usp.br

ANEXO C (EM CD) – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Transcrição das entrevistas em CD